

IX 9Marcas

JONATHAN LEEMAN

A REGRA do AMOR

COMO A IGREJA LOCAL DEVE REFLETIR
O AMOR E A AUTORIDADE DE DEUS





“O amor é um dos temas mais populares e um dos ideais mais comumente invocados no mundo. É também um dos mais mal compreendidos. *A Regra do Amor* é uma crítica estimulante e intrépida da imagem de um amor insípido, egoísta e liberal (i.e., impuro) que prevalece na cultura contemporânea – e em muitas igrejas. É também a redescoberta de uma imagem teocêntrica de amor em que o amor de Deus pelo mundo está ligado a seu amor santo pela sua própria glória. Somente este último dá sentido ao evangelho e à disciplina eclesial. Qualquer livro que explica como a autoridade e o julgamento de Deus não são os opostos do seu amor, e sim a manifestação desse amor, é um livro radical – no sentido duplo de recuperar a fonte e de oferecer crítica profética. E este livro merece atenção séria e aceitação radical.”

Kevin J. Vanhoozer, professor de Teologia Sistemática,
Trinity Evangelical Divinity School

“Não conheço muitas pessoas que têm pensado tanto, tão seriamente e tão bem sobre a igreja quanto Jonathan Leeman. Ele nos ajuda a reconstruir nossa ideia da igreja local, não por rearranjar as paredes, e sim por reajustar os dois assoalhos que fortalecem a igreja – amor e autoridade. Parece que nossa cultura foi atraída para o amor e rejeitou a autoridade, porque não entende nenhum dos dois. Em um mundo que é rápido para reagir, Leeman nos desafia a parar e reconsiderar o amor, a autoridade e a maneira como foram planejados para se relacionarem mutuamente. Abre nossos olhos para nossas suposições e temores ocultos sobre o amor e a autoridade. Com precisão teológica e sensibilidade pastoral, Leeman faz muito mais do que salientar nossos problemas e temores. Também nos mostra a grande visão quanto ao evangelho operando no mundo por meio de uma igreja que entende corretamente o amor, a autoridade e a conexão inseparável entre eles. Esta é uma obra excelente para pastores, membros de igreja e até pessoas de fora da igreja que procuram entender o que os cristãos creem. Sou grato pelo fato de que Jonathan condensou seus anos de estudo sobre igreja e pastoreio de igreja num livro tão contundente, e estou animado com o fato de outros terem acesso a este livro.”

John Onwuchekwa, pastor, Cornerstone Church, Atlanta, Georgia; autor, *Prayer: How Praying Together Shapes the Church*

“Em uma época em que a autoridade é solapada em nome do amor, Leeman nos lembra proveitosamente que o amor e a autoridade não são opostos. Em vez disso, revigora-nos com a realidade bíblica de que o amor não é definido por si mesmo, e sim por Deus. Isso também significa que não podemos amar nossa família, nossa igreja, nosso próximo ou nossos amigos e deixar Deus fora do quadro. Amamos verdadeiramente quando amamos por amor a Cristo, porque somos colocados na órbita do amor de Deus por si mesmo.”

Abigail Dodds, autora, *(A)Typical Woman: Free, Whole, and Calles in Christ*; cooperadora,
desiringGod.org

“Embora múltiplas palavras possam ser usadas para descrever as muitas vantagens do novo livro de Jonathan Leeman, a palavra que mais me ocorre é *oportuno*. Por um lado, expressa, de maneira clara e adequada, como a nossa cultura tem deturpado a natureza do amor de Deus, especialmente em relação às ideias de autoridade e julgamento. Por outro lado, Leeman mostra, de maneira persuasiva e amorosa, como a Igreja de Jesus Cristo, armada com a visão bíblica do amor de Deus, pode apresentar, de muitas maneiras, para um mundo necessitado a bondade e a beleza de Deus. Cada igreja, com seus pastores e membros, precisa ler este livro oportuno.”

Julius J. Kim, deão de alunos e professor de Teologia Prática, *Westminster Seminary California*

“Nesta obra, Jonathan Leeman demonstra habilidosamente como uma abordagem do amor centrada em Deus é muito mais satisfatória e sustentável do que a abordagem fluida, anêmica e centrada no homem. À medida que explica como o amor centrado em Deus envolve elementos como santidade, disciplina e autoridade, este livro conciso traz clareza à nossa confusão cultural e propõe um desafio oportuno à Igreja: vocês manifestarão este amor ao mundo?”

Brett McCracken, editor sênior, *The Gospel Coalition*;
autor, *Uncomfortable: The Awkward and Essential Challenge of Christian Community*

“Não é somente a nossa sociedade que está confusa a respeito do que é o verdadeiro amor e de sua relação correta com a autoridade, mas também a Igreja, infelizmente. Depois de fazer um diagnóstico perceptivo da condição de nossa cultura, Jonathan Leeman oferece um antídoto teologicamente fiel para as opiniões distorcidas de amor e autoridade que temos adotado muito frequentemente. Corretamente fundamentado no amor santo de nosso Deus trino, antes de prosseguir e mostrar como amor e autoridade funcionam na Igreja, este livro é uma leitura indispensável se o povo de Deus quiser redescobrir a beleza e a glória de como nossas igrejas locais devem refletir o amor e a autoridade de Deus perante um mundo espectador. Minha oração e esperança é que este livro seja lido cuidadosamente e colocado em prática em nossa vida diária, para a saúde da igreja e glória de nosso Deus trino.”

Stephen J. Wellum, professor de Teologia Cristã,
The Southern Baptist Theological Seminary;
autor, *God the Son Incarnate, Kingdom through Covenant*

“O mundo não entende o amor de Deus. Admiravelmente, isso também é verdadeiro em relação a muitos crentes. Jonathan Leeman faz um trabalho magistral em prover um estudo bíblicamente fiel e teologicamente rico deste importante ensino. Eu mesmo fui ajudado a apreciar melhor esta

doutrina. E tenho prazer em recomendar este livro a outros. Você será abençoado.”

Daniel L. Akin, presidente,
Southeastern Baptist Theological Seminary

JONATHAN LEEMAN

A REGRA AMOR

COMO A IGREJA LOCAL DEVE REFLETIR O
AMOR E A AUTORIDADE DE DEUS





L485c	Leeman, Jonathan, 1973- Regra do amor : como a igreja local deve refletir o amor e a autoridade de Deus / Jonathan Leeman. – São Paulo: Fiel, 2019. Tradução de: The rule of love. Inclui referências bibliográficas. ISBN 9788581326559 (brochura) 9788581326566 (epub) 1. Amor – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2. Igreja – Autoridade. 3. Igreja – Marcos. I. Título.
CDD: 231.6	

Catálogo na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

A REGRA DO AMOR
Como a Igreja Local Deve Refletir
o Amor e a Autoridade de Deus

Traduzido do original em inglês
The Rule of Love: How the Local Church Should
Reflect God's Love and Authority

Copyright: © 2018 by Jonathan Leeman

■

Originalmente publicado em inglês por
Crossway
1300 Crescent Street
Wheaton, Illinois 60187

Copyright: © 2019 Editora Fiel
Primeira edição em português: 2019

Todos os direitos em língua portuguesa reservados
por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária.
FICHADEIA A REPRODUÇÃO DESTA OBRA POR QUALQUER
MEIO SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SAEV,
EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Diretor: James Richard Dosham III
Editor: Tiago J. Santos Filho
Coordenação Editorial: Gisele Lemes
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Ingrid Rosane de Andrade Fonseca
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Rubner Durais
E-book: Rubner Durais

ISBN impresso: 978-85-8132-555-9
ISBN e-book: 978-85-8132-656-6



Caixa Postal 1601
CEP: 12230-971
São João dos Campos, SP
PARA: (12) 3519-9999
www.editorafiel.com.br

*Para Alex Duke,
Bobby Jamieson e Ryan Townsend,
irmãos queridos e companheiros
no evangelho*

Sumário

[Prefácio](#)

[Introdução | Quando o Amor é Deus](#)

[Capítulo 1 | O Amor na Cultura](#)

[Capítulo 2 | O Amor entre os Teólogos](#)

[Capítulo 3 | O Amor de Deus por Deus - Parte 1](#)

[Capítulo 4 | O Amor de Deus por Deus - Parte 2](#)

[Capítulo 5 | O Amor de Deus por Pecadores](#)

[Capítulo 6 | Amor e Julgamento](#)

[Capítulo 7 | Amor e Autoridade](#)

[Conclusão](#)

[Leia também](#)

[Leia também](#)

Prefácio

A série de livros 9Marcas tem como premissa duas ideias básicas. Primeira: a igreja local é muito mais importante para a vida cristã do que muitos cristãos contemporâneos talvez imaginem.

Segunda: igrejas locais crescem em vida e vitalidade à medida que organizam sua vida ao redor da Palavra de Deus. Deus fala. As igrejas devem ouvir e seguir. É simples assim. Quando uma igreja ouve e segue, começa a se parecer com aquele a quem está seguindo. Reflete seu amor e santidade. E manifesta sua glória. Uma igreja se parece com Cristo à medida que o ouve.

Por isso, nossa mensagem básica às igrejas é: não olhem para as melhores práticas de negócios, nem para os estilos mais recentes; olhem para Deus. Comecem por ouvir novamente a Palavra de Deus.

Deste projeto geral, surge a série de livro 9Marcas. Alguns visam aos pastores. Outros, aos membros de igrejas. Esperamos que todos eles combinem exame bíblico cuidadoso, reflexão teológica, consideração cultural, aplicação coletiva e até mesmo alguma exortação individual. Os melhores livros cristãos são sempre teológicos e práticos.

A nossa oração é que Deus use este livro e os outros para preparar sua noiva, a Igreja, com brilho e esplendor para o dia da sua vinda.

Introdução | Quando o Amor é Deus

Temos de deixar o amor governar.

— Lenny Kravitz

Deus é amor, diz a Escritura. Essa é uma das mais importantes e mais preciosas verdades imagináveis para um cristão.

Deus é amor como os oceanos são molhados e os sóis são quentes. O amor é essencial, é definidor de Deus. Sua bondade é amorosa. Sua santidade é amorosa. Seus julgamentos são amorosos. Suas afeições, motivos, propósitos e pessoas são amorosos. Pai, Filho e Espírito Santo habitam juntos puramente e para sempre como amor.

Quão magnífico é isso! Aquele que planejou cometas e nozes, que sustenta nossas almas e nossos corpos, que conhece cada um de nossos dias antes que cada um deles venha à existência – ele é amor.

Mas vamos devagar. Precisamos pensar sobre o que a Bíblia significa aqui. Quando a Bíblia diz: “Deus é amor” (1Jo 4.8), ela não está dizendo que existe uma coisa chamada amor e que Deus está à altura dela. Não há nenhuma definição lexicográfica de amor pairando fora do universo, independente de Deus, para que Deus lhe satisfaça. Pelo contrário, Deus *em si mesmo* provê a definição, a realidade do que o amor é. O amor não é um conceito abstrato, e sim uma qualidade pessoal de Deus.

É superimportante que você entenda isso. O próprio caráter de Deus nos dá a definição e os padrões de amor. Os autores de dicionário devem observar a Deus e, depois, elaborar sua definição de *amor* com base nessa observação. Qualquer coisa chamada amor que não tem sua fonte em Deus não é amor.

Isso significa que entender o que o amor realmente é exige que consideremos tudo mais sobre Deus – sua santidade, sua justiça, sua bondade e assim por diante. A justiça de Deus, por exemplo, molda seu amor, assim como seu amor molda sua justiça. Os dois são inseparáveis. Perca um e você perde o outro.

Isso também significa que as pessoas de hoje podem dizer que amam o amor, mas, se rejeitam a Deus, não amam realmente o amor.

Ora, você e eu poderíamos citar dezenas de filmes românticos e canções de amor populares hoje ou no passado. O amor vende. O amor é sedutor. Há um feriado dedicado a ele todo mês de junho e, por celebração, nossos filhos dão uns aos outros doces em forma de coração. O amor está no ar e na cultura. Mas lembre-se do que disse. Fundamentalmente, o amor não é algo independente de Deus, é uma qualidade ou característica pessoal de Deus. Portanto, rejeitar Deus é rejeitar essa qualidade ou característica, pelo menos em parte. Podemos pensar que amamos o amor, mas rejeitar Deus significa que amamos a qualquer outra coisa que não seja Deus.

Hoje, muito pode ser justificado por invocar-se a palavra *amor*: “Se eles amam realmente um ao outro, então devemos aceitar...” “Se Deus é amor, certamente ele não deveria...” Mas observe o que está acontecendo nessas afirmações. Não estamos mais interessados no Deus que é amor. Antes, estamos interessados em nossas próprias ideias de amor, que se tornam deus. “Deus é amor” é trocado por “o amor é deus”. Em vez de nos dirigirmos primeiro ao Criador do universo e dizermos: “Diga-nos como *você* é e como *você* define o amor”, começamos com nossas próprias opiniões sobre o amor e as deificamos.

Como resultado, abrigamos um ídolo oculto numa veste totalmente atraente, uma mentira que ninguém pode reconhecer, um anjo de luz. O amor – ou nossa noção de amor – se torna o supremo justificador, padronizador e objeto de adoração. Isso é o que um deus é e faz.

Portanto, difundimos agora algo chamado amor que possui toda a autoridade moral de Deus mesmo. O problema é este: ele não é Deus. É nada mais ou nada menos do que nossos próprios desejos – especialmente o desejo de governar a nós mesmos.

Uma história de “amor”

No Ensino Médio, li uma história de amor que populariza este tipo de fantasia. Gerações de alunos têm sido moldadas por ela.

A história se inicia numa ensolarada manhã de verão, com cinco mulheres reunidas num gramado fora da cadeia da cidade. A data não é especificada, mas é algum momento no século XVII. O lugar é um pequeno assentamento puritano na Nova Inglaterra chamado Boston.

A ação começa com uma mulher feia de cinquenta anos oferecendo conselho a quatro outras mulheres:

Esposas, eu lhes darei minha opinião sincera. Seria ótimo para o bem público se a nós mulheres, sendo de idade madura, membros de igreja e de boa reputação, fosse dada a responsabilidade de lidar com uma malfetora como essa Hester Prynne. O que vocês acham, amigas? Se a libertina comparecesse para julgamento diante de nós cinco, será que sairia com uma sentença como essa que os digníssimos magistrados lhe deram? Acho que não.¹

A alegada libertina, Hester Prynne, cometeu adultério. A prova é a filhinha em seus braços no interior da cadeia. Nesta manhã específica, os magistrados decidiram que Hester sairá de sua cela, seguirá até à tribuna da cidade e receberá várias horas de escárnio público por seu pecado. Ao longo do percurso e no restante de seus dias, terá de vestir uma letra A bordada em vermelho, na altura do peito. O A significa *adúltera*.

A igreja está abalada, e seu pregador, o reverendo Dimmesdale, horrorizado. Uma segunda mulher explica: “As pessoas dizem que o reverendo Senhor Dimmesdale, o piedoso pastor de Hester, está seriamente impactado pelo fato de que um escândalo como esse tenha acontecido em sua congregação”.

Não é apenas o pecado de Hester que escandaliza a igreja e a cidade. É o fato de que seu amante ilícito, o pai da criança, permanece desconhecido. Um hipócrita é, no geral, um fato difícil de tolerar numa “terra em que a iniquidade é investigada e punida diante das pessoas e das autoridades”.² A recusa de Hester de revelar a identidade do pai duplica sua culpa; e o bando de fofoqueiras quer sangue. Uma terceira senhora diz: “Os magistrados da cidade são homens tementes a Deus, mas são misericordiosos demais. Eles deveriam pelo menos ter posto uma marca de ferro quente na testa de Hester Prynne”. Depois, uma quarta senhora: “Esta mulher trouxe vergonha sobre todas nós e deveria morrer. Não há lei para isso? Sim, há realmente, tanto na Escritura como na legislação civil”.

Eu li *A Letra Escarlate*, o romance clássico de 1850 de Nathaniel Hawthorne, em minha aula de literatura no segundo ano do Ensino Médio. Toda a classe ficou escandalizada – não com a trágica heroína Hester, e sim com o povo da cidade. Esse tipo de povo existe realmente? Olhamos para eles com todo o desdém que lançaram sobre Hester. Como poderiam ser tão cheios de justiça própria, cruéis e incivilizados?

As simpatias do próprio Hawthorne em sua história estão visíveis. Suas descrições das cinco fofoqueiras fazem-nas parecer gárgulas. Esta última mulher, ele a descreve como “a mais feia, bem como a mais impiedosa das juízas autoconstituídas”. Compare a descrição desta mulher com a descrição de Hawthorne sobre a mulher que ela está atacando. A jovem Hester

era alta, com uma figura de elegância perfeita em ampla escala. Tinha cabelos pretos e abundantes, tão luzentes que resplandeciam à luz do sol, e uma face que, além de bonita pela regularidade dos traços e riqueza de compleição, tinha a impressão peculiar de sobrancelhas bem definidas e olhos negros profundos... E nunca Hester Prynne pareceu mais feminina... do que ao sair da cadeia. Aqueles que a conheceram antes e esperavam vê-la ofuscada e obscurecida por uma nuvem tão desastrosa, ficaram admirados e começaram a perceber como sua beleza resplandecia e fazia uma aura do infortúnio e da ignomínia em que estava envolvida.

O contraste é claro. O leitor pode simpatizar com as senhoras feias e impiedosas ou com a brilhante aura de beleza de Hester – não é uma escolha difícil para a maioria das pessoas. Quem não escolheria simpatizar com Hester? Empregar uma mulher bonita para “vender um produto” não é uma inovação de nossa época frenética por marketing.

O reverendo mencionado pelas fofoqueiras, Arthur Dimmesdale, tem um caráter de mais complexidade. Acontece que ele é o canalha secreto de Hester, que a engravidou e a deixou absorver o ataque da cidade. Seu caráter, porém, é mais lamentável do que maligno. Ele e Hester conversam várias vezes no decorso do livro e, a certa altura, planejam fugir e começar uma vida nova juntos. Mas Arthur permanece dividido entre suas afeições por ela e o poder da sociedade sobre ele. O amor o puxa numa direção; a Bíblia e a igreja, em outra. Todos os leitores, exceto os mais impiedosos, não podem deixar de torcer pela libertação de Arthur e pela reconciliação deles. Por fim, ele é destruído pelo conflito entre o coração e a mente, a alma e a sociedade.

Ironicamente, a desgraça de Hester liberta-a da convenção eclesiástica e do constrangimento social. Não sendo parcimonioso com seu simbolismo, Hawthorne coloca a paupérrima cabana de Hester fora da civilização, nas florestas onde feiticeiros e índios habitam, como o judeu impuro ou o gentio fora do antigo acampamento de Israel. Mas é ali, distante das fronteiras de respeitabilidade, que Hester é livre para amar verdadeira e divinamente. Ela pode perdoar Arthur e seus perseguidores. Pode sonhar em ter um futuro diferente com ele. Pode começar sua carreira de cuidar dos pobres da comunidade. E pode criar a sua filha saudável e cheia de energia que, no momento final do romance, se curvará para beijar a face desfalecida de seu pai. Hester e sua filha quase brilham como anjos.

Suposições sobre o amor

Se Hawthorne vivesse em nossos dias, poderia descrever-se a si mesmo com o famoso mantra “espiritual, não religioso”. A fictícia igreja puritana de seu romance transformava em lei toda transgressão moral imaginável e, depois, transmitia essas leis aos magistrados para serem impostas. O problema não era o impulso moral ou espiritual, Hawthorne diria. Impulsos espirituais são bons. O problema era colocar estes impulsos dentro de uma estrutura religiosa. O problema era a institucionalização. Institucionalizar os impulsos espirituais das pessoas é semelhante a cobrir flores com concreto a fim de protegê-las. Observe quanto tempo essas flores duram.

É importante notar como Hawthorne conseguiu tocar em áreas de preocupação de nossos dias: a igreja absorveu o estado; o privado se tornou público; religiosos fomentadores de ódio e preconceito zombam dos jovens, belos e livres. Até uma filha é transformada numa vítima.

Então, que tipo de “história de amor” é *A Letra Escarlata*? É uma história que ilustra muito bem as suposições sobre o amor que muitas pessoas começavam a fazer no século XIX, quando Hawthorne escreveu seu livro, suposições que hoje são conclusões inevitáveis.

Suposição 1. Nenhum julgamento ou limite moral pode ser colocado sobre o amor. Em vez disso, o amor estabelece todos os limites. Você pode justificar qualquer coisa por dizer que é amor ou motivado por amor. Coração mais coração é igual a casamento, ensina o adesivo de carro. O amor justifica casos extraconjugais, divórcio, fornicação, coabitação, privar os filhos de sua mãe biológica para satisfazer o sonho de dois homens de serem uma família, nunca disciplinar os filhos, falar desonestamente e mais.

Suposição 2. O amor significa aceitação incondicional e o fim de julgamento. A apresentadora de televisão Ellen DeGeneres teve em seu programa uma convidada que se descreve como “não binária”.³ Isso significa que ela se refere a si mesma como alguém que “fica em algum lugar fora das caixas de ‘homem’ e ‘mulher’”. Ela quer ser conhecida não como ela ou ele, e sim como *elas*. Ellen teve dificuldade com esta linguagem, mas concluiu finalmente que o amor nos dá a resposta: aceitamos a afirmação de identidade desta mulher. “Penso que é justo deixar as pessoas serem o que são e amarem o que quiserem amar, e, se você não está magoando ninguém, não há nada errado nesse amor”.

Nathaniel Hawthorne nunca previu nada disso, mas existe uma jornada surpreendentemente curta de *A Letra Escarlata* para a aceitação de um movimento transgênero por parte da sociedade. Se o amor significa aceitação incondicional, de modo que aceitemos a infidelidade conjugal de Hester, devemos também aceitar a afirmação de uma mulher que diz: “Deus *não* me criou como homem ou mulher, mas como algo mais”.

Suposição 3. Amor e autoridade não têm nada a ver um com o outro. A autoridade restringe. O amor liberta. A autoridade explora. O amor dá poder. A autoridade rouba a vida. O amor poupa a vida. Essa dissociação entre amor e autoridade não é algo novo. Eles têm sido separados desde que a serpente sugeriu a Adão e Eva que o amor de Deus e a autoridade de Deus não podem coexistir. Mas o contraste entre amor e autoridade se tornou mais acentuado com o Iluminismo e o Romantismo contrailuminista.

Suposição 4. Segue-se que o amor é anti-institucional. Afinal de contas, instituições impõem autoridade sobre os relacionamentos. Elas regulam as estruturas. Em nossa mente, as palavras *amor* e *instituição* não se harmonizam. O amor favorece os relacionamentos. As instituições os prejudicam.

Isso significa que suspeitamos inerentemente de tudo na igreja que tem sinais de institucionalismo e autoridade, o que inclui a conversa sobre membresia, disciplina, oficiais, estruturas de liderança e assim por diante. Não me faça assinar nada, por favor. Permita-me apenas aparecer, desfrutar do show, cantar, sorrir, desenvolver relações organicamente e ir almoçar com quem eu quiser. Uma ou duas vezes por ano, você pode me pedir que seja voluntário num almoço beneficente. Aceitarei uma dose de culpa anual. Mas, por favor, evite palavras como *compromisso*, *pacto* e *correção*. São legalistas e autoritárias.

Nossa dificuldade em relação à autoridade

Isso nos leva ao outro tópico deste livro: autoridade. É algo que desnorteia os ocidentais contemporâneos. Não gostamos da ideia de autoridade, como acabei de dizer, mas nossas vidas estão permeadas de autoridade: procedimentos hospitalares, normas de construção, leis de trânsito, responsabilidades paternais, pactos matrimoniais, requerimentos estudantis, regras de ofícios, as leis do Estado, a gramática do idioma, o significado de palavras, as regras de esportes – e poderíamos continuar.

A autoridade é o vínculo que capacita as pessoas a viverem juntas. Sem autoridade, toda a vida seria moldada pelas preferências do momento. Não haveria tradições, nem previsibilidade de comportamentos, nem estabilidade de significado, nem moralidade compartilhada.

Afinal de contas, por trás de cada estrutura de autoridade há uma reivindicação moral. Quando dizemos: “Você deve fazer isto” ou “Temos de obedecer-lhe”, estamos dizendo é *certo* fazer isso e *errado* não fazê-lo. Estamos fazendo uma reivindicação moral. “Honra teu pai e tua mãe”, por exemplo, é a base moral para a estrutura de autoridade entre pai e filho.

O problema é que somos uma sociedade que destruiu sua própria capacidade de dizer “certo” e “errado”. Não temos nenhum vocabulário moral além de desejo e identidade pessoal. Isso significa que é quase impossível validarmos com o vocabulário contemporâneo qualquer reivindicação de autoridade legítima. Até a autoridade do Estado está fundamentada tipicamente no interesse próprio de cada pessoa.

Mas, como organizamos nossa vida juntos? Mais crucialmente, como desfrutamos de algo de valor transcendental digno de ser protegido no decorrer do tempo? Protegemos algo com *regras*. Mas como vivemos de maneira diferente de animais cujas leis são apenas as garras e os dentes?

Depreciar toda autoridade é depreciar algo de valor transcendental na vida humana. É desumanização.

No entanto, se queremos afirmar o bem da autoridade, quem consegue dizer quais avaliações e estruturas são certas? E se alguém usa as suas avaliações e estruturas para me oprimir? A História oferece uma lista deploravelmente extensa de tais abusos. Um grupo de pessoas cria uma história – um relato específico de história – que os capacita a governar sobre outro grupo de pessoas, explorando-as para ganho pessoal. Reagindo a essa exploração e a esse abuso, nos tornamos antiautoridade e antimoralidade.

Mas, apesar disso, não podemos escapar de avaliação moral e estruturas de autoridade. Até uma sociedade de anjos as têm. A vida é realmente impossível sem elas, colocando os ocidentais num vínculo inextricável.

A igreja local

Firme contra tudo isso e opondo-se às ideias erradas de amor e de autoridade sustentadas pelo mundo, está a divinamente entediante, embora vagamente encantadora, igreja local. Para o mundo, a igreja é tanto uma mosca no unguento como o próprio unguento. Ela estraga desejos naturais e inspira desejos sobrenaturais.

O mundo presume que entende amor e autoridade, como presume que entende Deus. O mundo, porém, entende essas coisas apenas em suas formas caídas, não em suas formas criadas e redimidas. Deus, sendo gracioso, inseriu no coração dos seres humanos sinais e símbolos de amor verdadeiro e de autoridade verdadeira. Pense no amor de uma esposa por seu marido ou na autoridade de um pai sobre filhos jovens. Entretanto, o mundo entende essas coisas, no máximo, de uma maneira bidimensional ou obscura.

A igreja local serve, portanto, como uma exibição tridimensional do amor e da autoridade de Deus. Nenhuma igreja é perfeita, mas na igreja começamos a descobrir o que o amor e o governo de Deus são. Recebemos seu amor e sua autoridade, nós os experimentamos, os aprendemos e os praticamos. Esta coletividade viva, ativa e ordeira chamada igreja demonstra as exigências do amor e as bênçãos da autoridade.

Por desígnio de Deus, a igreja local define o amor e a autoridade de Deus para o mundo. E tanto os relacionamentos quanto as estruturas de autoridade fazem esta obra. Numa igreja bíblica, os relacionamentos e as estruturas são inseparáveis, como um corpo e seu esqueleto, um jogo e suas regras, um casamento e seus votos. A vida definidora de amor de uma igreja depende especificamente de uma estrutura que chamamos de pacto, mantida pela supervisão de presbíteros ou pastores.

Desde Gênesis 3, o mundo, a carne e o Diabo têm negado que amor e autoridade se completam. Mas o amor de Deus define limites. Estabelece fronteiras. Exerce autoridade. Faz compromissos e oferece correções. Igrejas que amam farão essas mesmas coisas.

Certamente, igrejas podem definir limites, exercer autoridade e oferecer correções de maneira não amorosa. E têm feito isso com frequência. Mas não julgue um dom por seus abusos. Instrua e advirta contra os abusos, mas, depois, examine as Escrituras para ter orientação sobre a melhor maneira. É crucial atentarmos a lições da Queda para nos guardarmos de maus usos de autoridade. Mas também devemos atentar a lições da Criação e da Redenção.

Repensando o amor e a autoridade

Essa é uma mensagem difícil para nossa geração. Por um lado, sentimo-nos constrangidos a nos curvar e aceitar a moralidade e direitos conjugais de todos os que dizem que fazem o que fazem por causa de amor. Por outro lado, podemos ver pactos matrimoniais como imposições sobre o amor. Quanto mais, então, em relação a um pacto de igreja? A ideia de juntar amor e autoridade ou amor e compromissos obrigatórios se choca com algumas de nossas intuições mais básicas.

Cristão, veja estes versículos do apóstolo João. Fazem sentido para você? Ou você tem de inclinar a cabeça, engolir em seco e dizer para si mesmo: “Certo, *suponho* que isto deve ser verdade”?

- “Este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos” (1Jo 5.3).
- “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14.21).
- “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (Jo 14.23).
- “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.10).

O fato de que estes versículos não fazem sentido imediatamente diz algo: nossas intuições podem estar mal construídas. Jesus, que falou os últimos três versículos, nos mostra o que são intuições bem construídas.

Deus é amor, mas Deus também é Rei. Sua autoridade é um dom; e seu dom de autoridade para as pessoas, quando usado para cumprir propósitos relacionados à criação e à redenção, é uma ação de amor.

Mark Dever lembra frequentemente a seus ouvintes as últimas palavras do rei Davi:

Aquele que domina com justiça sobre os homens, que domina no temor de Deus, é como a luz da manhã, quando sai o sol, como manhã sem nuvens, cujo esplendor, depois da chuva, faz brotar da terra a erva (2Sm 23.3-4).

Boa autoridade fortalece e produz crescimento. Nutre e encoraja os outros a se expressarem. Você sabe disto, se já teve um pai, professor, patrão, treinador ou pastor altruísta e amoroso.

A lição mais importante deste livro é que precisamos aprender novamente o que amor e autoridade são e qual a relação entre eles. Precisamos formar de novo as nossas instituições. Precisamos lembrar algo sobre amor e governo que nossos antepassados esqueceram no jardim. Para Deus, amor e governo não são duas coisas, e sim aspectos diferentes de uma mesma coisa. Nossa cultura distorceu nossas opiniões sobre cada um desses aspectos e, portanto, perverteu ambos.

O principal alvo deste livro é, portanto, remodelar nossas opiniões sobre o amor e a autoridade de Deus e seu relacionamento mútuo. Também tenho um alvo posterior: sugerir como a igreja local deve incorporar essas coisas. A palavra do evangelho da igreja, combinada com suas práticas de membresia e disciplina, desempenha um papel crucial em definir e demonstrar amor e autoridade para o mundo. As práticas de disciplina e membresia, em específico, colocam o povo de Deus em exibição, como um arauto que anuncia: “Aqui está o povo de Deus, a noiva que está sendo preparada para o seu Noivo”. Essas práticas fazem a noiva crescer, pouco a pouco, em amabilidade e glória.

Embora este livro não considere a igreja em detalhes, oferecerá lições para a igreja. Num sentido, este livro é como uma introdução ou um prolegômeno para pensarmos sobre e vivermos como a igreja. Muitos cristãos contemporâneos têm dificuldade de compreender o que a igreja é, porque muitas de nossas intuições sobre amor e autoridade estão abaladas. Espero nos ajudar a pensar melhor sobre amor e autoridade e, depois, escrever algumas linhas a respeito de como isso deve impactar nossa vida juntos nas igrejas.

Por último, você notará que tento construir uma ou duas ilustrações literárias em cada capítulo. Se eu quisesse soar responsável, diria que fiz isso porque a boa literatura reflete muito bem nossa sociedade, como acredito que *A Letra Escarlata* o faz. Se eu for um pouco mais honesto, diria que o profissional de Letras em mim queria apenas uma oportunidade para sair, andar por aí e se divertir. Em qualquer caso, espero que você as ache útil.

Esta e as citações seguintes da mesma conversa são extraídas da edição de Nathaniel Hawthorne, *The Scarlet Letter*, que li no Ensino Médio (New York: Washington Square, 1972), 51-52. Modernizei a linguagem em vários trechos.

Hawthorne, *Scarlet Letter*, 62.

“Ellen Meets Trailblazing Actor Asia Kate Dillon”, March 19, 2017, <https://www.ellentube.com/video/ellen-meets-trailblazing-actor-asia-kate-dillon.html>.

Capítulo 1 | O Amor na Cultura

Nossas ideias sobre o amor são mais idólatras do que compreendemos. Esse foi o argumento básico da introdução. Somos menos interessados no Deus que é amor do que em fazer um deus de nossas opiniões sobre o amor.

Posteriormente, veremos como a Bíblia define o amor, particularmente em relação à autoridade. Mas, primeiro, precisamos ter uma compreensão melhor de nosso ídolo. Que forma ele tem?

Minha própria geração, que veio dos anos 1980 e 1990, foi induzida à idolatria do amor por meio de filmes românticos e canções de amor. O filme *A Princesa Prometida* expressa essa atmosfera. É um conto de fadas sarcástico, mas é um conto de fadas. Apresenta dois personagens louros e belos, separados de toda família e de relações significativas, sozinhos no mundo, cercados de infortúnios, mas trocando gracejos irônicos e salvando-se pelo poder do “amor verdadeiro”.

Ou talvez você já tenha assistido ao filme romântico *Digam o que Quiserem*. Se sim, você se lembra do momento mágico em que o personagem principal levanta os braços e ergue um aparelho de som portátil acima da cabeça, em frente ao quarto da moça que ele ama – uma versão geração X de uma donzela em aflição que precisa ser resgatada por seu cavaleiro. Ela está inquieta em seu quarto, no segundo piso da casa, aprisionada por seu pai furioso. A música ressoa para o alto, enquanto o cantor se declara “completo em seus olhos”, de uma maneira que não poderia sê-lo por meio de “milhares de igrejas” e “buscas inúteis”.⁴ A mensagem do herói não poderia ser mais clara: nossa salvação não está na igreja. Está um no outro. Nós “completamos” um ao outro.

Sting, talvez um dos meus artistas favoritos daquela época, ofereceu sua própria canção de louvor ao amor romântico no álbum “Sacred Love”, que diz: “Você é minha religião... minha igreja... o santo graal no fim de minha busca”.⁵

Embora essas referências da cultura popular sejam datadas, você pode examinar sua geração – milênio, X, baby boomer – e seguir até à geração de *A Letra Escarlata* e antes disso – e perceberá que cada uma tem sua versão da mesma história. É a história de individualismo e concepções individualistas do amor.

O individualismo e o amor

Histórias de amor têm existido por milênios. Mas, nos séculos XVIII, XIX e XX, uma nova concepção de amor romântico começou a surgir em meio a uma enxurrada de poesias e romances.⁶ O Romantismo ofereceu uma visão de amor resolutamente oposta às estruturas, hierarquias e tradições do passado. De acordo com esta visão, o amor romântico envolve não apenas atração sexual. Envolve achar alguém que “me completa”.⁷ Começa com olhar para dentro de mim mesmo: “Não importam as expectativas do pai, a lista de tarefas da mãe ou os sermões do vigário. Quem *eu* sou e do que *eu* preciso? Como me sinto no que diz respeito a esta outra pessoa? Ela me compreende? Ela me ajudará a ser tudo aquilo que eu devo ser?” A autodescoberta dá, portanto, lugar à autorrealização e autoexpressão: “Este é quem eu sou, pai. Eu *irei* em busca dessa pessoa”.

No lado americano do Atlântico, pode-se pensar em *A Letra Escarlata*, onde o amor desafia as leis da religião, como pensamos na Introdução. De modo semelhante, Jay Gatsby, em *O Grande Gatsby*, tenta se desligar do passado, reescrever quem ele é e desfrutar do amor de uma mulher casada de classe alta. Seu amor obsessivo não luta contra a religião, e sim contra as velhas leis de dinheiro e classe social. Isto também se manifestou em livro após livro no lado britânico do Atlântico, como em *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, ou na obra impudica de D. H. Lawrence.

Os Românticos originais estavam reagindo intencionalmente contra o frio racionalismo do Iluminismo. Queriam ser guiados pelo amor e não por estrutura, por desejo interno e não por constrangimento externo, por impulso espontâneo e não por dedução racional, por beleza e liberdade e não por eficiência e ordem. Mas permaneciam como herdeiros do Iluminismo. Eram tão individualistas quanto aqueles contra os quais reagiam. No âmbito dos romances, o que importa não é o que as pessoas são *em relação à sua família, negócios ou religião*. Essas estruturas antigas não definem as pessoas. O que importa é quem elas são *em si mesmas* – o que querem, o que sentem. Todo relacionamento é um contrato que pode ser rompido. O que é inegociável é o que meu coração individual me diz ser verdadeiro.

O que é intencional nestes antigos romances se torna não intencional e admitido nos filmes populares de minha adolescência. Filme após filme apresenta adolescentes bonitos livrando-se da mão opressora de pais e professores que “não entendem as coisas”. Essa é a história de *O Clube dos Cinco*, de *Curtindo a Vida Adoidado*, de *Sociedade dos Poetas Mortos* e de *Dirty Dancing – Ritmo Quente* e assim por diante. Cada filme oferece uma visão de amor que parece corajosa e atraente em seu desafio. E, ao mesmo tempo, está ligada ao ego interior e à glória mística do amor, como uma alma em harmonia com o cosmo. Liberta-se corajosamente de todos os obstáculos em busca de seu prêmio, enquanto mantém uma impenetrável justificativa moral: “Faço isso em nome do amor”. Quem ousaria agir contra isso?

Nestes dias, nosso mundo parece adotar esta visão de amor – um amor arraigado em

autodescoberta e autoexpressão que justifica quebrar todas as leis como algo normal. Durante um jantar, uma amiga minha, da mesma idade, disse a mim e a minha esposa: “Se duas pessoas amam realmente uma a outra, elas deveriam poder ser felizes juntas. Não deveríamos impedi-las”. Eu sabia que qualquer confrontação direta à sua afirmação seria inútil. A afirmação se baseava num conjunto de intuições morais desenvolvidas na cultura no transcorrer de décadas e até séculos de fábulas de moralidade. Estas intuições eram o inquestionável “é claro” que não precisa de nenhum argumento.

Observe como o amor romântico nesta tradição se torna o instrumento perfeito para seres humanos pecaminosos conseguirem tudo que querem: autoabsorção e companheirismo, autoexpressão e aprovação moral; autogoverno e bênção do céu; prazer e consciência tranquila.

Ironicamente, a história de amor do individualista se torna legalista. A salvação pertence àqueles que seguem as exigências do amor romântico. Os oponentes de qualquer coisa chamada de amor são julgados e reprimidos. Se você for um confeitiro que se recusa a fazer um bolo para um casamento homossexual, por exemplo, você pode acabar num tribunal. Se você for um aluno do ensino médio que diz que sexo, amor e compromisso matrimonial são inseparáveis, você se verá excluído do círculo de jovens legais.

Mas os sacerdotes do Romantismo se recusarão a chamar isso de moralismo. Chamam-no de prazer e felicidade. A história deles termina numa cama, com dois amantes se abraçando, livres do mundo, desfrutando de todos os deleites de estarem juntos, fitando os olhos um do outro. A câmera não precisa se voltar para os pais ou filhos, como nunca o faz em *A Princesa Prometida*. O casal é o centro do universo. É Wesley e a princesa Buttercup felizes para sempre, como na maioria dos filmes românticos. Você poderia querer algo mais?

Bem, sim, na verdade. O ensino bíblico sobre o amor também inclui uma cama. Mas coloca essa cama num jardim, onde a união do casal produz um mundo próspero, de roseiras e pomares de macieira, uma bagunça de sapatos de crianças na porta da frente da casa, parques e arranha-céus. O amor bíblico cria um universo muito, muito maior. Não é estagnado como uma cama por si mesma. Tem movimento para frente e uma sequência da história. É produtivo. É frutífero.

E não somente isso. A história de amor bíblico também dá mais lugar para amizades. Nenhum ser humano pode satisfazer todas as necessidades emocionais, intelectuais e espirituais de outra pessoa. C. S. Lewis comentou sabiamente: “Em cada um de meus amigos, há algo que somente algum outro amigo pode revelar plenamente. Sozinho, não tenho suficiência para chamar todo o homem à atividade; quero outras luzes, além da minha própria, que me mostrem todas as suas facetas”.⁸ Lembro isso frequentemente a casais jovens, especialmente quando um inveja o tempo do outro. Mulheres devem incentivar seu marido a achar boa amizade masculina, e os maridos devem incentivar sua mulher a formar amizades femininas saudáveis. Somos mais felizes e menos exigentes com nossos cônjuges quando não lhes pedimos que façam o papel de Deus para nós.

Com certeza, toda parte do corpo precisa das outras partes, diz Paulo sobre a Igreja (1Co 12). E quantas partes um corpo tem? Para experimentar verdadeiramente o amor, precisamos de muito mais do que aquilo que um cônjuge romântico pode nos dar.

Um tipo de amor que se foca apenas no casal, divorciado de todos os outros relacionamentos, talvez intencionalmente sem filhos, perverte o amor bíblico em algo estéril e estagnado. É um universo que, por fim, colapsa em si mesmo. Podemos até dizer que histórias de amor do Romantismo só podem culminar em homossexualidade, onde um ego busca se completar e se complementar apenas em si mesmo, sua imagem espelhada: duas projeções colidentes, dois polos de dois ímãs carregados positivamente, incapazes de se unirem ou criarem uma vida nova. O mobilizador grito de “diversidade” celebra a irônica falta da própria diversidade numa parceria de mesmo sexo.

Por outro lado, o amor bíblico exige que nos movamos para fora de nós mesmos. Exige que nos estendamos em direção a alguém diferente, porém complementar, que nos esqueçamos de nós mesmos e, depois, descubramos a nós mesmos mais profundamente. Por exemplo, eu não sou uma mulher e nunca entendi totalmente como é ser uma mulher. Mas Deus exige que eu tente, ao me dizer que viva com minha esposa de uma maneira compreensiva. E, portanto, minha mente tem de dilatar-se, estender-se, inclinar-se para frente nessa tentativa. Sou forçado a sair de mim mesmo, abandonando meu narcisismo natural. Isso pode exigir autonegação no começo, o que sempre parece doloroso de antemão, mas, por fim, obtenho uma identidade mais ampla e um mundo maior.

Consumismo e amor

De volta a Wesley e Buttercup. Se *A Princesa Prometida* fosse vida real, saberíamos que o amor deles esfriaria em determinado momento.

O individualismo do romantismo, por fim, se torna pior. Torna-se superficial. Os relacionamentos não são mais consertados, e sim negociáveis. Isso significa que nos identificamos menos pelos nomes de nossos pais ou pelo lugar de onde viemos e mais por nossas escolhas – como um comprador. Os olhos sonhadores da geração romântica se tornam transações consumistas na geração seguinte; e transações consumistas não são usualmente guiadas por valores espirituais ou morais mais profundos da vida. Assim, a vida se torna cada vez mais um shopping center; e as

crenças e os valores do indivíduo dependerão dos apetites do momento.

Quando lidamos com amor e relacionamentos como consumidores, são os traços mais superficiais que nos atraem a atenção, visto que os processos de tomada de decisões de um consumidor dependem de qualidades externas e não de qualidades mais profundas, não visíveis. Beleza é mais importante do que caráter. Renda é mais importante do que constância. Comportamentos são mais importantes do que valores. Desempenho sexual é mais importante do que fidelidade. Afinal de contas, o que você procura numa loja: uma marca ou uma essência interior?

No amor romântico do século XIX, a sexualidade era entendida como algo que emergia do amor verdadeiro. Quando a revolução sexual ocorreu na última metade do século XX, sexo prazeroso se tornou a pré-condição do amor. O sexo se tornou o teste no início de um relacionamento, em vez de um prêmio a ser ganho num relacionamento mais profundo. Uma grande ênfase foi colocada sobre a habilidade sexual e o tipo de corpo. A pornografia achou mercado fácil quando o público se tornou mais facilmente iludido por suas fantasias.

No consumismo, felicidade resulta de compras inteligentes, e infelicidade e ansiedade, de compras insensatas. Sem dúvida, o problema é que nenhuma compra satisfaz definitivamente. A possibilidade de remorso do comprador sempre aparece. “Eu deveria ter comprado a outra marca?” “Um modelo melhor será lançado no próximo mês?” “Qual é a política de troca da loja?”

Considere como se desenvolve o típico processo de namoro. Um homem avalia seu próprio poder de compra baseado no que percebe ser valorizado pelas mulheres: personalidade, humor, estatura, perspectivas futuras. Agindo com base nesta autoavaliação, ele faz a melhor compra que pode de acordo com os traços que ele valoriza mais nas mulheres: inteligência? Beleza? Contexto da família? Num mercado em que existe tanta oferta, ele pode ser mais específico em suas exigências. Ele não busca apenas beleza, e sim um tipo específico de corpo. Um sociólogo escreveu: “Duas pessoas se apaixonam quando sentem que acharam o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores de troca”.² Somos mais preocupados com quem nos ama do que com amar. E não há nada que leve um consumidor a perguntar: estou desejando as coisas certas?

Uma consequência do individualismo e do consumismo é o temor de se fazer compromissos vinculatórios. Certamente, as pessoas em nossos dias são menos propensas a unirem-se a clubes, associações e grupos cívicos do que seus antecessores. Estamos nos casando mais tarde e nos divorciando mais frequentemente. Também estamos mudando de carreira e de emprego com mais frequência. Sempre que um relacionamento se torna inconveniente ou exige demais, é abandonado.

As pessoas de nossos dias adoram não somente o deus do amor, mas também o deus de opções. Indivíduos chegam ao final de seus vinte ou trinta anos incertos do que querem ser “quando crescer”. Por isso, os especialistas dão palestras sobre “adolescência estendida”. Quantos homens já aconselhei (incluindo eu mesmo) durante a agonizante decisão a respeito de namorar esta ou aquela mulher? Afinal de contas, no mês seguinte pode aparecer outra mulher que é muito melhor. Compromissos são ameaçadores. Encurtam a liberdade. Postergam prazeres.

Como resultado, a ideia de compromisso é removida dos ingredientes do amor. Os pais justificam seu divórcio por ser “mais amoroso para os filhos”. Porcentagens mais elevadas de casais moram juntos, afirmando que seu amor não “precisa” de uma certidão de casamento. Ou, embora amem um ao outro hoje, “quem sabe como será daqui a dez anos?”

Mas pare e pergunte aos casais que apenas moram juntos quem, no momento, eles estão realmente amando e protegendo? Não é a si mesmos? Por que mais eles manteriam abertas suas opções futuras?

O amor que idolatramos se foca em autodescoberta, autorrealização, autoexpressão. Foca-se em exterioridades. Busca uma barganha. Fixa-se no momento presente, divorciando-se do passado e ignorando o futuro. Procura se justificar quando seguir em frente torna-se difícil. Esse amor é, em todas estas maneiras e outras mais, infantil. É também, em última análise, egoísta.

O tribalismo e o amor

Em décadas recentes, muitas pessoas têm reagido ao individualismo da cultura ocidental, enfatizando a sua membresia de um grupo, especialmente se o grupo tem experimentado injustiça e opressão. O individualismo e a filosofia política por trás disso, o liberalismo, são na verdade apenas uma máscara para as preferências de homens brancos, disseram vários feministas e teóricos de direitos de minorias no início dos anos 1960. Nossas instituições políticas, argumentaram estes escritores, precisam dar mais atenção ao que significa ser mulher, ou negro, ou latino.

Em geral, a ênfase em identidade de grupo tem ajudado a colocar a história de injustiça e opressão contra estes grupos na vanguarda dos diálogos políticos de nossos dias. Expor a injustiça é uma coisa boa. Observe, porém, que, neste diálogo, o amor fica preso ao grupo. E isso tem riscos e benefícios. Espera-se que você mostre amor pelo membro do grupo não meramente por considerá-lo como um indivíduo. Em vez disso, você afirma cada membro desse grupo como participante das injustiças feitas ao grupo.

Permita-me ilustrar. Muitos brancos se orgulham de não ligar para cor. “Eu não penso em você como negro. Penso em você apenas como meu amigo.” O homem negro pode, então, compreensivelmente responder: “Se você é meu amigo, me perguntará como tem sido minha

experiência como um homem negro neste país". Um amigo me disse isso certa vez. Ele identificou corretamente uma falha em amar bem o meu próximo.

O que essa resposta também sugere é que é fácil para os membros da maioria, como eu, dar preferência ao nosso grupo, mas não perceber isso. Estar na maioria permite que você trate suas próprias preferências culturais como a norma, de forma tão objetiva e tão natural como um peixe na água.

Disparidades de poder existem entre grupos diferentes. E, assim, o amor deveria contabilizar as realidades existenciais de membresia e injustiça de um grupo, especialmente entre os pobres ou oprimidos. Às vezes, eu me pergunto se, nos novos céus e na nova terra, descobriremos que os santos pertencentes a grupos oprimidos serão classificados como primeiros, com base na promessa de Jesus de que os últimos serão primeiros; e se aqueles de nós que éramos primeiros neste mundo se regozijarão, ao serem classificados como últimos, tanto quanto eles por causa da inversão.

Se o individualismo tem o risco de transformar o indivíduo em deus, podemos também transformar o grupo em um deus. A identidade de grupo pode, também, ser idólatra. Essa é a ideia implícita na palavra *tribalismo*. A supremacia branca é uma ilustração óbvia. Mas existem muitas outras formas. Em geral, podemos dizer que a identidade de grupo incorre no risco de idolatria quando amo os membros de meu grupo, excluindo outros grupos. Estou em risco de idolatria quando a membresia de outra pessoa determina completamente minha perspectiva sobre ela, como se isso fosse a coisa mais importante a seu respeito e não o fato de que ela foi criada à imagem de Deus. Estou em risco quando esqueço o que une a humanidade e vejo apenas o que nos divide. Estou em risco quando insisto em que você me ame nos termos do meu grupo. Estou em risco quando tenho certeza de que a minha tribo está sempre certa e a sua está sempre errada e não estou disposto a ouvir críticas a respeito de meu grupo.

Minha opinião é que, na história do mundo, o tribalismo é a idolatria mais comum, e não a idolatria de individualismo. Quanto ódio, batalhas e guerras têm sido fomentados neste solo!

Quando esse "amor" se infiltra na igreja

A igreja local deve ser o antídoto tanto para o individualismo quanto para o tribalismo, um lugar onde cada pessoa se coloca individualmente diante de Deus e como um membro de um novo povo e família. Esta nova família não suprime a diversidade da criação de Deus, nem ignora o impacto da injustiça e discriminações deste mundo. Deus nos chama a dar maior honra às partes do corpo que não a possuem, para que não haja divisão (1Co 12.25). Diversidade de grupos em uma igreja não é um problema a ser vencido. É um dom a ser bem recebido, uma oportunidade para louvor de Cristo.

Mas o que acontece quando os cristãos arrancam o amor individualista ou tribalista do solo da cultura e o transplantam na igreja? Quando sentam nos bancos e usam a definição de amor do mundo para julgar se uma igreja é amorosa ou não?

O impacto do individualismo e do consumismo

Vamos começar com o impacto do amor individualista. Quando amamos de maneira individual, a igreja se torna um lugar para crescermos em autorrealização e autoexpressão. "Conseguo me conectar com o pastor? A música me toca emocionalmente?" Chegamos, ouvimos a música, ouvimos a pregação, olhamos para as pessoas ao redor - "Elas parecem comigo? Eu me sentirei confortável com elas?" - e, depois, voltando para casa, oferecemos uma avaliação de tudo que vimos: "Gostei da música, exceto aquela canção. O pregador não era muito engraçado. Você viu qualquer programa para adolescentes?" Medimos a nossa experiência, em vez de sondarmos o nosso coração. Julgamos a igreja, em vez de deixarmos Deus nos julgar.

Qualificamos a igreja como "amorosa" se ela nos fizer sentir tranquilos, confortáveis e não julgados. "Lá eu posso ser eu mesmo." Somos hipersensíveis à ameaça de julgamento e levantamos rapidamente a acusação de "legalista" sempre que alguém sustenta uma opinião um pouco fortemente.

Quando o amor se centraliza em autodescoberta e autoexpressão, "guerras de adoração", que colocam a geração mais jovem contra a geração mais velha, podem ser esperadas, porque é por meio de música que nos expressamos. As letras das músicas se focarão menos em conteúdo doutrinário ("Que firme alicerce, vós santos do Senhor, / tendes para vossa fé em sua Palavra excelente") e mais em expressões de emoção ("Cantarei seu amor para sempre, / Cantarei seu amor para sempre").

Aulas de escola dominical, pequenos grupos e outros ministérios serão divididos demograficamente porque nos tornamos mais determinados a achar pessoas que compartilhem de nossas experiências de vida do que a achar pessoas mais velhas para aprendermos delas e pessoas mais jovens para discipularmos. A pregação se torna aconselhamento pessoal baseado em grupos, como disse um pastor no início do século XX. Se nos perguntam o que desejamos na pregação, as primeiras palavras que saem de nossa boca são "Preciso de algo que me encontre onde estou", enquanto a resposta "Quero que seja biblicamente fiel" aparece em alguma parte do final da lista, quando aparece. Não queremos admitir isto para nós mesmos, mas o que realmente queremos do pregador e do líder de pequeno grupo não é um Deus que nos peça que o honremos, e sim um Deus

que nos valorize. Por essa razão, sermões curtos são preferíveis no culto principal e diálogos são preferíveis na escola dominical ou nos pequenos grupos, centrando-se no “que esta passagem significa para mim”.

Testes de dons espirituais se tornam populares quando os cristãos veem o amor como autodescoberta e autoexpressão. Não é importante saber quais as áreas de necessidade da igreja. Não é importante saber que frentes de batalha precisam de fortalecimento. Preciso me sentir realizado por intermédio de meu envolvimento na igreja. Então, por favor, quero saber como Deus me capacitou pessoalmente; então, por favor, deem-me uma posição que me permita expressar meus próprios dons.

Como é o amor consumista na igreja? Acredita que tamanho é importante e que desempenho é o que realmente conta. A igreja apresenta um bom show? Um culto bem-sucedido é aquele que produz enlevo espiritual ou experiência de alto do monte. O crescimento é estimado pelo número de conversões, não por meio de “uma obediência permanente na mesma direção”, usando uma expressão emprestada. Dados estatísticos e medidas de curta duração são tudo que importa. Não somos mais levados a adorar imagens esculpidas, mas dados estatísticos nos impressionam realmente.

Quando a ideia de “compromisso vinculante” é separada da definição de amor, as igrejas se tornam lugares onde sacrifícios pessoais raramente são feitos, e o evangelho é raramente apresentado. Em vez disso, as pessoas virão e sairão – “pulando de uma igreja para outra” – com pouco interesse. Reunimo-nos e saímos de maneira descomprometida, visto que isso não viola o nosso senso de amor e de suas obrigações. Não paramos para avaliar as consequências de nossa partida sobre os outros. Não pedimos aos pastores que nos ajudem a considerar nossas decisões. Devolvemos a nossa compra ao vendedor. Não há compromisso pessoal.

E, assim, cada vez mais, os cristãos não estão se unindo a igrejas. A “experiência provida por sua igreja”, diz o pesquisador evangélico George Barna, “parece rasa”. Eles estão procurando uma experiência de fé que seja mais robusta e inspiradora de temor” do que a velha igreja local lhes pode dar.¹⁰ O próprio Barna deixou-se levar pelas circunstâncias. Se um cristão está “imerso em, minimamente envolvido em ou completamente dissociado da igreja local, é irrelevante para mim (e, dentro dos limites, para Deus)”, ele disse. “O que importa não é com quem você se associa (i.e., uma igreja local), e sim quem você é”.¹¹ Lembre-se: o amor é autorrealização e conectar-se; e aparentemente as igrejas não estão nos ajudando nisso. Barna cita várias estatísticas para estabelecer seu argumento, como o fato de que oito entre dez crentes “não sentem que entraram na presença de Deus ou que experimentaram conexão com ele durante o culto de adoração”.¹²

Para alguns cristãos, a solução é tirar as igrejas locais do caminho. Controlar sua própria jornada espiritual. Para outros, a solução é achar uma das novas “igrejas boutiques” que oferecem “experiências personalizadas”.¹³ As pessoas estão à procura. De qualquer maneira, os cristãos podem crescer em maturidade sem todos os transtornos, burocracias e redundâncias de vida na igreja local tradicional. A conclusão de Barna? Você pode participar de uma igreja ou deixá-la, dependendo do que lhe convém. Você é o administrador de seu próprio portfólio espiritual. Seu próprio capitão. Seu próprio pastor.

Quando o amor se torna uma questão de autoexpressão entre os cristãos, o próprio evangelho – o âmago do amor cristão – se torna remodelado para cumprir propósitos terapêuticos. Adotamos o que o conselheiro David Powlison chama de evangelho terapêutico. O evangelho terapêutico não se interessa muito em como ofendemos a Deus com nossos pecados. Antes, foca em como nos curar das ofensas e abusos cometidos contra nós.

- Quero me sentir amado pelo que sou, que se compadeçam pelo que aconteceu comigo, sentir-me intimamente compreendido, ser aceito incondicionalmente;
- Quero experimentar um senso de valor e significado pessoal, ser bem-sucedido em minha carreira, saber que minha vida é importante, causar impacto;
- Quero ganhar autoestima, afirmar que estou bem, ser capaz de afirmar minhas opiniões e desejos.¹⁴

O evangelho e a igreja existem, descreve Powlison, para resolver problemas como esses. Devem fazer com que nos sintamos amados, importantes, validados, entretidos e energizados. Abordam os sintomas. Não nos dizem que nosso coração é de pedra e que precisa ser substituído. É “jesus-para-Mim”. Ele satisfaz meus “desejos individuais e alivia minhas dores físicas”.¹⁵

Sendo claro, não estou criticando igrejas fortemente emocionais. Não estou dizendo que Jesus não cura nossas dores físicas e não conforta os que sofreram abusos. Não estou nem mesmo dizendo que não há nenhuma verdade na concepção de amor romântico de nossa cultura. Reflexos dele podem ser achados nas páginas da Escritura – considere apenas Cântico dos Cânticos. Em vez disso, como todos os melhores ídolos, o entendimento de amor de nossa cultura isola uma ou duas coisas verdadeiras e as torna supremas, distorcendo assim até o que há de bom nesta visão do amor. Portanto, note a ênfase. E observe o que ela sustenta em mais elevada consideração e o que deixa de lado, como a autoridade e a glória de Deus.

Tudo isso é uma resposta à pergunta: como o amor individualista e consumista impacta a igreja? O que podemos dizer sobre o impacto de um amor tribalista? De fato, é o mesmo, especialmente na cultura ocidental, onde o individualismo permeia tudo, incluindo a nossa identidade grupal. Você pode quase ler os parágrafos acima e substituir a palavra *grupo* pela palavra *indivíduo*. A igreja se torna um lugar para crescer em realização de *grupo* e expressão de *grupo*. Descrevemos a igreja como “amorosa”, se ela faz com que *nos* sintamos tranquilos, confortáveis, não julgados. Podemos ser *nós mesmos* na igreja. A pregação se torna aconselhamento de grupo ou baseada em grupos. Precisamos de algo que *nos* encontre onde *nós* estamos.

O evangelho terapêutico desempenhará um papel significativo quando uma igreja for definida por tribalismo, mas, novamente, com a substituição do *nós*. Ficamos menos preocupados a respeito de como acertar nossa vida com Deus e mais preocupados com a validação de nosso grupo, nosso significado, nossa importância. Além disso, o evangelho se torna focado quase exclusivamente em abordar as relações de poder entre os grupos, quer por manter o status quo (como os fariseus dos dias de Jesus), que por subvertê-lo (como os zelotes).

Novamente, deixe-me ser claro: quando um grupo tem recebido injustiça por décadas ou séculos, *precisa* haver certa medida especial de reconhecimento, validação e (usando as palavras de Paulo) honra do grupo. Quando pessoas de um grupo oprimido dizem “somos importantes”, estão apenas afirmando que também foram criadas à imagem de Deus, pois o histórico de opressão coloca em dúvida essa própria afirmação. O risco com o qual me preocupo é que um grupo qualquer, maioria ou minoria, se torne mais interessado em afirmar a sua identidade grupal do que a sua identidade cristã.

Rejeitando a autoridade e diminuindo a Deus

Para que não haja qualquer mal-entendido, a história de individualismo, tribalismo e suas versões de amor não dizem respeito, em última análise, a indivíduo versus comunidade – ser uma pessoa isolada versus ter amigos. Diz respeito a quem é que manda – eu ou outra pessoa? Diz respeito a uma rejeição de toda autoridade fora de *mim*. E, fundamentando essa rejeição de toda autoridade fora de *mim*, está um desinteresse na majestade de Deus e uma depreciação de seu valor.

Eu sou meu próprio senhor – senhor de minha vida e senhor de meus amores.

Se uma instituição, uma pessoa de autoridade ou mesmo Deus é um obstáculo para o que meu coração quer, eu tenho a vantagem da decisão. Posso dizer: “Saia do meu caminho!” Isso é o que significa dizer que todo relacionamento, todo padrão cultural, toda expectativa social e moral, todo credo religioso se tornou negociável.

“Individualismo” e “consumismo” são palavras típicas de sociólogos. Servem muito bem ao propósito deles. Mas são teologicamente ineficazes e um pouco “seguras” demais – totalmente horizontais e não verticais. Precisamos remover suas máscaras seculares e falar sobre elas como se estivéssemos sentados na aula de escola dominical de nossos bisavós, quando as pessoas usavam palavras bíblicas como *pecado*, *cobiça* e *adultério* para designar as coisas más.

Não surpreendentemente, o adultério desempenhou um papel crescente nos romances do século XIX e início do século XX. Como adolescentes que começaram a suspeitar da religião de seus pais, vários escritores queriam testar e aumentar, pouco a pouco, os limites. As sombras de compunção moral permaneceram. Tais autores nunca apareceram publicamente e disseram: “O adultério é ótimo!” Entretanto, tudo mais nos enredos apelavam à simpatia do leitor, como uma voz sussurrando em seu ouvido.

Quanto filmes e livros continuam a fazer isso hoje? Lembro-me de quando o filme *As Pontes de Madison*, com Clint Eastwood e Meryl Streep, foi lançado em 1995. Baseava-se num livro que tinha o mesmo nome, publicado em 1992, que se tornou um dos best-sellers do século XX, com mais sessenta milhões de cópias vendidas. O enredo se centraliza num caso extraconjugal. E, por isso, quando uma amiga me disse que assistira ao filme e o apreciara, lembro-me de que, mesmo sendo (na época) um cristão nominal, condenei silenciosamente em meu coração a sua falta de discernimento moral. Mas, por uma razão ou outra, acabei assistindo ao filme e – admito com vergonha – me vi tendo simpatia para com a esposa adúltera. O poder do enredo me atraiu e me enganou.

Como uma arte transgressora e sem limites é bem-sucedida em conseguir grandes audiências? Os seus artistas possuem um “homem interior” em comum com os leitores ou espectadores – o homem caído no interior de cada um de nós. Os autores não tentam nos convencer de uma maneira agressiva de que, digamos, “o adultério é bom”. Pelo contrário, eles contam com o fato de que nosso coração deseja controlar nosso próprio destino, como em “se o *seu* coração sentisse tão grande desejo, e *você* estivesse obstruído por todas aquelas circunstâncias difíceis, você faria a mesma coisa, não faria?”

A tentação pode bater à porta da frente com um objeto brilhante em suas mãos, mas o Diabo faz sua obra real primeiramente por entrar de maneira furtiva pela porta dos fundos e oferecer-nos uma nova identidade: “Sereis como Deus” (Gn 3.5).

Uma visão individualista do amor se arraiga, em última análise, numa visão enorme de nós mesmos e numa visão diminuída de Deus. Ele pode ou não merecer glória, mas eu certamente

mereço. Meus impulsos são bons. Meus instintos são sábios. Meus desejos são racionais e naturais. Mereço o que quero. Mereço louvor. Portanto, eu devo definir minha própria moralidade, minha própria existência, meu próprio gênero, minhas próprias canções de amor. Deus pode oferecer uma sugestão ou duas, mas não tem nenhum direito de me governar; nem qualquer parente, pastor ou presidente que tente estabelecer regras em seu nome. Eu sei, em meu coração, o que é o amor. Quem são vocês para negar o amor?

A tragédia, sem dúvida, é que esse amor não gera, nem cria. Permanece preso em si mesmo e, por fim, morre.

Nas primeiras décadas do século XX, os romancistas haviam feito as mesmas conclusões. O amor, como a guerra, é um exercício em futilidade, sugere Ernest Hemingway em sua obra *Adeus às Armas*. Dois amantes passam o romance fugindo do mundo para ficarem juntos. A mulher fica grávida. O homem começa a se perguntar quem ele é. Nas páginas finais, ela e a criança morrem no parto. O homem expulsa as enfermeiras do quarto do hospital e apaga a luz, querendo dizer adeus sozinho. Mas, “foi como dizer adeus a uma estátua. Após um instante, saí, deixei o hospital e caminhei de volta para o hotel, na chuva”.¹⁶ Fim. Isso é tudo. Não há mais nada. O amor daquela mulher era tudo que ele tinha. E ela morreu, bem como o filho deles. A chuva, um símbolo de desintegração, leva tudo embora.

O amor de dois amantes não pode sustentá-los para sempre, por mais intenso e apaixonante que seja. Este universo colapsa em si mesmo.

O tribalismo, também, se preocupa fundamentalmente com questões de poder. À semelhança do individualismo, o tribalismo não se interessa pela majestade de Deus; em vez disso, quer que o grupo seja seu próprio senhor – senhor de sua vida e de seus amores.

Conclusão

Imagine dois universos. No primeiro universo, Deus está no trono. No outro, o nosso grupo ou nós estamos no trono. No primeiro, Deus é a fonte de todo amor, e seu amor está acompanhado de suas exigências. No segundo, nós somos a fonte de amor, e o amor se curva às nossas exigências. A Bíblia aponta para o primeiro. A tradição ocidental de Romantismo com “R” maiúsculo, que tem moldado dramaticamente a nossa cultura desde os séculos XVIII e XIX, adotou eficazmente o segundo.

Esses são dois universos muito diferentes. E aquilo que soletramos *a-m-o-r* se comportará de maneiras muito diferentes nesses dois universos. Pessoas traçarão linhas e limites em ambos os universos. Farão regras e julgamentos. Mas essas regras e julgamentos parecerão muito diferentes, porque servirão a diferentes tipos de amor.

Em última análise, você não pode separar amor e regra. É apenas uma questão de qual amor governará: o amor de Deus ou o amor do ego.

Peter Gabriel, "In Your Eyes", side 2, track 1, on *So*, © Sony/ATV Music Publishing LLC, 1986.
Sting, "Sacred Love", track 10, on *Sacred Love*, A&M, 2003.
Anthony Giddens, *Transforming Intimacy: Sexuality, Love and Eroticism in Modern Societies* (Palo Alto, CA: Stanford University Press, 1992), 39-40.
Giddens, *Transforming Intimacy*, 44-45.
C. S. Lewis, *The Four Loves* (New York: Harcourt Brace, 1960, 1988), 61.
Erich Fromm, *The Art of Loving* (New York: Harper & Row, 1989), 3.
George Barna, *Revolution* (Carol Stream, IL: Tyndale, 2005), 14.
Barna, *Revolution*, 29.
Barna, *Revolution*, 31.
Barna, *Revolution*, 63.
David Powlison, "The Therapeutic Gospel", 9 Marks (website), February 25, 2010, <https://www.9marks.org/article/therapeutic-gospel/>.
Powlison, "Therapeutic Gospel".
Ernest Hemingway, *A Farewell to Arms*, Hemingway Library Edition (New York: Scribner, 2012), chap. 41, Kindle.

Capítulo 2 | O Amor entre os Teólogos

Um dos episódios mais famosos no romance *Os Irmãos Karamazov* de Fiódor Dostoiévski é “O Grande Inquisidor”. O episódio acontece na Espanha do século XVI, naquilo que o narrador descreve como “o período mais terrível da Inquisição, quando fogueiras brilhavam em toda a terra, diariamente, para a glória de Deus”. A Inquisição, apenas para lembrar, foi a investigação de heresia por parte da Igreja Católica durante vários séculos.

“O Grande Inquisidor” é um conto estranho. Começa com Jesus aparecendo silenciosamente nas ruas da cidade, não em sua segunda vinda, mas apenas “para visitar seus filhos por um instante”. Todos reconhecem imediatamente Jesus e o cercam. Seu “coração queima de amor” pelas pessoas. Ele reinicia sua atividade de cura que marcou seu primeiro ministério na terra. As pessoas beijam o chão no qual ele anda. As crianças jogam flores e gritam: “Hosana”. Em determinado momento, Jesus para um cortejo fúnebre que leva um caixão aberto de uma jovem morta. Ele diz suavemente: “*Talitha cumi*”, e a menina se ergue com olhos sorridentes e admirados. A multidão suspira em admiração.

Enquanto isso, um observador envelhecido se detém e avalia a cena. Vendo apenas comoção, o próprio cardeal grande inquisidor, cuja autoridade vem diretamente do papa, intervém e prende Jesus. Mais tarde, o cardeal entra na cela de Jesus e o desafia:

És tu? Tu?... Não, não respondas. Fica em silêncio. E, em todo caso, o que poderias dizer? Sei muito bem o que dirias. E não tens o direito de acrescentar nada ao que disseste em tempos passados. Por que vieste opor-se a nós? Pois vieste opor-se a nós, e tu mesmo sabes disso. Mas tu sabes o que acontecerá amanhã?... Eu te declararei culpado e te queimarei na estaca como a maioria dos ímpios hereges, e aquelas mesmas pessoas que hoje beijaram teus pés, amanhã, ao aceno de minha mão, se apressarão a amontoar brasas em tua fogueira. Sabes disso? Sim, ousa dizer que sabes.

Em seguida, o grande inquisidor lembra a Jesus que ele deu à sua igreja a autoridade para unir ou excluir de si mesma quem ela quisesse: “Tu fizeste promessas e selaste-as com tua própria palavra. Tu nos deste o direito de ligar e desligar e, portanto, não podes nem sonhar em tirar de nós esse direito”.¹⁷

A história termina de modo inesperado e, sob reflexão, de modo esperado. Cristo, após ser ameaçado com morte, responde aos argumentos do inquisidor apenas com um beijo na boca.

À semelhança do inquisidor, afirmamos achar consolo no fato de que Deus é amor. Falamos sobre Deus. Esperamos em Deus e nos preparamos para sua vinda edificando grandes prédios religiosos. Mas, quando este Deus de amor vem, nossos egos caídos prendem-no, interrogam-no e, depois, matam-no. O pintor Rembrandt entendeu isso muito bem quando pintou a si mesmo na cena da crucificação de Cristo como um dos crucificadores. A história de Dostoiévski é poderosa exatamente por esta razão: aponta para algo profundo em nosso coração – um ódio não somente por Deus, mas também por seu amor.

O amor de Deus atrai e, ao mesmo tempo, repele *todos* nós. Tem algo de beleza e algo de ofensa grosseira para o coração caído. Contemple o amor de Deus por um ângulo, e ele se mostrará como a coisa mais resplandecente em todo o universo. Porém, ande um pouco mais e olhe de novo, e você descobrirá que seu lábio rosna, seu pulso cerra, e seu coração se torna moralmente ofendido.

Como pode ser isso? No primeiro momento, somos a multidão, que desfruta das curas, milagres e atos de compaixão de Jesus. No segundo momento, somos o inquisidor, reconhecendo que o amor de Jesus nos chama a render-nos a seu governo, louvor e glória. E nosso coração caído odeia isso, mesmo em face de misericórdia e amor.

Como Wesley e Buttercup, sustentamos a visão de amor que gira totalmente em torno de nós mesmos. A ofensa vem quando o amor de Deus desafia nosso senhorio e anseia por glória. Por isso, redefinimos o amor para nos colocarmos no centro do universo.

O Capítulo 1 terminou com uma imagem de dois universos: um em que nós estamos no centro, o outro em que Deus está no centro. E essa imagem tem o propósito de comunicar o modo pelo qual a cultura ocidental desafia hoje a Deus. Ela almeja a deposição pública. “Saia do trono, Deus. Eu mereço sentar aí”.

Quando consideramos a igreja, o desafio se torna mais sutil. Continuamos a honrar o governo de Deus com nossos lábios. Afirmamos que ele está no trono. Mas, depois, conduzimos nossa vida como se *nós* fossemos o maior amor de Deus, e ele nos amasse mais do que seu Filho, sua justiça, sua glória.

Imagine novamente dois universos, mas agora com uma pequena mudança. Desta vez, Deus está no centro de ambos, pelo menos em nome. O que distingue estes universos é o que Deus ama mais. No primeiro, ele ama mais a humanidade. No segundo, Deus ama mais a Deus, visto que esse amor é compartilhado entre os três membros da Trindade – o Pai com o Filho, e o Filho com o Espírito. No primeiro universo, a salvação depende totalmente do amor de Deus pela humanidade. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira” é o slogan padrão. No segundo universo, a salvação depende de Deus incluir graciosamente um povo em seu amor por seu Filho, como na ocasião em que o Filho pede ao

Pai que ame seu povo com o mesmo amor que ele dá a Jesus (Jo 17.26).

Estes dois universos apresentarão diferentes conjuntos de regras, julgamentos e amores. E isso é o que queremos considerar neste capítulo. Se o último capítulo explorou a cultura, este capítulo explora os teólogos cristãos. Um grupo de teólogos falará sobre o amor de Deus como universal, indiscriminatório e incondicional, mas na essência encontramos a centralidade no homem. O outro grupo falará sobre o amor de Deus como centrado em Deus, e é aí que está a ofensa.

Você pode achar que não está interessado na história de teólogos, e algumas coisas neste capítulo podem parecer pouco familiar. Mas suspeito que você também se identificará com algumas coisas.

Platão e Agostinho

Permita-me começar com uma breve palavra sobre o filósofo grego Platão, por causa de seu impacto na maneira como os teólogos cristãos pensam sobre o amor. Platão usava a palavra grega *eros* para amor. Para ele, *eros* ou amor era um anseio pelo que não temos. Era desejo. Eu vejo em você alguma qualidade de que preciso e desejo me unir a ela. “Eu o amo *porque você é bonito*”, ou “bom”, ou “justo”, ou qualquer outra coisa. Visto que os deuses não carecem de nada, Platão pensava, os deuses não amam.¹⁸

No lado dos teólogos cristãos, Agostinho, do século V, acreditava, como Platão, que o amor começa com desejo, afeição poderosa ou um “movimento” de nossa alma em direção a algum bem.¹⁹ E, como Platão, Agostinho acreditava que Deus não precisa de nada. Mas, diferentemente de Platão, Agostinho sabia que “Deus é amor” é baseado nas Escrituras. Como Agostinho harmonizou isso?

Agostinho combinou duas coisas: amor como desejo (*eros*) e amor como dom (*agapê*).²⁰ Se amor enquanto desejo soa como “eu o amo *porque você é bonito*”, amor enquanto dom soa como “eu o amo *porque quero fazer-lhe o bem*”. O primeiro depende de ver alguma qualidade no amado. O segundo depende da qualidade de benevolência no amante. Suponho que você consegue se identificar com ambos. Amor como desejo, ou *eros*, era a sua paixão por aquela pessoa no ensino médio. Amor como dom, ou *agapê*, era aquele sentimento que você tinha pela sua mãe quando criança ao sair para fazer compras de Natal. Você queria realmente lhe fazer bem.

De novo, Agostinho os combinou. Deus, o Pai, tem um afeição poderosa (*eros*) pelo Filho, por meio do Espírito, e se dá inteiramente ao Filho (*agapê*). Agostinho designou o Pai, o Filho e o Espírito como amante, o que é amado e amor.²¹ De modo semelhante, Deus se dá a nós com os desejos e afeições do Espírito, que, então, nos leva a amar e adorar a Deus fervorosamente: “Portanto, é Deus Espírito Santo, procedente de Deus, que acende no homem o amor a Deus e ao próximo, quando Deus se dá ao homem, e ele mesmo é amor. O homem não tem a capacidade de amar a Deus, senão a partir de Deus mesmo”. Em outras palavras, para Agostinho, o amor é um tipo de bumerangue, vem de Deus e retorna para Deus, apanhando-nos em sua trajetória arqueada. Ele escreveu: “O amor é, portanto, Deus da parte de Deus”.²²

Não tenho conhecimento de qualquer passagem em que Agostinho diga que Deus ama sobretudo Deus da maneira como Jonathan Edwards viria a dizer, mas isso é, certamente, a implicação. Ele disse explicitamente que o amor humano, incluindo o amor às outras pessoas e à criação, deve ser manifestado “com referência” a Deus. Em um sermão, Agostinho escreveu:

Você deve amar [seus filhos e sua esposa] com referência a Cristo, e pensar neles com referência a Cristo, e amar neles nada além de Cristo. Deve odiar nos seus mais próximos e mais queridos o fato de que não querem ter nada com Cristo. Esse, você percebe, é aquele tipo divino de caridade.²³

Devemos amar a Deus por causa de Deus e devemos amar nosso próximo por causa de Deus. Isso significa, em palavras simples, mostrar Deus para o nosso próximo. Agostinho escreveu: “Portanto, aquele que ama corretamente seu próximo deve agir para com ele de tal modo que ele também ame a Deus com todo o seu coração, toda a sua alma e toda a sua mente”.²⁴

O amor centralizado em qualquer outra coisa, exceto Deus, é o oposto de amor: Se os amamos por qualquer outra razão, nós os odiamos mais do que os amamos”.²⁵ Resumindo tudo isso, Agostinho escreveu:

Chamo “caridade” o movimento da alma em direção ao gozo de Deus por causa de Deus mesmo, e ao gozo do próprio indivíduo e do seu próximo por causa de Deus. Mas “cupidez” é um movimento da alma em direção ao gozo do próprio indivíduo, do seu próximo e de qualquer outra coisa corporal por causa de alguma outra coisa que não seja Deus mesmo.²⁶

Para Agostinho, há dois tipos básicos de amor: um amor centrado em Deus e um amor centrado em qualquer outra coisa. Um é de Deus e para Deus; o outro não é. Agostinho viu claramente os dois universos que descrevi, só que os chamou de duas cidades. E existe uma distinção muito clara entre eles.

Bernardo e Tomás de Aquino

No século XII, Bernardo de Claraval enfatizou a experiência de amar a Deus mais do que Agostinho o fez. Bernardo usou a figura de amor romântico e embriaguez de Cântico dos Cânticos para descrever nossa experiência de amar a Deus.²⁷ Mas o pensamento geral de Bernardo é semelhante ao de Agostinho. Deus nos ama por nos capacitar a amá-lo: “Ele ama tão somente com o propósito de ser amado, sabendo que aqueles que o amam são abençoados por seu amor”.²⁸ Você percebe o bumerangue de amor indo e retornando? Para Bernardo, o amor é sua própria recompensa. É tanto dar como receber. Deus nos une a si mesmo para si mesmo, e, nesse unir, recebemos tudo que poderíamos querer.

No século XIII, Tomás de Aquino, como Agostinho e Bernardo, também concebeu o amor como vindo de Deus e retornando para Deus, novamente como um bumerangue. Tomás de Aquino também começou com o amor como paixão ou desejo e, depois, o combinou com uma concepção de amor como dom ou desejo pelo bem do outro. O amor atrai uma pessoa à outra e une o amante ao amado, mas esse impulso de união tem consigo um impulso doador. O amor é como uma fornalha, disse Tomás de Aquino, que irradia para fora, levando calor por toda a casa. Portanto, não é bom dizer: “Eu amo a Deus, mas não amo o meu próximo”. Assim como o amor de Deus queima para fora, em direção ao mundo, para trazer pessoas ao amor e à adoração de Deus, assim também nosso amor a Deus queima para fora, em direção aos pecadores, para trazê-los ao amor de Deus.²⁹

Definindo o amor centrado em Deus

Se tivéssemos de resumir o que ouvimos de Agostinho, Bernardo e Tomás de Aquino, como definiríamos o amor? Diríamos que o verdadeiro amor é centrado em Deus. É amar os outros com referência a Deus. É querer o bem do outro e saber que o bem é sempre Deus. Ele é a coisa mais gloriosa e bela no universo. Uma visão de amor centrada em Deus combina desejo e dom. Desejamos muito a Deus e damos a Deus. É como uma proposta de negócios em que ambos ganham.

O amor centrado em Deus opera como um bumerangue, começando com o amor do Pai pelo Filho, e o Filho retornando esse amor ao Pai. “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1.11; ver também Hb 1.9). Portanto, em relação a seres humanos pecaminosos, um amor centrado em Deus sai de Deus e nos atrai ao arco de sua trajetória, a fim de que nosso amor retorne ao lançador. Ele nos ama para que o amemos. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente” (Rm 11.36), disse o apóstolo Paulo. O verdadeiro amor é *procedente de Deus, por meio de Deus e para Deus*.

Um amor centrado em Deus é como uma fornalha no coração – usando a figura de Tomás de Aquino – para beleza de Deus, onde quer que seja achado. Simultaneamente, um amor centrado em Deus odeia tudo que se opõe a Deus, tanto porque Deus é o maior bem quanto porque opor-se a ele é mentir a respeito do bem, difamando-o. “Odiar o mal de uma pessoa é equivalente a amar o seu bem”, disse Tomás de Aquino.³⁰ Somente a irracionalidade do pecado nos induz a amar aquilo que se opõe a Deus e a não odiar tal coisa. Somente Deus é vida e é digno de louvor. As forças do pecado e do mal se opõem a Deus e prometem morte.

Manifestando o amor centrado em Deus

Por essas razões, um amor centrado em Deus traça distinções entre quem ama a Deus e quem não o ama. Faz discriminações. Faz julgamentos. E faz isso por causa do amor a Deus e do bem das pessoas.

Isso nos leva à história do povo de Deus na Escritura. Deus distinguiu seu povo em cada etapa da história de redenção, para que seu amor fosse colocado em exibição. Ele traçou uma linha de separação entre dentro e fora do Éden, dentro e fora da arca, dentro e fora de seu povo no Egito, por meio das pragas, dentro e fora do arraial, dentro e fora da terra de Canaã. E esta mesma linha de separação deve existir em cada igreja no mundo, distinguindo seus membros do mundo.

O propósito de traçar estas linhas de separação é dizer: “Aqui está a fonte de água pura; bebam dela. Aqui está um povo que me ama de todo o seu coração, mente, alma e força. Você percebe quão atraente é esta vida abençoada? Você não quer se arrepender e se unir a este povo?” A linha de exclusão tem o propósito de provocar o desejo por inclusão. É uma porta fechada, mas é uma porta de vidro pela qual as pessoas podem ver e podem abrir com o simples empurrão de arrependimento e fé.

Mas estas linhas de separação, esta exibição e estas portas são o que ofendem o mundo no que diz respeito ao amor de Deus. O amor de Deus chama o mundo a amá-lo. E esse chamado é, por natureza, contrário ao amor do ego. O lábio rosna, e os punhos se cerram porque o amor próprio faz seus julgamentos, traça suas próprias linhas e cultiva seus próprios ódios. Por isso, Caim se opõe a Abel. Esaú se opõe a Jacó. Faraó se opõe a Israel. E assim a história continua, até que o Filho divino é destruído por Herodes e Pôncio Pilatos, cumprindo o furor das nações (At 4.26-28).

Essa é a razão por que o ódio do grande inquisidor para com Jesus é surpreendente e ao mesmo tempo faz sentido. Podemos contemplar a beleza que é Deus encarnado, mas, depois, resistir-lhe totalmente quando ele afirma o direito de nos possuir. Não podemos servir a dois senhores, disse Jesus. Ou nos aborreceremos de um e amaremos o outro, ou nos dedicaremos a um e desprezaremos

o outro (Mt 6.24). E, se amamos mais a nós mesmos, como responderemos ao amor de Deus belo e outorgador de vida?

De Lutero a Barth

A história dos teólogos continua. A doutrina do amor cristão se desenvolveu no decorrer da história da Igreja, e o desenvolvimento não foi completamente saudável. É como se amor na Bíblia fosse um cordão de muitos fios, e vários dos teólogos posteriores tivessem escolhido um desses fios, separando-o dos demais. É crucial observarmos isso, porque o fio separado expressa o modo como muitos cristãos e pós-cristãos veem hoje o amor cristão em sua inteireza.

Agostinho e os que o seguiram combinavam amor como desejo (*eros*) e amor como dom altruísta (*agapê*), mas uma tradição de teólogos, seguindo Lutero, descartou *eros*. *Agapê* é cristão, eles diziam. *Eros* é platônico. O amor cristão é um dom incondicional. Não é interessado na dignidade ou indignidade de seu objeto. No processo, porém, estes teólogos abriram caminho para universos alternativos – mudando um universo em que Deus ama sobretudo Deus por um universo em que ele ama mais a humanidade. Na verdade, eles prepararam o caminho para Deus se tornar um ídola, cujos julgamentos serviriam à glória da humanidade e não à sua própria.

Como alguns contam a história, Martinho Lutero representa o ponto de mudança. Se esta ênfase caracterizou ou não os escritos de Lutero sobre o amor ou se caracterizou apenas as interpretações posteriores de Lutero, isso não é o nosso interesse aqui.³¹ Mas a história é assim: a Igreja Católica Romana enfatizava a obra do homem na salvação. Lutero reagiu com a doutrina da justificação somente pela fé, pela qual a graça justificadora de Deus é prometida espontaneamente a todos que crerem. Em outras palavras, Lutero enfatizava o amor gracioso e incondicional de Deus pelo homem – o amor como um dom altruísta. É só isso.

Um intérprete posterior foi Søren Kierkegaard, que fez uma forte distinção entre o amor cristão e o amor romântico. O amor romântico, Kierkegaard disse, é específico. Focaliza-se no “nome do favorito, no amado, no amigo, que é amado em distinção do resto do mundo”. Mas o amor cristão é universal. Nunca mostra favoritismo e ama toda a humanidade. O amor romântico é “determinado por seu objeto”. É extraído por atração. O amor cristão é simplesmente “determinado por amor”. Depende de autorrenúncia. É um dom. O amor romântico pode ser transformado em algo mais, como ódio. O amor cristão “nunca muda, tem integridade; ama – e nunca odeia”.³²

Como disse, imagino que muitos cristãos sustentam em sua mente este tipo de distinção entre amor romântico e amor cristão. Mas o que é impressionante é quão frequentemente a Bíblia usa o primeiro para simbolizar o segundo. Em relação ao antigo Israel, Deus descreve a si mesmo como um Deus ciumento, e a infidelidade de Israel como adultério. No que diz respeito à Igreja, Deus ordena que os maridos amem sua mulher como Cristo ama a Igreja, e que as mulheres se submetam ao marido como a Igreja o faz em relação a Cristo. Não estou dizendo que todo amor opera da mesma maneira, em todos os domínios. Mas, poderia ser verdade que Deus não tenciona que mantenhamos o amor romântico tão distante do amor cristão como Kierkegaard o fez?

Seguindo Kierkegaard, veio o teólogo luterano do século XX Anders Nygren, que escreveu um livro influente intitulado *Agape and Eros* (Ágape e Eros). Lembra-se de Platão e Agostinho? Nygren queria separar a ideia de Platão de amor como desejo (*eros*) da ideia cristã de amor como dom (*agapê*). Uma boa parte do livro critica Agostinho por combinar os dois e elogia Lutero por levar a Igreja de volta a *agapê*. Nygren compara os dois tipos de amor em uma série de pares:

Eros é desejo e anseio aquisitivos.

Agape é dar sacrificial...

Eros é o caminho do homem em direção a Deus.

Agape é o caminho de Deus em direção ao homem.

Eros é o esforço do homem: presume que a salvação do homem é sua própria obra.

Agape é a graça de Deus: a salvação é a obra do amor divino...

Eros é a vontade de obter e possuir que depende de carência e necessidade.

Agape é liberdade em dar, que depende de riqueza e plenitude.

Eros é primariamente o amor do homem...

Agape é primariamente o amor de Deus...

Eros é determinado pela qualidade, beleza e valor de seu objeto; não é espontâneo, e sim “despertado”,

“motivado”.

Agape é soberano em relação ao seu objeto; é dirigido “tanto ao mau quanto ao bom”; é espontâneo, “transbordante”, “não motivado”.

Eros reconhece valor em seu objeto – e o ama.

Agape ama – e cria valor em seu objeto.³³

Para Nygren, o amor é completamente destituído de atração por um objeto. É nada mais do que um dom autossacrificial. Nunca é condicional, sempre incondicional. É tanto para os indignos quanto para os dignos, tanto para os pecadores quanto para os justos.

Karl Barth também pode ser incluído nesta tradição. Deus é o “único que ama com liberdade”, disse Barth. Ele ama como “um fim em si mesmo”.³⁴ Ele ama por causa do amor.

Hoje, alguns teólogos têm ressuscitado a expressão de Lutero “um teólogo da cruz” e se posicionado explicitamente contra uma “teologia de glória” (como Lutero fez). Entre outras ênfases, eles negam também que o amor de Deus tenha em si alguma coisa semelhante a desejo ou atração; é totalmente um dom gratuito.³⁵ O romance *Gilead*, de Marilynne Robson, provê esta ilustração quando um velho ministro congregacionalista escreve para seu filho: “O amor é santo porque é semelhante à graça – a dignidade de seu objeto nunca é realmente o que importa”.³⁶

A glória do amor autossacrificial de Deus

Leitores podem ficar surpresos com o fato de que eu tenha algo negativo a dizer sobre esta tradição pós-Lutero. O amor incondicional não é a forma mais elevada de amor? Deixe-me começar por afirmar o que é certo neste discernimento. O amor *agapê*, incondicional e autossacrificial é gloriosa e maravilhosamente cristão. A ideia aqui é bíblica.³⁷

Que notícias maravilhosas para nós, pecadores!

Antes de Deus nos amar, nenhum de nós era intrinsecamente amável. Mas o amor de Deus *cria* aquilo que é amável e valioso. Isso foi verdadeiro na criação, e é verdadeiro na redenção. Na criação, o “era bom” de Deus nos fez bons porque a perspectiva de Deus sobre a realidade define a realidade. Semelhantemente, na redenção, o “eles são justos” de Deus nos torna justos da maneira que é mais importante – sob a perspectiva do seu trono.

É a variedade de amor, poderíamos dizer, que acompanha a justificação somente pela graça, somente por meio da fé. Isso é uma boa notícia para as coisas desprezadas, as coisas humildes, as coisas que não são. Estende-se a ladrões, assassinos, publicanos e meretrizes.

O amor de Deus é um dom para os indignos. Frederick Buechner, meditando sobre amar nosso inimigo, expressou agradavelmente esta ideia: “E, então, há o amor ao inimigo – o amor àquele que não nos ama e zomba de nós, nos ameaça e nos inflige sofrimento. O amor do torturado pelo torturador. Isto é o amor de Deus. Ele vence o mundo”.³⁸ Tal amor não é maravilhoso de se contemplar?

Alguns problemas na visão de amor somente agapê

Mas aí está a dificuldade. É atraente de se contemplar. O amor de Deus pelos pecaminosamente inamáveis é belo, e amamos *realmente* a Deus por essa beleza, não amamos? Paulo até diz que o amor de Cristo “nos constrange” (2Co 5.14). Há algo no amor de Deus que nos *atrai* a Deus. Podemos dizer realmente que a visão de amor somente *agapê* – o amor dado independentemente da dignidade de seu objeto – é a mais elevada ou mais piedosa forma de amor?

O Pai divino não ama o Filho divino apenas com um amor *agapê*. Ele se deleita completamente no Filho.³⁹ “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). O Pai não sacrifica nada para amar o Filho. Ele recebe prazer. E não acho que queremos dizer que o amor do Pai pelo Filho é um tipo *menor* de amor, queremos? O amor do Pai pelo Filho não é o fundamento de todo outro amor?

Os cristãos não amam a Deus apenas com um amor *agapê*. O contrário parece ser verdade:

Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo (Sl 27.4).

E não devemos amar como Deus ama?

Nem mesmo é claro que Deus ama pecadores com um amor somente *agapê*, “apenas por causa do amor”, como Barth coloca. Deus ama pecadores por causa de seu Filho (Jo 17; Cl 1.18). Ele os ama para que se tornem santos e irrepreensíveis (1.4-5). Deus os ama por causa de seu nome e sua glória (Ez 36.22-23). Ele os ama para cumprir suas promessas pactuais e provar que o Justificador é justo (Rm 3.25-26).

Teólogos da tradição do amor somente *agapê* citam versículos como Deuteronômio 7.8 (“Porque o SENHOR vos amava”) ou Efésios 2.4 (“Por causa do grande amor com que nos amou”). E podemos

dizer “sim e amém” a esses versículos. Mas a Bíblia não diz mais, sugerindo que o amor é um pouco mais complexo do que isso?

No amor somente *agapê*, não importaria, em última análise, se pecadores se arrependessem e se convertessem à justiça, para serem salvos. Não importaria se eles se convertessem para adorar o Filho. Não importaria, em última análise, se os próprios padrões de justiça e santidade de Deus fossem satisfeitos ou não. Não importaria, em última análise, se as pessoas não acreditassem nas coisas certas. Deus não abre nossa cabeça e se certifica de que todas as formulações doutrinárias corretas estão em seu interior antes de nos salvar - o pensamento continua. Deus ama por causa do amor.⁴⁰ Um teólogo contemporâneo escreveu: “Deus é um doador infinitamente rico e generoso que não recebe nada em retorno”.⁴¹ Mas isso é correto? Nada em retorno? É verdade que Deus não precisa de nada em retorno, mas ele *recebe* louvor e adoração.

Aqui está o problema: o arrependimento, a santidade e a crença correta são deixados de lado no amor somente *agapê*. Esse amor abranda ou até dissolve a fronteira doutrinária, ética e eclesiástica. Ouso dizer que esse tipo de amor é uma força crucial por trás do cristianismo liberal e tem demonstrado ser, no decorrer do último século ou mais, a ética governante do cristianismo liberal.

Pense sobre isto: o que eu posso fazer se quero me declarar cristão, mas também quero me acomodar à tendência moral da cultura, particularmente nas questões de sexualidade e família? Fácil: eu defino o amor de Deus como puro dom. Começando no século XIX, o cristianismo liberal permitiu cristãos professos acomodarem-se ao que acreditavam que uma cosmovisão científica exigia, por descartarem elementos sobrenaturais do cristianismo. De modo semelhante, o cristianismo liberal tem permitido aos cristãos, desde a revolução sexual nos anos 1960, acomodarem-se às mudanças morais por descartarem elementos éticos do cristianismo. Uma visão de amor exclusivamente como *agapê* proporciona a desculpa perfeita: “Deus nos ama, independentemente de qualquer coisa!” Torna-se a desculpa conveniente para uma pessoa ou mesmo uma nação que gosta do consolo de se pensar “cristã”, ao mesmo tempo em que adota os padrões morais do mundo.

É assim que muitos cristãos falam e pensam hoje. Por exemplo, uma notícia recente cobriu a história de um velocista transgênero no Ensino Médio, um novato que, embora nascido homem, venceu dois campeonatos femininos. A vitória levantou questões na mente de alguns, mas a mãe do velocista explicou aos repórteres:

Fui criada como uma pessoa cristã, e o conceito em torno de... aceitar a todos foi algo com o qual cresci... Ser pai ou mãe significa que o amor é incondicional, certo? O amor que você tem por seu filho é incondicional. E isso significa que não há julgamentos. Não há condições em torno disso. Não há “se” e “então”. É amor completo por seu filho.⁴²

Visto que nossas intuições cristãs têm sido cultivadas na estufa do amor cristão somente *agapê*, é difícil saber como responder. Todos os nossos instintos querem dizer: “Bem, sim, eu acho. O amor significa aceitação incondicional, certo?” Portanto, se meu filho quer se chamar de mulher e disputar corridas femininas, não deveria aceitá-lo - ou aceitá-la?

Ou podemos ouvir a canção “Same Love”, do artista de rap Macklemore, que elogia a homossexualidade citando 1 Coríntios 13 repetidas vezes: “O amor é paciente. O amor é benigno”. Este suposto amor cristão se torna pretexto para justificar o que Deus proíbe.

Usando o mesmo argumento, líderes cristãos começaram a obscurecer os limites de membresia que distinguem entre o lado de dentro e o lado de fora da igreja. Em algum nível profundo e intuitivo, limites de membresia nos parecem pouco amorosos. Por isso, líderes aceitam membros na igreja sem fazerem perguntas sobre a fé e o arrependimento. Ou eliminam totalmente a instituição de membresia. Como um autor disse: “O limite entre aqueles que pertencem à igreja e os que não pertencem não deve ser traçado muito acentuadamente”.⁴³ Afinal de contas, “o estabelecimento claro de limites é geralmente um ato de violência”.⁴⁴

Na visão do amor cristão somente *agapê*, a disciplina eclesiástica não faz nenhum sentido. Pode também ser dito que essa visão contradiz totalmente o nosso entendimento de amor e suas exigências. Afinal de contas, o evangelho não diz respeito a Jesus amando pecadores? Por que, então, devemos remover alguém da igreja por estar pecando de maneira impenitente?

Os problemas relacionados a esta visão ficarão mais claros quando considerarmos a noção contrastante - o amor de Deus centrado em Deus - mais cuidadosamente nos dois capítulos seguintes. Mas, por enquanto, permita-se sugerir que o amor somente *agapê* não é suficientemente grande para incluir todas as dinâmicas de amor apresentadas na Bíblia - todos os fios que constituem a corda. Esta visão pega um fio bíblico e o torna supremo. Além disso, sem os outros fios, o amor se torna centrado no homem. É pouco mais do que aceitação incondicional. “Se você ama alguém, você o aceita como é”, diz o apresentador do programa de entrevistas diurno. No entanto, afirmação e amor incondicional não são a mesma coisa.

Em última análise, um amor somente *agapê* produz liberalismo doutrinário e pragmatismo eclesiástico. Concebe um universo em que Deus ama o homem mais do que qualquer outra coisa e, portanto, concorda com os termos do homem.⁴⁵ Inclina-se para o universalismo. Oferece fé sem arrependimento, que não é realmente fé, e sim assentimento mental. Extingue a santidade e

relativiza a moralidade. Não tem escolha senão a de render-se aos padrões da época presente. Destrói a adoração porque transforma Deus em um ídola. Amar-nos parece ser o único e o mais elevado propósito de Deus. Nada precisaria ser dito para “atrair” a Deus. Ele se torna servo de bilhões de deuses – cada ser humano que já viveu.

Ora, não estou dizendo que todo teólogo ou crente que entende o amor apenas como *agapê* dá estes passos. Estou dizendo que esta visão de amor impele a estas direções. É seu resultado lógico. Deixe Jesus andar livremente por toda parte fazendo seus milagres e ressuscitando os mortos. Mas, quando ele tentar assumir de volta o controle e definir linhas de separação claras entre a igreja e o mundo, mate-o.

Conclusão

Vários anos atrás, um ex-pastor chamado Rob Bell escreveu um livro intitulado *O Amor Vence*. Este livro suscitou controvérsia nos círculos cristãos porque negava claramente que pessoas iriam para o inferno. A mensagem do julgamento eterno de Deus, disse Bell, é “equivocada, destrutiva e, em última análise, subverte a contagiante propagação da mensagem de Jesus de amor, paz, perdão e alegria que nosso mundo precisa ouvir tão desesperadamente”.⁴⁶

Entretanto, o que Bell quer dizer com a palavra amor? O que é este amor que vence? Na mente de Bell, há apenas uma conclusão aceitável para o destino de cada pessoa que já viveu: a maioria, se não todos, será salva. A maioria, se não todos, será perdoada.

Em um nível emocional, posso entender o impulso universalista e o desejo de que todos sejam salvos. A punição eterna é uma realidade emocionalmente difícil de aceitar. Mas, observe como Bell é semelhante ao grande inquisidor, afirmando com indignação moral que o que ele crê *tem de* ser a verdade: “Deus criou milhões de pessoas... que irão passar a eternidade em angústia? Deus pode fazer isto ou mesmo permitir isso e ainda dizer que é um Deus de amor?”⁴⁷ Bell sabe melhor. Sabe o que o amor *realmente* exige. O amor exige *realmente* que todos escapem no final.

Bell é, de fato, uma versão contemporânea e popular do grande inquisidor. Ele proferiu julgamento sobre Deus, o universo, a humanidade, o pecado e a justiça. Por conta própria, Bell determinou qual é o destino certo para “cada pessoa que já viveu”, como o título do seu livro ostenta implicitamente. E não se engane: Bell, como o grande inquisidor, crucificará qualquer Deus que não se conforme a Bell. Para o Deus que mandaria pessoas para o inferno, Bell acena com a mão como um rei exasperado: “Que tipo de Deus é esse?”⁴⁸

Bell diz que o amor vence, mas não seja enganado. A versão de amor de Bell vence apenas num universo onde estamos no centro e não Deus. Na verdade, para Bell, o ódio também vence. Ele odeia a glória de Deus. E isso é verdade entre todos aqueles que insistem em que Deus nos ama mais do que a sua própria glória.

Fyodor Dostoyevsky, *The Brothers Karamazov*, trans. David McDuff (New York: Penguin, 2003), 325-26, 328.

Plato, "Symposium", em *The Collected Dialogues of Plato*, ed. Edith Hamilton and Huntington Cairns (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1961), 533, 544, 553, 555 (secs. 178, 191, 200, 202).

Quanto a duas discussões bastante proveitosas de Agostinho sobre o amor, ver Bernard V. Brady, "Augustine: Love God and Love All Things in God", em *Christian Love* (Washington, DC: Georgetown University Press, 2003), 77-124; e Lewis Ayres, "Augustine, Christology, and God as Love: An Introduction to the Homilies on 1 John", em *Nothing Greater, Nothing Better: Theological Essays on the Love of God*, ed. Kevin J. Vanhoozer (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001), 67-93.

Agostinho não lia grego e, por isso, não escrevia em termos de *eros* e *agapê*. Em geral, ele usava o latim *caritas* (do qual temos a palavra *caridade*) como sua palavra para referir-se a *amor*, mas também usava *amor*, associada mais frequentemente ao amor apaixonado. Visto que seu conceito de amor combinava aspectos de cada palavra, ele negava suas diferenças e dizia que poderiam ser usadas de maneira intercambiável. Ver Augustine, "The City of Gods against the Pagans", em *Cambridge Texts in the History of Political Thought*, ed. and trans. R. W. Dyson (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), bk. 14, chap. 7.

Augustine, *The Trinity*, trans. Edmund Hill (New York: New City, 1991), 402 (15.10).

Augustine, *The Trinity*, 420 (15.31; cf. 15.32). Ainda que a formulação de Agostinho sobre a Trindade despersonalize o Espírito Santo por reduzi-lo ao amor trocado entre o Pai e o Filho divinos, como alguns argumentam, creio que podemos, pelo menos, afirmar o que Agostinho diz aqui; i.e., talvez precisemos fazer acréscimos ao que Agostinho diz sobre o Espírito, mas não precisamos diminuir.

Em Brady, *Christian Love*, 117.

Augustine, *On Christian Doctrine*, trans. D. W. Robertson, Jr. (New York: Macmillan, 1958), 19 (1.22). Em outra obra, Agostinho disse: "Amarás teu próximo como a ti mesmo." Ora, você ama a si mesmo adequadamente quando ama a Deus melhor do que a si mesmo. O que, portanto, você almeja para si mesmo deve almejar para seu próximo, ou seja, que ele ame a Deus com uma afeição perfeita. Pois você não o ama como a si mesmo, a menos que tente atraí-lo a esse bem que você mesmo está buscando" (*On the Morals of the Catholic Church*, trans. Richard Stothart, em *St. Augustine: The Writings against the Manicheans and against the Donatists: Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, ed. Philip Schaff, vol. 4 [Whitefish, MT: Kessinger, n.d.], 55).

Em Brady, *Christian Love*, 105.

Augustine, *On Christian Doctrine*, 88 (3.10.16).

Brady, *Christian Love*, 125-40.

Em Brady, *Christian Love*, 129.

Brady, *Christian Love*, 164-79, esp. 165-66, 171.

Em Brady, *Christian Love*, 174.

Este argumento específico pode ser achado em Anders Nygren, *Agape and Eros*, trans. Philip S. Watson (London: SPCK, 1982), 681ff. Nygren se referiu a Lutero como introduzindo uma "Revolução Copernicana" na doutrina do amor. Deve ser dito que o ponto de vista de Lutero sobre o amor conjugal incluía elementos de atração e paixão. Se a sua discussão do amor em assuntos de soteriologia enfatizava o amor de Deus como um dom altruísta, e se Lutero via Deus como fazendo todas as coisas para sua própria glória, essas são questões que deixo para os especialistas em Lutero.

Søren Kierkegaard, *Works of Love*, trans. Howard Hong and Edna Hong (New York: Torchbooks, 1962), 36, 49, 63, 77.

Nygren, *Agape and Eros*, 210.

Karl Barth, *Church Dogmatics*, II.1, *The Doctrine of God: The Knowledge of God; The Reality of God*, ed. G. W. Bromiley and T. F. Torrance, trans. T. H. L. Parker and J. L. Haire (New York: T&T Clark, 2004), 279 (28.2.3). Ver também Miroslav Volf, *Free of Charge* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005), 39. Ele se apoia explicitamente em Barth e Lutero apenas nestes pontos. Aqueles que são de tradição agostiniana e reformada podem perguntar: "Mas Deus não ama por causa de sua própria glória?" Mais ou menos, diz Barth: "Em nos amar, Deus quer a sua própria glória e a nossa salvação. Mas ele não nos ama porque quer isto. Ele quer isto por causa de seu amor... Deus ama porque ama; porque este ato é seu ser, sua essência, sua natureza. Deus ama sem e antes de realizar estes propósitos". Em outras palavras, Deus não ama por causa de sua glória. Ele ama porque é amoroso; é um fim em si mesmo (Barth cita Dt 7.8 e Jr 31.3 para apoiar essas afirmações). Mas, depois, sim, Deus recebe a glória (e nós somos salvos), porque ele é amoroso. O amor de Deus vem primeiro; sua glória e nossa salvação vêm depois, como consequências do fato de que ele ama. A semelhança de Kierkegaard e Nygren, Barth vê o amor de Deus totalmente como um dom; não é dado por causa de qualquer coisa que Deus vê no objeto de seu amor. Barth escreveu: "O amar de Deus se preocupa com uma busca e criação de comunhão sem qualquer referência a uma aptidão ou dignidade existente no amado. O amor de Deus não é meramente não condicionado por qualquer reciprocidade de amor. Também não é condicionado por qualquer dignidade de ser amado por parte do amado, por qualquer capacidade de união ou de comunhão existente ao seu lado (do amado)" (*Church Dogmatics*, vol. II.1, 278 [28.2.2]).

Por exemplo, Gerhard Forde escreve: "Este amor de Deus que cria seu objeto é contrastado totalmente com o amor dos humanos. O amor humano é despertado por atração pelo que lhe agrada. Tem de pesquisar para achar seu objeto e, poderíamos acrescentar, provavelmente o descartará quando se cansar dele" (Gerhard O. Forde, *On Being a Theologian of the Cross: Reflections on Luther's Heidelberg Disputation, 1518* [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997], 113).

Marilynne Robinson, *Gilead* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2004), 209.

Várias palavras que significam amor na Bíblia se entrelaçam em significado. Nenhuma delas é termo técnico, como se *agapê* sempre significasse amor incondicional e doador. O contexto é crucial para determinar o significado. Ainda assim, falarei sobre *agapê* como Nygren e muitos cristãos o usam hoje.

Frederick Buechner, *The Magnificent Defeat* (New York: HarperCollins, 1985), 105.

Ver Nygren, *Agape and Eros*, 678-80.

Como poderia ser esperado, os proponentes do puro amor *agapê* querem também um povo transformado em seu sistema teológico. Por exemplo, Nygren tenta evitar a graça barata por dizer que o amor de Deus "exige devoção ilimitada" (*Agape and Eros*, 104). Mas isso parece uma contradição interna em Nygren. Pareceria que, no fim das contas, algo atraí o amor de Deus - a perspectiva de devoção ilimitada!

Volf, *Free of Charge*, 37.

Dave Urbanski, "Transgender Freshman Sprinter, Born a Male, Wins Two Girls State Championships", theblaze (website), June 6, 2017, <http://www.theblaze.com/news/2017/06/06/transgender-freshman-sprinter-born-a-male-wins-two-girls-state-championships/>.

Miroslav Volf, *After Our Image* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), 148n84.

Volf, *After Our Image*, 151n97.

Proponentes da visão do amor somente *agapê* argumentam explicitamente que sua definição é centrada em Deus e aquela que veio antes era centrada no homem (e.g., Nygren, *Agape and Eros*, 681-84). Eu concordaria se estivéssemos falando de todo o sistema de soteriologia da Igreja de Roma versus o de Lutero. O que me interessa é como o próprio amor é definido.

Rob Bell, *Love Wins: A Book about Heaven, Hell, and the Fate of Every Person Who Ever Lived* (New York: Harper One, 2011), viii.

Bell, *Love Wins*, 2.

Bell, *Love Wins*, 3

Capítulo 3 | O Amor de Deus por Deus - Parte 1

O livro *A Estrada*, de Cormac McCarthy, conta a história do amor recíproco entre um pai e um filho em um mundo pós-apocalíptico de cinzas e esterilidade. Saqueadores violentos estão frequentemente à espreita. Quase toda a raça humana foi dizimada, embora não saibam por que ou como. A história simplesmente nos coloca em uma terra de devastação em que pai e filho viajam de forma desgastante em direção ao sul, para o oceano. “Então, eles começam a jornada pelo asfalto sob a luz cinzenta, arrastando-se pelas cinzas, sendo cada um o mundo inteiro um do outro.”⁴⁹

O pai é realmente o “mundo inteiro” para o filho. O filho é muito jovem para se lembrar do mundo antes do apocalipse. Sabe apenas o que seu pai lhe diz e interpreta tudo pelas interpretações que seu pai lhe dá.

Ao longo da narrativa, o pai tem vislumbres do passado, especialmente de sua esposa falecida, a mãe do menino. Entretanto, amar e sustentar o filho é agora seu único propósito de viver. Nada mais resta. Tudo foi removido. E o menino é o seu mundo inteiro. “Ele sabia apenas que o filho era a sua garantia. Ele disse: se ele não é a palavra de Deus, Deus nunca falou”.⁵⁰ Em outras palavras, ajudar o filho a sobreviver era o único absoluto do pai.

Não sei se *A Estrada* teria me impressionado emocionalmente se eu o tivesse lido antes de ter meus próprios filhos. Lembro-me de olhar para minha primeira filha, a primeira de quatro, e sentir como se meu coração, de uma hora para outra, tivesse desenvolvido um novo apêndice para fora de meu peito. É diferente de seu amor pelos outros porque você sabe que a existência da criança procedeu de você. Ela não existia. E agora existe. E você e seu cônjuge são os únicos responsáveis pela existência daquela criança. Você é o mundo inteiro dela, e isso desencadeia um senso de responsabilidade profundo e original.

Para aquele que nunca teve um filho, permita-me dizer que o sentimento que você tem quando o vê pela primeira vez, antes de muitas inconveniências começarem, é um sentimento de autoesquecimento e autorrealização simultâneos. Por um lado, nada mais (pelo menos, em minha experiência) produz esse amor altruísta imediato por outra pessoa. É como se os seus sensores de alegria e de temores não estivessem mais dentro de seu corpo, e sim operando por ondas de rádio provenientes do interior daquela coisinha se mexendo no lençol branco do hospital. Você só quer o que é bom para ela, o que a fortalece, o que a protege e a faz desenvolver-se. Poucos dias antes, sua existência, embora real e no ventre da mãe, ainda parecia hipotética. Mas agora você tem certeza de que morreria por este ser, se fosse necessário. E essa decisão pareceria fácil e natural.

Por outro lado, você não se dissolve em puro nada, como na visão de amor somente *agapê*. A palavra *altruísmo* não é suficientemente grande para expressar o amor que você sente, porque o poder do amor está no fato de que você vê a si mesmo na criança deitada ali. Você não sente isso por qualquer criança. Você sente por *seu* filho. Ele é uma extensão de você. Possui sua imagem e semelhança. “Viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem, e lhe chamou Sete” (Gn 5.3). Seu próprio ser está expandido na criança, afirmado na criança, ampliado na criança.

Em resumo, há tanto dar quanto receber.

Estes não são instintos cristãos; são humanos. Deus os programou, em medidas variáveis, em todos nós.

Por quê? Entre outras coisas, para que saibamos algo a respeito dele. Precisamos ter cuidado no que diz respeito a tomarmos qualquer experiência de amor humano e impor sobre Deus, mas ele se identificou como “Pai”. Ele é o arquétipo (ver Ef 3.14-15). É claro que você não precisa de filhos para experimentar isso. Jesus nunca teve filhos da carne. Mas a paternidade é um dos instrumentos que Deus implantou na criação para dar à humanidade um vislumbre de seu amor por seu Filho. Você pode, por exemplo, pensar no amor de seus pais. Ou, se eles o amaram insuficientemente, o buraco que deixaram lhe diz algo. Por que há um buraco?

O amor dos pais, numa forma saudável, não se enquadra precisamente nas categorias de dar ou receber, como se fosse uma atividade de soma zero: mais para você, menos para mim. Em vez disso, o amor paternal gera um ganha-ganha: mais para você, mais para mim. Como veremos em breve, o amor dos pais é, nesse sentido, como o amor de Deus e a glória de Deus.

Uma doutrina difícil

Neste capítulo e no seguinte, quero refletir sobre o amor do Pai divino e do Filho encarnado um pelo outro conforme revelado na Escritura.⁵¹ Este capítulo é mais um estudo bíblico. O seguinte é mais meditação sobre esse estudo. Mas o que você verá em ambos é que o amor de Deus é como um bumerangue, empregando a figura do capítulo anterior. É o ganha-ganha original em que seu amor vai e volta.

No entanto, primeiramente, permita-me oferecer uma afirmação abrangente que cobrirá tudo que considero em seguida: a natureza do amor é complexa. O amor dos pais é diferente do amor romântico, que é diferente do amor de amigos, que é diferente do amor por soveres. E, dentro de

cada um destes amores, há inúmeras dinâmicas competidoras, até mesmo no amor por sorvetes. Eu amo sorvete, especialmente com pedaços de brownies e cookies nele, mas, com alguma tristeza em meu coração, admito que é possível amar sorvete demais.

Ou podemos pensar em como um marido que começa a se afastar do casamento provoca o ciúme de sua mulher e como esse ciúme, na medida certa, é apropriado. Um filho pródigo, no entanto, não provoca o ciúme do pai. Tristeza sim, mas ciúme não. O amor romântico e o amor parental são diferentes.

Em outras palavras, o amor não é uma coisa de tamanho único que se encaixa em tudo, como um boné de baseball com uma fita elástica. As estruturas diferentes dos tipos diferentes de relacionamentos de amor exigem ingredientes diferentes, envolvem deveres de amor diferentes e produzem exigências diferentes.

D. A. Carson, erudito em Novo Testamento, sugere a complexidade do amor de Deus com o surpreendente título de seu livro *A Dificil Doutrina do Amor de Deus*. O livro argumenta que a doutrina do amor de Deus é, bem, difícil. Especificamente, Carson descreve cinco maneiras diferentes pelas quais a Bíblia fala do amor de Deus:⁵²

- *O amor peculiar compartilhado entre o Pai e o Filho divinos*: “O Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos” (Jo 3.35); “Assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai” (Jo 14.31).
- *O amor providencial de Deus sobre a criação*: a palavra *amor* não é usada nesta conexão, mas Deus declara que todas as coisas que ele fez são “boas” (Gn 1.4-31) e promete enviar chuvas sobre justos e injustos (Mt 5.45).
- *O amor salvífico de Deus para com o mundo caído*: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).
- *O amor particular e eletivo de Deus para com um povo eleito*: “Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú” (Rm 9.13).
- *O amor condicional de Deus para com seu povo baseado em obediência*: “Guardai-vos no amor de Deus” (Jd 21); “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor” (Jo 15.10).

No entanto, em meio a toda esta complexidade, afirmo que há uma maneira de unir tudo isso teologicamente – resumi-lo, sistematizá-lo numa definição concisa. E o que aprendemos, no capítulo anterior, de teólogos como Agostinho, Bernardo e Tomás de Aquino nos leva na direção correta por referir-se à centralidade do amor de Deus em Deus. Não desenvolverei todas as cinco categorias de Carson, mas neste capítulo e nos dois seguintes tentarei justificar cada uma delas e concluirei no Capítulo 5 com uma definição.

Devemos começar com a primeira e a mais importante categoria: o amor de Deus Pai por Deus Filho.

O amor entre o Pai e o Filho divinos

Carson chama de “peculiar” o amor compartilhado entre o Pai e o Filho divinos. Afinal de contas, as pessoas divinas compartilham de uma única natureza, uma única substância, um único ser e uma única vontade. É claro que os seres humanos não fazem isso. O amor compartilhado entre o Pai e o Filho (com o Espírito) é, portanto, compartilhado entre as três pessoas que se interpenetram mutuamente, habitam uma na outra, são inerentes uma à outra.

Portanto, o que quer que digamos sobre o amor entre duas pessoas, não será exatamente semelhante ao amor compartilhado entre o Pai e o Filho divinos. O amor deles é totalmente único.

Mas não abandone a sala de aula agora. O Filho divino apareceu como um homem e disse que queria nos ensinar sobre o amor baseado no amor que ele compartilhava com o Pai. De algum modo, esse amor serviria como exemplo para nós. O Filho disse que:

- nos amaria *como* o Pai o ama (Jo 15.9).
- devemos amar uns aos outros *como* ele nos ama (Jo 13.34-35).
- o amor que ele compartilha com o Pai poderia estar *em* nós (Jo 17.23).
- devemos ser um *como* ele e o Pai são um (Jo 17.11, 21, 22).

O amor do Pai e do Filho é único. Mas o Filho vestiu a carne e a aperfeiçoou, para que aprendamos sobre o amor perfeito e o imitemos.

Então, o que aprendemos sobre o amor do Pai pelo Filho? Várias lições:

Amor e afeição

Primeiramente, aprendemos que o amor envolve afirmar afeição e tê-la por outro – como *eros*. O Pai ama o Filho, afirmando e deleitando-se nele. No batismo de Jesus, o Pai diz: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17). A palavra traduzida aqui por “amado” vem de *agapê* (*agapêtos*). O amor *agapê* do Pai pelo Filho não é um sacrifício para o Pai. Não há nenhuma autonegação em seu amor ao Filho. Pelo contrário, esse amor é cheio de prazer: “em ti me comprazo”.⁵³ O Pai fala estas mesmas palavras de afirmação na transfiguração do Filho quando a glória do Filho é revelada (Mt 17.5). O Pai “se compraz” quando contempla a glória do Filho. É

“afetado” por isso. Deleita-se nisso. Aprova-o.

Nestes aspectos, o amor do Pai pelo Filho me faz lembrar do velho ministro John Ames no livro *Gilead*, de Marilynne Robinson. Aproximando-se da morte, Ames escreve uma carta para seu filho de sete anos de idade, para ser lida quando ele for mais velho. Ames diz: “Você percebe agora como é divino amar o *ser* de alguém. Sua *existência* é um deleite para nós”.⁵⁴ De modo semelhante, a existência de Cristo é um deleite para o Pai celestial.

Amor e doação

Em segundo, o amor do Pai por Cristo nos ensina que o amor envolve dar. O Pai ama o Filho por dar tudo que tem ao Filho. Quase parece amor *agapê* conforme pensamos sobre ele no capítulo anterior – amor como um dom para o bem de outrem. O apóstolo Paulo explica que “aprouve a Deus que, nele [em Cristo], residisse toda a plenitude” (Cl 1.19). O próprio Jesus disse que “o Pai ama ao Filho, e todas as coisas tem confiado às suas mãos” (Jo 3.35) e que “o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz” (Jo 5.20). Até o fato de que Jesus é “a imagem do Deus invisível” e “a expressão exata do seu ser” nos diz que o Pai lhe deu todas as coisas (Cl 1.15; Hb 1.3).

De algum modo, o amor do Pai pelo Filho combina tanto amor como afeição ou atração quanto amor como dom.

Meditando de uma maneira mais geral nestas duas primeiras lições, podemos dizer que o amor envolve *atração* e *afirmação*, bem como *dom*. Começando com atração e afirmação: o rapaz na escola vê uma moça bonita no outro lado da sala de aula. O pai contempla o sorriso de um filho. Uma esposa desfruta da ternura do marido. Em cada um desses casos, uma pessoa vê algo e é afetado por isso (tem afeição por), e afirma o que percebe. A pessoa diz: “Sim, você é valioso, bom e digno de minha preocupação”. Então, há também o desejo de dar. Não é suficiente para o rapaz ver a moça e pensar que ela é bonita. Isso seria apenas uma paquera. A alma do rapaz terá que desejar o bem da moça e aspirar trabalhar pelo bem dela. O amor divino e altruísta quer servir o objeto de amor, quer ajudá-lo, suprir sua necessidade, *dar-lhe*.

Em relação a este aspecto de dar no amor, aprecio a distinção que um teólogo faz entre dar *de si mesmo* e dar *a si mesmo*.⁵⁵ Você pode dar *de si mesmo* com um amor menor. Mas dará *a si mesmo* com um amor maior. O Pai não somente dá *de si mesmo* ao Filho; ele dá *a si mesmo* ao Filho. Ou seja, o Pai dá não somente esta ou aquela parte de si mesmo, como sua sabedoria, sua alegria, seus bens, enquanto guarda reservadamente a melhor parte de si mesmo. Pelo contrário, o Pai dá todo o seu ser, de modo que Jesus pode dizer: “Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim” (Jo 14.11) e: “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9). O Pai dá-se a si mesmo ao ponto de identificar-se com Jesus e a glória do Pai tornar-se a glória do Filho.

Amor e exaltação

Isso nos leva à terceira lição: aprendemos que o amor envolve exaltar o outro. O Pai amou o Filho por exaltar o Filho. Deus “sujeitou” todas as coisas “debaixo dos pés” do Filho (1Co 15.27). Estabeleceu o Filho como o cabeça de uma nova criação, para que “em todas as coisas” o Filho tenha “a primazia” (Cl 1.18). O Pai lhe deu um nome “mais excelente” do que deu aos anjos (Hb 1.4). A nenhum dos anjos o Pai diz: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (v. 5) e: “Todos os anjos de Deus o adorem” (v. 6). Somente ao Filho o Pai divino diz:

O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros (vv. 8, 9).

O amor do Pai pelo Filho se mostrou em seu desejo de ver o seu Filho glorificado acima de toda a criação. Por isso, Jesus pôde orar: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, *para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste* antes da fundação do mundo” (Jo 17.24).

Vejam se posso trazer esta terceira ideia para o plano terreno ao retornar ao meu amor por minhas filhas. Às vezes, reconheço, é tentador sentir inveja quando outros são exaltados. Mas essa tentação nunca surge em meu coração em relação às minhas filhas. Se há alguém no planeta Terra para quem eu me curvaria alegremente de mãos e pés no chão para que tal pessoa ficasse de pé sobre as minhas costas e governasse como uma rainha, esse alguém seria qualquer uma de minhas filhas.

Ora, conforme falaremos no Capítulo 5, o amor cristão não é, em última análise, querer que outras pessoas sejam exaltadas, e sim querer que o Filho seja exaltado nelas. Mas você entende o que estou dizendo. O amor envolve promover o outro, acima de você mesmo, “considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2.3).

Amor e obediência

Em quarto, o relacionamento entre o Pai e o Filho encarnado nos ensina sobre a relação entre amor e obediência. E essa é uma lição que as pessoas contemporâneas não esperam.

Novamente, temos a tendência a pensar que a mais elevada forma de amor é incondicional, sem

esperar nada em retorno. E isso nos faz separar as ideias de amor e obediência; a melhor forma de amor é dada independentemente de obediência.

Mas, pare de novo e pense sobre o que o Pai quis dizer quando falou “em quem me comprazo” acerca do Filho, por ocasião de seu batismo. Por que o Pai sentiu este prazer? O contexto do batismo de Jesus nos dá a resposta: Jesus fez o que nem Adão nem Israel fizeram – obedecer perfeitamente ao Pai (Mt 4.1-11). O Pai ama o Filho encarnado porque o Filho obedece perfeitamente, até à morte. “Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir” (Jo 10.17).

Afinal de contas, a comida de Jesus é “fazer a vontade” do Pai e “realizar a sua obra” (Jo 4.34; cf. 6.38; Mt 4.4). Jesus “nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai” (Jo 5.19; cf. 14.31). Ele fala e ensina como o Pai o ensinou (Jo 7.17; 8.28; 12.49-50). Jesus veio em nome e na autoridade do Pai e não de si mesmo (Jo 5.27, 43; 7.17; 8.28; 12.49; 14.10). E permanece no amor do Pai por obedecer ao Pai. “Se guardardes os meus mandamentos”, disse Jesus, “permanecereis no meu amor; *assim como eu também tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço*” (Jo 15.10). Essas são palavras chocantes, especialmente para uma geração de evangélicos criados na ideia de que amor incondicional é a forma mais elevada de amor. Jesus “permanece” no amor do Pai *porque* guarda os mandamentos do Pai. Jesus também mostra seu amor pelo Pai por obedecer-lhe. “Assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou” (Jo 14.31).

Jesus era o perfeito filho de Davi prometido nos Salmos, que foi recompensado por sua justiça. Foi ungido acima de seus companheiros, *porque* amava a justiça e odiava a iniquidade (Sl 45.7; Hb 1.9; ver também Sl 21.5-7). E experimentou o favor de Deus por causa de sua justiça: “Retribuiu-me o SENHOR, segundo a minha justiça” (Sl 18.20; cf. Sl 7.8; 26.1; 35.24).

Para Jesus, o Filho, o amor leva à obediência, e a obediência é um sinal de amor. Para Deus, o Pai, o amor depende de obediência, e a obediência é uma condição do amor.

Em outras palavras, Deus, o Pai, não ama indiscriminadamente o Filho encarnado. Ele não o ama “apenas porque ama”, assim como você ou eu não amamos realmente nossos amigos ou nosso cônjuge “apenas porque amamos”. Há uma razão ou condição para o amor do Pai, e essa razão é a obediência do Filho. O Pai ama Jesus, o Filho, *por causa* de sua justiça. Ele “se compraz” na obediência e perfeição do Filho. O Pai é atraído por isso.⁵⁶

Se o amor divino do Pai pelo Filho encarnado era condicional, isso significa que o Filho poderia tê-lo perdido? Essa é outra versão da velha questão teológica: Jesus poderia ter pecado? Não, Jesus não poderia ter pecado porque o Deus trino não pode pecar, e Jesus é Deus, o Filho, em relação inseparável com o Pai. Mas devemos lembrar que as tentações de Jesus foram reais e sua obediência é realmente importante, assim como a nossa obediência. A certeza da obediência de Jesus não minimiza a realidade e a necessidade de sua obediência por nós. E o que é mais importante para nós, como pecadores, é que Jesus satisfaz completa e perfeitamente as condições, de modo que nossa salvação é segura e completa.

Aqui está a conclusão para nós: embora não compartilhemos de uma única natureza com o Pai celestial da maneira como Jesus compartilha, há lições a aprendermos pela analogia divinamente estabelecida com base no amor recíproco deles. Podemos seguir seus exemplos. Dois seres humanos não podem “habitar” um no outro da maneira como o Pai divino habita no Filho eterno, mas podemos “habitar” um no outro como o Pai divino habita no Filho encarnado. Lembre-se: Jesus orou para que fôssemos um como ele e o Pai são um. De fato, ele disse isso três vezes (Jo 17.11, 21, 22).

O que isso significa? Significa que nossas naturezas separadas começam a compartilhar o mesmo DNA, de forma a querermos as mesmas coisas. Podemos compartilhar a mesma fé, os mesmos desejos, o mesmo caráter, o mesmo amor. Podemos dar-nos mutuamente um ao outro, para que Cristo seja exaltado em e por meio um do outro.

Nossa unidade significa que podemos participar de uma identidade e glória compartilhadas. A minha glória é sua, e a sua glória é minha porque ambos compartilhamos da glória de Cristo, que é a glória do Pai. Nossa unidade significa que podemos imitar Cristo e imitar um ao outro à maneira de Cristo. Jesus seguiu o Pai. Você segue a Jesus. Eu sigo você. Por meio dos elos na cadeia, eventualmente aprendo a andar na justiça do Pai.

Esta é a vida que Paulo disse ser digna “do evangelho”. É a vida pela qual a igreja compartilha a mesma “alma”, o mesmo pensamento, “o mesmo amor” (Fp 1.27; 2.2).

O amor de Deus centrado em Deus

Como podemos resumir estas quatro lições concernentes ao Pai e ao Filho divinos? Podemos dizer que o amor de Deus é fundamentalmente centrado em Deus. O Pai dá sua justiça e glória ao Filho e se deleita, acima de tudo, nessa glória. O Filho, por sua vez, dá sua justiça e glória ao Pai e se deleita, acima de tudo, nessa glória. Nenhum dos dois jamais renuncia as exigências de seu caráter santo e justo compartilhado. O DNA do Pai divino é o DNA do Filho divino, que *se torna* o DNA da natureza humana do Filho encarnado (ver Hb 5.8). O Pai vê a si mesmo no Filho, que é a própria imagem do Pai. E o Filho manifesta toda a glória do Pai.

Há uma dinâmica de ganha-ganha no âmago de toda a realidade, porque dom e atração trabalham juntos. O Pai dá e recebe, dá e recebe, dá e recebe. O Filho encarnado recebe e dá, recebe e dá,

recebe e dá. Até que, por fim, dar e receber se fundem, e autoridade e obediência se fundem, como dois lados de uma moeda.

Certamente permanece uma assimetria entre o Pai divino e o Filho encarnado no que diz respeito às relações de um com o outro.⁵⁷ O Pai envia, o Filho vai. O Pai ordena, enquanto o Filho obedece. O Pai inicia, enquanto o Filho responde. Nas páginas do Novo Testamento, esta ordem nunca é invertida.⁵⁸ Mas não há perdedores em meio a estes papéis e vocações diferentes. A relação de autoridade e obediência não é uma ameaça ao prazer, à glória e ao amor. Tanto o Pai quanto o Filho “ganham” e compartilham da glória de vitória redentora. Autoridade e obediência são os instrumentos pelos quais o amor é demonstrado. Deus, o Pai, dá tudo que tem a Jesus, o Filho, para o gozo eterno do Filho. O Filho, radiante com a própria justiça e glória do Pai, dá tudo que tem ao Pai para o gozo eterno do Pai.

É o arquetípico bumerangue do amor.

Ouçá Paulo: “Todas as coisas [Deus] sujeitou debaixo dos pés” de Cristo. “Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos” (1Co 15.27-28). Os giros de ida e vinda do bumerangue.

Conclusão

Grande parte deste capítulo pode ter parecido abstrata. Mas é o recurso bíblico e teológico que espero que ajude você a começar a repensar suas opiniões sobre amor, pelo menos se tais opiniões tiverem sido excessivamente moldadas pelo mundo em que vivemos. Até mesmo a maneira como os cristãos frequentemente falam sobre amor pode ter um efeito que distorce.

É tentador dizer impacientemente: que diferença isto faz para mim? Essa é uma boa pergunta. Mas pare e considere: começamos no próprio âmago, centro e fonte de todo o universo – o amor divino do Pai pelo Filho. Em um sentido, não há nada mais importante do que isto. Essa é a grande história que você não pode ignorar, porque tudo no universo e além tem sua fonte aqui.

Meditaremos sobre estas coisas mais concretamente no capítulo seguinte. Mas o que temos visto até aqui sobre o amor de Deus é que ele é centrado em Deus. O Pai dá tudo que tem ao Filho encarnado. É atraído pelo que vê no Filho encarnado e afirma o que vê no Filho encarnado, a saber, a obediência do Filho. Não há nenhuma separação entre amor e obediência.

O amor de Deus não é um tipo de dom por meio do qual ele se dissolve em nada, como a ideia budista de você se tornar um com o universo, negando-se completamente a si mesmo. Pelo contrário, sob risco de uma analogia simples demais, não posso deixar de pensar que o Pai contempla o Filho apenas um pouquinho como minha filha de quatro anos olha para um grande sorvete de casquinha e diz: “Eu amo sorvete!” Ela sente um prazer tremendo naquele sorvete, e você pode imaginar os olhos arregalados e o sorriso enorme. O Pai também encontra tremendo prazer ao contemplar o Filho, mais do que em qualquer outra coisa. E, assim, o Filho no Pai, o Espírito em ambos, e ambos no Espírito.

Este é o sol resplendente no centro do universo. Não é digno de ser admirado por um instante?

Cormac McCarthy, *The Road* (New York: Vintage International, 2006), 6.

McCarthy, *Road*, 5

Uma consideração mais completa deveria falar também sobre o Espírito, mas eu permanecerei com o Pai e o Filho, porque a Escritura é mais explícita sobre eles.

D. A. Carson, *A Dificil Doutrina do Amor de Deus* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2008). Mas este discernimento é muito mais velho do que Carson, retrocedendo até, pelo menos, o pós-Reforma. Ver Richard A. Muller, *Post-Reformation Reformed Dogmatics: The Rise and Development of Reformed Orthodoxy, ca. 1520 to ca. 1725*, vol. 3, *The Divine Essence and Attributes*, 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2003).

Ver John Piper, “The Pleasure of God in His Son”, em *The Pleasures of God: Meditations on God’s Delight in Being God*, rev. ed. (Sisters, OR: Multnomah, 2000), 25-46.

Marilynne Robinson, *Gilead* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2004), 136 – itálicos no original.

Jules Toner, *The Experience of Love* (Washington, DC: Corpus, 1968), 125, 127, citado em Bernard V. Brady, *Christian Love: How Christians through the Ages Have Understood Love* (Washington, DC: Georgetown University Press, 2003), 244-45.

Não estou dizendo que o Pai amou o Filho na eternidade passada por causa da “obediência” do Filho. Eu diria, porém, que há um “por causa de” no eterno amor do Pai pelo Filho na eternidade passada. Não é indiscriminado e sem propósitos. Há uma razão para ele, quer seja a santidade e a justiça eterna do Filho, quer sejam todos os atributos de sua natureza, que seja *alguma outra coisa*. Aqui estamos perscrutando mistérios que estão além de nossa capacidade de consideração.

Sobre a obediência do “Filho enviado”, ver Scott Swain and Michael Allen, “The Obedience of the Eternal Son”, *The International Journal of Systematic Theology* 15, no. 2 (April 2013): 114-34.

Carson escreveu: “Nem mesmo uma vez, há qualquer indicação de que o Filho comissiona o Pai, que obedece. Nem mesmo uma vez, há uma indicação de que o Pai se submete ao Filho ou depende dele quanto a suas próprias palavras e obras” (*Difficult Doctrine*, 40).

Capítulo 4 | O Amor de Deus por Deus - Parte 2

Este capítulo é uma extensão do anterior. O alvo é desenvolver e meditar sobre o que consideramos ali, especialmente porque grande parte da discussão foi um tanto abstrata. Permita-me tentar ser mais concreto e delinear algumas lições mencionadas ali.

Você se lembra de quando tinha nove ou dez anos de idade e olhava para seus irmãos mais velhos ou para os amigos deles? Você gostava da música, das roupas ou da fanfarronice deles. Assim, você internalizava os estilos ou atitudes deles. Você se modelava por eles. Quando cheguei à adolescência, em meados dos anos 1980, até os supostamente não conformados roqueiros punk copiavam, todos, uns aos outros. Todos pareciam iguais, com a cabeça rapada ou cabelo moicano, com uma jaqueta de couro preta e botas Dr. Martens. Ou, pulando para os anos 1990, talvez você se lembre de como uma em cada três mulheres usava um estilo de cabelo semelhante ao de Jeniffer Aniston, da série de televisão *Friends*.

É assim que a cultura funciona. Amamos algo e, então, o imitamos. Nosso senso de identidade toma forma em torno de nossos amores. Nós nos desenvolvemos naquilo que amamos ou, ao contrário, aquilo que amamos se desenvolve em nós. Habita em nós, interpenetra em nós e nos remodela. Você é o que você ama, disse o filósofo James K. A. Smith em um livro que tem esse título.

Aqui está outro exemplo. Passei quase duas décadas sob o ministério de pregação de um pastor chamado Mark Dever. E na última década temos trabalhado juntos. Muito de meu trabalho envolve colocar em palavras as ideias e percepções dele, o que eu aprecio, mesmo quando tento aplicar meus próprios discernimentos e perspectivas. Recentemente escrevi um livro sobre fé e política. Dever o leu. E gostou dele. E gracejou, humoristicamente, que reconhecia muito do livro – querendo dizer que via muitas de suas próprias ideias nas minhas páginas, tanto nas notas de rodapé que tinham seu nome quanto num nível mais fundamental.

Parte de mim queria resistir à afirmação. Você está enganado. A natureza humana é como uma esponja e um espelho. Absorvemos e refletimos. Muito pouco é original a qualquer um de nós. Tenho gasto tanto de meu tempo com Mark Dever que sua maneira de pensar, ver e reagir ao mundo habita em mim, assim como meus pais, irmãos, esposa e amigos e muitos outros habitam em mim. Todas estas influências, acompanhadas de muitas tecnologias, tradições culturais e valores sociais, como as liturgias de uma igreja, diz o filósofo Smith, formaram e moldaram quem eu sou.

Mas aquele impulso de resistir pode explicar por que tive dificuldade de pensar em uma obra clássica da literatura ocidental que apresente nossa conformidade moral e social com o mundo ao nosso redor de uma maneira positiva. Muito da literatura ocidental retrata a tendência de nos conformarmos, mas essa conformação é sempre apresentada de maneira negativa. Citando um dentre milhares de exemplo, considere a peça de teatro *Um Inimigo do Povo*, de Henry Ibsen. Por causa dos dólares de turistas, uma cidade inteira se convence de ocultar o fato de que as águas de sua estação balneária estão contaminadas. Um homem se levanta contra a multidão e se torna inimigo do povo. O leitor, é claro, considera-o o herói. Muitos (talvez a maioria) dos romances e histórias ocidentais são semelhantes a esta peça. Em nossos anos escolares, lemos, lembramos e promovemos o indivíduo que se define contra a comunidade, quer seja bem-sucedido ou não.

Posso pensar em exemplos opostos quando me volto para a literatura não ocidental ou não de origem predominantemente europeia. Em um curso de literatura nativa americana na faculdade, as histórias se centralizavam num protagonista que conseguia se conformar ou fazer as pazes com as tradições, rituais, cosmovisões e deuses das tribos. Ou, voltando-me para uma obra afro-americana, penso no primeiro livro de Ta-Nehisi Coates, *The Beautiful Struggle*, uma obra autobiográfica sobre sua infância e adolescência. Relata sua tentativa de entender e aceitar o que significa ser um afro-americano. Enquanto criança, ele apreciava pouco o hobby de seu pai de publicar literatura negra esgotada e enigmática, ou a história de seu pai com os Panteras Negras. Quando fica mais velho, reage ao rap violento dos guetos e se sente muito frequentemente como o deslocado nas ruas de Baltimore. Mas, a certa altura, ele descobre o djembê, um tambor africano, e adota-o quase como um ato de adoração. Coates aprende sobre a história da África. E, eventualmente, faz sua própria jornada em direção à Meca da vida afro-americana, a Universidade Howard. Até o fim da história, Coates continua pensando por si próprio e efetivamente reconhece que a identidade afro-americana é uma identidade desafiada. Mas os próprios desafios dão caráter à sua identidade e a tornam valiosa, e, assim, Coates habita essa identidade. Ou essa identidade passa a habitá-lo.

O autor Miroslav Volf também oferece um quadro pessoal de como a cultura habita em nós. Ele faz isso, de todos os lugares, nos agradecimentos de um de seus livros.

Parece óbvio dizer que *eu* escrevi este livro. As suas ideias, sua organização e suas formulações são minhas. Mas isso é um tipo superficial de possessividade. A maior parte do que está no livro me foi dada... Pude escrever este livro porque o recebi de professores, família, amigos, alunos e audiências. E recebi de tais maneiras que não posso dizer onde termina o que é originalmente meu e onde começa o que veio de outros.⁵⁹

Sabemos que somos habitados por outros quando não sabemos onde começa o nosso pensamento e o deles termina.

É verdade que duas pessoas não podem habitar uma na outra da maneira como o Pai e o Filho divinos o fazem. O Pai e o Filho compartilham de uma única natureza e essência. Mas lembre-se de que somos criaturas que têm imaginação. Isso torna a analogia possível. Duas pessoas experimentam algo vagamente *semelhante* à própria habitação mútua da Trindade quando crescem numa só mente, num só espírito, numa só fé, num só amor (Fp 2.27; 2.2). Os cristãos experimentam isto mais profundamente por meio do evangelho, que é a razão pela qual Jesus roga ao Pai que seus discípulos “sejam um... como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti” (Jo 17.21). No entanto, o pano de fundo, ou os elementos constituintes, daquilo que ele roga em favor dos discípulos é algo comum à humanidade como criaturas que têm imaginação. O que Volf descreveu é bastante humano.

Todos nós experimentamos isto nos vários grupos dos quais participamos. Eu poderia fazer perguntas sobre as pessoas com as quais você se relacionou no Ensino Médio. Você saía para se divertir com os atletas? Os populares? O pessoal do teatro? A turma da informática? Em qualquer desses grupos, você provavelmente começou a pensar, sorrir e lastimar-se como seus amigos.

Em relacionamentos especificamente íntimos, como o de marido e mulher, completamos as frases um do outro. O que o evangelho e o Espírito Santo fazem é colocar estas realidades abstratas numa direção voltada para Deus.

Amor e lei

Uma parte crucial da dinâmica em jogo aqui é a relação entre amor e lei. Em geral, amar algo é internalizar suas leis, códigos, princípios de operação ou caráter. Uma vez que a lei do que você ama foi internalizada, você o irradia. Fala sobre ele. Divulga-o, tanto em palavras como no estilo de vida. Isso é verdadeiro quer estejamos falando do amor a Deus, quer do amor a um conversível.

O Salmo 1 ensina exatamente isto. O homem bem-aventurado deste salmo se deleita na lei do Senhor, meditando nela dia e noite. Assimila e absorve a lei de Deus. Depois, ele a irradia. O caráter de Deus se torna o caráter desse homem, e, como tal, ele se torna como uma árvore plantada junto a corrente de águas, produzindo seu fruto no tempo certo, e suas folhas nunca murcham.

Pense novamente no que Jesus disse: “Assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou” (Jo 14.31). Jesus, o Deus-homem, “internalizou” completa e exaustivamente a lei de Deus, que é uma expressão do caráter de Deus. Ele fez isso porque amava o Pai mais do que qualquer outra coisa e queria que o mundo conhecesse o Pai como ele conhecia. Os códigos, cultura e caráter do céu habitavam totalmente em Jesus, tornando-o um provedor de princípios e posturas do céu.

Amar a Deus significa, portanto, internalizar a lei de Deus: “Este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos” (1Jo 5.3). Significa internalizar o ensino de Cristo: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra” (Jo 14.23).

É claro que, sem o Espírito de Deus, a lei de Deus não tem o poder de nos modificar. Mas, pelo seu Espírito, amar a Deus significa amar sua lei, visto que ela expressa o caráter de Deus. E esse amor, pelo poder do Espírito de Deus, torna-se frutífero em nossa vida. Crescemos, expandimos e nos ampliamos à medida que começamos a imitar Deus. Internalizamos o modo de ser de Deus, a sua natureza, o seu governo e o seu caráter. Como tal, nos tornamos como aquela árvore frutífera, abençoando todos ao nosso redor.

Considere, então, tudo que a doutrina da encarnação do Filho nos oferece. Você e eu possuímos versões contaminadas e devastadas da natureza humana. Mas Cristo assumiu a nossa natureza. Encheu-a, purificou-a, aperfeiçoou-a. E quão bela e gloriosa essa natureza se torna quando ele a veste.

Belo Senhor Jesus, Rei da natureza,

Ó Tu, de Deus e dos homens o Filho,

Eu te amarei, eu te honrarei,

Tu, glória, alegria e coroa de minha alma.

Bela é a luz do sol, mais belo ainda o luar,

E todas as hostes de estrelas cintilantes;

Jesus brilha mais forte, Jesus brilha mais puro

Que todos os anjos que o céu pode ostentar.

Agora, imagine: pelo Espírito de Cristo, podemos ser conformados a essa mesma imagem e glória

(2Co 3.18; 1Jo 3.1-3). Alguém pode se sentir apreensivo ao dizer isso. Parece quase blasfêmia. Mas, na verdade, Pedro prometeu que podemos ser “coparticipantes da natureza divina” (2Pe 1.4). E Jesus também orou: “Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.22-23). Observe que em tudo isto Jesus não está preocupado com o fato de que se o Pai começar a nos amar, haverá menos bênçãos do amor do Pai para ele. Jesus sabe que o amor de Deus é uma proposição ganha-ganha.

Buraco negro ou universo em expansão

Pensemos um pouco mais sobre a natureza criadora de vida e ganha-ganha do amor de Deus com a ajuda de outra imagem. O ser humano caído e seu amor são como um buraco negro. O amor de Deus, porém, é como um universo em expansão.

Lembro-me de um professor de Ciências do Ensino Médio haver dito que, se, de algum modo, um astronauta conseguisse sentar-se na superfície de um buraco negro e tentasse fazer um sinal para sua espaçonave com uma lanterna, o buraco negro sugaria para seu interior a luz daquela lanterna. Isso é algo muito poderoso. De modo semelhante, o ser humano caído sugará todo o universo para dentro de si mesmo – para celebração de sua própria glória. O ego é o seu maior amor. É verdade que, pela graça comum de Deus, até os piores pecadores amam seus filhos, amigos e cônjuges. Mas, sem as restrições da graça de Deus, eles e nós exploraríamos as pessoas que amamos tendo em vista o nosso próprio ganho. Nós as sugariamos, como Eva sugou Adão e Caim sugou Abel. Agostinho descreveu a natureza pecaminosa como uma alma que se curva para dentro de si mesma.

Este universo de amor próprio é aquele que descrevi no Capítulo 2 como um universo que se colapsa em si mesmo. É como um buraco negro que se retrai num espaço cada vez menor. É egoísta, autoconsumido e obsessivo consigo mesmo. Foca-se em mim, mim, mim.

O amor egoísta sempre parece ganho, mas sempre produz perda.

Amar verdadeiramente outra pessoa significa esquecer-se de si mesmo o suficiente para prestar atenção ao universo dela. Olhe para aquele planeta! Olhe para aquele sistema solar! Sempre há sacrifício pessoal no começo do amor: temos de parar de pensar demais em nosso próprio sistema planetário, a fim de notarmos o sistema da outra pessoa. Mas, à medida que fazemos isso, nosso universo cresce. É como descobrir outra estrela que não tínhamos visto antes. Portanto, ainda que o amor semelhante ao de Deus comece com sacrifício, ele é, em última análise, criador de vida. Faz as coisas se tornarem cada vez maiores. Aprendo a amar um amigo; depois, dois... sete... dezessete. Cada amigo me ensina, me enriquece, me expande. Não será isso uma galáxia inteira?

Um amigo solteiro me falou recentemente sobre sua relutância para ter filhos, em vista de todo o sacrifício que é exigido. Entendi completamente. Quem gosta de ouvir um bebê chorando às três horas da madrugada? Ajudar os filhos nos estudos de piano ou levá-los à prática de softbol significa, às vezes, dizer não a oportunidades de trabalho promissoras. Mas eis o que expliquei a meu amigo. Começar com um sacrifício nunca parece agradável, a princípio. Você não quer se envolver nisso. Mas, quando se envolve por causa do amor, descobre que, como pessoa, é nutrido e se torna mais forte. É como chegar ao alto de uma colina escarpada, olhar para o outro lado e descobrir um vale amplo e caro para construir uma casa e plantar cereais. Não, eu não gosto de acordar às três horas da madrugada, nem de dizer não a oportunidades no trabalho. Todavia, não sou mais o homem solteiro que era antes. O valor de meus filhos e de cuidar para que suas personalidades floresçam e se desenvolvam oferece uma alegria muito mais profunda do que uma noite de sono ou uma oportunidade de trabalho. Agora meu coração avalia as coisas de maneira diferente. Os sacrifícios me mudaram; e não há nenhum arrependimento. Graças às minhas quatro filhas, vivo num universo muito maior do que a versão solteira de mim mesmo jamais imaginou.

O amor de Deus tem um impulso para fora e uma centralidade no outro. Este é o primeiro “ganha” no ganha-ganha do amor de Deus. Ironicamente, porém, o impulso para fora e a centralidade no outro do amor de Deus é uma propriedade da natureza trina de Deus e um impulso interior entre as próprias pessoas da Trindade. Este é o segundo “ganha”. O exterior depende do interior. A missão de Deus procede de sua processão, disse um dos teólogos de uma geração anterior. Por contraste, o Deus monista (não trino) do islamismo, por natureza, não precisa de amor. O Corão chama Alá de “todo-amoroso” (85.4) e aponta para a criação como evidência de seu amor. Mas isto é apenas um roubo de designações da Bíblia por parte do Corão.

Considere a história de um Deus monista como Alá. Antes de criar um universo, não havia nenhuma outra pessoa para esse Deus amar. Havia apenas Alá, não amando qualquer outra pessoa e não sendo amado por qualquer outra pessoa. Qualquer amor tem de ser unicamente *interior*. Não existe nenhuma *exterioridade* intrínseca nesse amor. Não é assim no que diz respeito ao Pai, ao Filho e ao Espírito na eternidade passada. A tri-unidade de Deus “força” cada pessoa “para fora” em direção às outras pessoas, pois habitam uma na outra em deleite, amor e gozo eternos. E, embora não possamos dizer que Deus foi constrangido a criar um universo, a fim de compartilhar seu amor e glória com mais pessoas, faz sentido que ele o tenha feito. É apropriado à sua natureza trinitária e à natureza generosa de seu amor. Podemos até dizer que o Pai criou o universo como um dom para o

Filho, o Filho como um dom para o Pai, e ambos para e a partir do Espírito.

Portanto, digo novamente, o impulso exterior do amor para além de si mesmo, até ao universo e à humanidade, depende do impulso interior de seu amor compartilhado entre as três Pessoas. O amor de Deus centrado no outro, no contexto da Trindade, é um tipo de amor a si mesmo. É totalmente centrado em Deus. É totalmente constrangido pela lei ou pelas exigências da natureza de Deus e sempre se inclina em direção à exaltação de sua glória, visto que sua glória é, de todas as coisas, a mais satisfatória e a mais geradora de alegria. Mas o interior produz um exterior. E isso é o bumerangue ou o ganha-ganha. O Pai se deleita no caráter justo do Filho, e o Filho, no Pai. Não é um “livre para tudo” relativista. Deus não ama mais uma coisa num dia, internalizando-a, e outra coisa noutro dia, internalizando-a. Ele não absorve as culturas caídas das cidades diferentes em que habita, como nós fazemos. Seu amor permanece resolutamente ordenado e puro, resolutamente fixo na melhor coisa – ele mesmo. Mas o ser fixo em si mesmo envolve a centralidade no outro dentro de si mesmo, o que, por sua vez, produz sua decisão de amar além de si mesmo.

O amor de Deus não produz um buraco negro, e sim um universo que explode para fora, crescendo cada vez mais. Mas essa explosão para fora opera pela própria lei de Deus, como o universo físico se expande de acordo com as leis da física. Sem a física, o universo colapsa em si mesmo.

Sendo assim, descobriremos nos capítulos seguintes que o amor de Deus requer tanto salvação quanto julgamento. Veremos que ele é gracioso e discriminatório. Abraça e faz distinção, tudo isso de acordo com as exigências do caráter de Deus.

A dinâmica ganha-ganha do amor e da glória de Deus

É difícil nossas mentes finitas e caídas entenderem a dinâmica ganha-ganha do amor e da glória de Deus, especialmente seu impulso interior em direção à autoexaltação de Deus. O ator Brad Pitt, explicando por que abandonou o cristianismo de sua juventude, falou pela humanidade caída quando disse: “Eu não entendia esta ideia de um Deus que diz: ‘Você tem de me reconhecer. Tem de dizer que eu sou o melhor, e, depois, eu lhe darei a felicidade eterna. Se você não fizer isso, não a receberá!’ Parecia-me coisa do ego. Não consigo ver Deus agindo com base no ego. Portanto, o cristianismo não fazia sentido para mim”.⁶⁰ As palavras de Pitt são lógica intuitiva. A glória humana, como a experimentamos, é, muito frequentemente, uma proposição de soma zero. A glória que um time recebe por vencer o campeonato depende de o outro time perder. É assim que o sistema funciona.

No entanto, há pelo menos três problemas na linha de pensamento de Brad Pitt. Primeiro, ele coloca Deus e a humanidade em posições morais equivalentes, como se Deus e os homens tivessem direito às mesmas coisas – fossem dignos (ou não) das mesmas coisas. E, se minha vida não deve ter “coisa do ego”, a de Deus também não. Esta suposição não consegue reconhecer que Deus não é um de nós!

Segundo, Deus é triúno; isso significa que o amor “a si mesmo” envolve necessariamente mais de uma pessoa. Dar e receber se fundem.

Terceiro, a glória humana é finita e não criadora, enquanto a glória de Deus é infinita e criadora. O pastor John Piper comparou a glória humana a um balde de água furado e a glória de Deus a um manancial de água. Um esvazia rapidamente. O outro oferece suprimento ilimitado de vida. Essa é uma ilustração excelente. Minha glória significa a sua perda, mas a glória de Deus significa o seu ganho, se você pertence a Deus. Essa é a dinâmica ganha-ganha.

Como ocorre na glória de Deus, essa dinâmica também ocorre em seu amor centrado em Deus. Quando Deus, o Pai, ama Deus, o Filho, por causa de Deus, todo o universo ganha. De fato, o universo é criado! Você consegue ver o poder criador de vida do amor de Deus centrado em Deus? Quando você ou eu amamos nossos filhos principalmente por causa de nós mesmos ou por causa deles mesmos, o universo começa a girar em torno de nós e deles. Amá-los principalmente por causa de nós mesmos significa explorá-los. Amá-los por causa deles mesmos significa arruiná-los. Em ambos os casos, as coisas ficam feias, e estamos de volta ao buraco negro. Portanto, à semelhança de Deus, devemos amar nossos filhos por causa de Deus.

O amor verdadeiro, disse muito bem Agostinho, é sempre com referência a Deus. Qualquer amor ao cônjuge ou aos filhos, aos amigos ou aos vizinhos, ao lar ou ao trabalho que não manifestamos com referência a Deus não é verdadeiro amor.

Amar a Deus – e amar os outros com referência a Deus – exige obediência capacitada pelo Espírito. Exige que internalizemos a lei de Deus, a cultura de Deus, a maneira de ser de Deus, como Jesus fez. Exige imitação divina. Isso é o que significa participar da natureza divina – viver obedientemente e amar como Deus por causa de Deus. É assim que nos abrimos para um universo infinito de beleza divina, enquanto nos fechamos para o buraco negro de pecado e morte. E o que mais o povo de Deus fará durante toda a eternidade, senão descobrir os mais vastos e mais amplos alcances da sabedoria, do amor e da justiça de Deus?

De fato, isto é o que a Serpente no jardim nunca quis que víssemos: obedecer a Deus é compartilhar de seu governo. Andar nos caminhos de Deus, para Adão e Eva, significava governar sobre a terra com uma coroa de glória (ver Salmo 8). Ironicamente, por submeter-se ao Pai celestial, Jesus assumiu a autoridade do Pai. “Para estar *em* autoridade”, comentou o teólogo Oliver

O'Donovan, "você tem de estar *sob* autoridade. E, se está sob ela, você está em autoridade".⁶¹

Isso é muito diferente do amor que vemos nos filmes contemporâneos e nas salas de aulas universitárias. O amor, diz o mundo, é totalmente livre, não restringido por coisa alguma. Mas o amor sem a lei de Deus é como um universo em expansão tentando ignorar as leis da física. É como uma competição adúltera. Você ama uma coisa, depois outra, depois outra, até que tudo seja banalizado e sugado. Em seu rastro ficam os restos carbonizados de vidas outrora preciosas, enquanto seu universo se contraiu e se encolheu, como um vácuo no espaço com tudo no interior e nada no exterior.

Amor e santidade, inseparáveis

Sem dúvida, o mundo coloca a santidade e o amor em oposição direta, assim como o faz com o amor e a lei. Mas os cristãos também fazem isso. Por exemplo, podemos recontar a história da Igreja por caracterizarmos certas igrejas ou movimentos como igrejas ou movimentos que se voltaram demais em direção à santidade e à separação, abandonando assim o amor, ou que se voltaram demais em direção ao amor e à assimilação, abandonando assim a santidade. Os puritanos e os fundamentalistas proveem estereótipos comuns da primeira ênfase exagerada; os românticos e os liberais, da segunda.

Mas o problema não é colocar ênfase demais num lado, como se isso exigisse uma diminuição da ênfase do outro. O problema é diminuir a ênfase de ambos. Se uma igreja abandona a santidade, abandona também o amor. E, se abandona o amor, abandona também a santidade. O amor e a santidade de Deus são inseparáveis.

O que é santidade? Em alguns aspectos, é a própria deidade de Deus. Os serafins cantam:

Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória (Is 6.3).

O idioma hebraico emprega, às vezes, uma palavra repetida duas vezes para lhe dar ênfase, como em "isso aqui é ouro ouro" significando realmente ouro puro. Mas, nesta passagem, os serafins não poupam esforços e dizem a palavra três vezes, como se estivessem andando ao redor de Deus numa trajetória triangular e vendo santidade a partir de cada ângulo. Santidade é o que torna Deus em Deus. É aquilo que o separa de tudo que ele criou. Em um sentido, somente ele pode tê-la.

Num sentido derivado, a santidade de Deus é a consagração de Deus à sua glória, que é um atributo do qual podemos compartilhar. As pessoas definem geralmente santidade como separação *do pecado*; contudo, é muito mais do que isso. É também consagração *a* algo – *à glória de Deus*. Toda a terra está cheia da glória de Deus, os serafins explicam depois de declararem que ele é santo. A santidade de Deus não o separa da terra. Faz o oposto. Enche a terra da presença de Deus, para que ele manifeste sua glória exclusiva e singular.⁶² Mostrar essa glória é mostrar sua santidade, diz Ezequiel (Ez 28.22; ver também Êx 15.11). A santidade, como o amor, possui um impulso tanto para fora quanto para dentro dirigido por Deus. Não é apenas o amor que envia missionários. A santidade também o faz. Ela quer o mundo inteiro consagrado a Deus em adoração. Por isso, Davi cantou:

Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome, adorai o SENHOR na beleza da santidade (Sl 29.2).

Qual é a relação entre a santidade e o amor? Inicialmente, podemos dizer que o amor de Deus é dirigido pela santidade de Deus. É compelido pela santidade de Deus, como a água é compelida pelo cano no qual flui. O amor de Deus se move sempre e unicamente em direção a finalidades santas.

Mais profundamente, podemos dizer que a santidade de Deus é simplesmente o amor compartilhado entre as três Pessoas divinas. Foi assim que Jonathan Edwards a descreveu: "A santidade de Deus consiste em seu amor, especialmente na união perfeita e íntima que existe entre o Pai e o Filho".⁶³ O amor do Pai pelo Filho, por exemplo, é sua consagração ao Filho.

Em geral, podemos conectar a santidade e o amor por dizer que a santidade é a medida de devoção do amor a Deus ou a pureza da devoção do amor a Deus. Quão puramente Deus ama a Deus? Isso mostra a medida da santidade de Deus. Quão puramente um homem ama a Deus? Isso mostra a medida da santidade de um homem.

E o amor de Deus é sempre santo, tanto no que dá quanto no motivo por que dá. O Pai não nos dá seu amor indiscriminadamente ou porque é atraído por alguma coisa amável em nós. Tudo que temos procede dele (1Co 4.7). Ele nos ama por causa de seu Filho. E quer que o mundo se deleite no Filho, como ele o faz, e diga:

Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo (Sl 27.4).

O amor santo de Deus, usando outra vez a metáfora, é um bumerangue, girando para fora e nos atraindo em seu arco. Dele, por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória (Rm

11.36).

O amor santo divide o universo em dois. E há um limite claro e radiante entre os dois lados, tão claro quanto o limite entre o interior e o exterior do jardim do Éden, o interior e o exterior da arca de Noé, o interior e o exterior de uma casa marcada pela mancha de sangue na noite de Páscoa, o interior e o exterior do arraial dos israelitas no deserto, o interior e o exterior da Terra Prometida. É um limite tão claro quanto o rio Jordão. Em um lado do limite, estão *os santos*; no outro lado, *os impuros*. Em um lado, estão aqueles que possuem um amor centrado em Deus; no outro lado, aqueles que amam ídolos. Em um lado, estão aqueles que ouvem a Palavra e a lei de Deus; no outro lado, estão aqueles que dão ouvidos a outras vozes (ver Gn 3.17).

Resumo

Qual é o ensino deste capítulo e do anterior? Primeiramente, observamos que o amor envolve tanto uma afirmação ou afeição pelo outro quanto o dar-se a si mesmo ao outro, com o propósito de exaltar o outro. Se for um amor santo, Jesus será sempre aquele a quem procuramos exaltar, mesmo ao amarmos o próximo.

O próprio amor de Deus é centrado em Deus. É santo. E esta santidade é a “condição” ou “lei” de todo o amor de Deus. Não entenda errado. Porque Deus é triúno, o seu amor *a si mesmo* envolve o amor ao *outro*. Um Deus, três Pessoas. O Pai contempla sua própria imagem no Filho, e, portanto, amar a glória e a justiça do Filho é amar a si mesmo. O amor de Deus vai e volta, vai e volta, como um bumerangue.

Não somos triúnos, o que significa que o amor a si mesmo e o amor aos outros não se fundem da mesma maneira. Mas somos criados à imagem de Deus, e isso significa que devemos amar a nós mesmos e aos outros somente com referência a Deus. Todos os nossos amores devem também ser centrados em Deus. Essa é a “condição” ou “lei” para todos os nossos amores.

Nestes capítulos, também consideramos o fato de que o amor e a lei não são opostos. O amor de Deus, como toda forma de amor, saudável ou não saudável, vem com um conjunto de exigências. É por isso que Jesus se refere tão frequentemente a amor e obediência ao mesmo tempo. O amor leva à obediência, e a obediência é um ato de amor.

Para que não haja qualquer confusão, toda forma de amor, saudável ou não saudável, impõe um conjunto de leis. O amor por um corpo saudável produz leis de dieta. O amor por aprendizado produz as exigências de estudo. O amor por uma amante reescreve as leis de casamento na mente do adúltero. O que antes ele considerava formalmente inaceitável, agora diz para si mesmo que é bom e necessário.

Amor e lei, ou amor e autoridade, são inseparáveis. A única pergunta é: o que você ama mais? O amor correto leva à obediência correta. O amor errado, à obediência errada. E o padrão de correto é sempre a supremacia de Deus. Deus é melhor.

Conclusão: lições para a Igreja

Mas, lembre-se: o propósito deste livro, além de ser a aquisição de um melhor entendimento do amor, é preparar o caminho para entendermos melhor a Igreja. Portanto, desejo concluir este capítulo pensando sobre o que o amor santo de Deus, exemplificado mais completamente entre o Pai e o Filho divinos, significa para a Igreja. Também fomos declarados “santos e amados” (Cl 3.12). Em seguida, apresentamos cinco lições; e quatro delas estão conectadas com a trajetória de um bumerangue.

1. *O arremesso – o amor santo impele uma igreja a evangelizar e fazer o bem.* Uma igreja caracterizada por amor santo se abstém de pecado, mas também vive entre pecadores. Ela não é *do* mundo, mas está *no* mundo. O amor santo envia missionário para o mundo e evangelistas para as ruas. Faz os cristãos cuidarem dos oprimidos, sabendo que os oprimidos são criados à imagem de Deus. Torna-os continuamente atentos ao modo como sua vida e suas ações refletem bem ou pobremente o Salvador para os de fora.

2. *A curva – o amor santo impele uma igreja a delimitar a membresia e a praticar disciplina eclesíastica.* Uma igreja que escolhe enfatizar o amor de Deus e não a sua santidade é uma igreja que não entende realmente o que é o amor de Deus. O amor de Deus, como disse, é totalmente fixo em Deus e em seu caráter glorioso, em todos os seus aspectos. É santo. Uma igreja caracterizada por amor santo é, igualmente, zelosa da glória e da reputação de Deus. Portanto, ela procura nomear todos aqueles com quem Deus se identificou. Aqueles com quem Deus se identifica são santos, por definição. No Antigo Testamento, Israel era santo porque Deus havia declarado: “Serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. No Novo Testamento, os cristãos são declarados santos. Somos salvos pela graça, por meio da fé na obra de Cristo, mas ele se identifica publicamente conosco por meio de nosso batismo e nossos ajuntamentos como igreja (Mt 18.20; 28.19).

Enquanto isso, as igrejas devem também praticar a disciplina eclesíastica quando o pecado de um membro impenitente – pecado que a pessoa se recusa a abandonar – sugere que ele ou ela não pertence a Deus. Jesus ordenou que a pessoa impenitente seja tratada “como gentio e publicano” (Mt 18.17). Paulo disse que tal pessoa seja “entregue a Satanás” (1Co 5.5). Em outras palavras, a igreja deve parar de afirmar publicamente tal pessoa como crente. Membresia e disciplina,

significadas e seladas pelo batismo e a Ceia do Senhor, são ações de amor santo – amor a Deus, à igreja e às nações. Uma igreja que se diz amorosa, mas hesita em estabelecer limites claros de membresia ou em praticar disciplina eclesiástica, foi enganada e levada a uma caricatura de amor centrado no homem. Num cenário pior, ela pode estar adorando um ídolo.

3. *O retorno – o amor santo impele uma igreja a ensinar e disciplinar.* O amor santo quer viver a semelhança com Deus. Deseja o caminho de obediência, a imitação divina, a internalização da cultura celestial. Portanto, dedica-se ao estudo da Palavra de Deus e a aprender tudo que Jesus ordena. Uma igreja caracterizada por amor santo centraliza suas reuniões na pregação da Palavra de Deus. Quando a igreja se dispersa, seus membros continuam a trabalhar para edificar um ao outro na fé.

4. *A pegada – o amor santo motiva uma igreja a adorar.* Adoração é o alvo de todas as atividades de uma igreja saudável, reunida ou separada. Essa igreja valoriza Deus acima de tudo, e, por isso, leva a Palavra de Deus a seus lábios em música e louvor, mostrando que concorda com os julgamentos de Deus. Comendo ou bebendo, levantando-se ou deitando-se, trabalhando ou brincando, seus membros vivem para a glória de Deus.

5. *A cultura – o amor santo cria uma cultura distinta e santa.* Este último ponto não se encaixa na analogia do bumerangue. Mas, apesar disso, é importante. É dentro da membresia de uma igreja que todos os poderes naturais da cultura devem ser usados para fins sobrenaturais.

Você se lembra de como seus amigos da escola o influenciaram? Essa é uma das razões por que a vida do cristão deve ser a vida do membro de igreja. Você e eu precisamos de um grupo de amigos, ou até mais – uma família, que nos influencia e nos molda nos caminhos de santidade e amor. Lá, na igreja, aprendemos a sorrir, chorar, andar e amar nos caminhos de Deus. Se você acha que pode formar sozinho sua própria cultura sem as influências semanais ou até diárias de outros crentes, está profundamente autoenganado. É dentro de uma igreja que nosso universo tem realmente a oportunidade de expandir-se, à medida que aprendemos a amar jovens e velhos, ricos e pobres, uma etnia ou outra.

Em resumo, igrejas caracterizadas por amor santo possuem tanto um impulso para fora quanto um impulso para dentro. São impulsionadas para dentro porque seus membros trabalham juntos para atrair pessoas ao amor de Deus. São impulsionadas para fora porque desejam que mais e mais pessoas conheçam este amor. A santidade e o amor de Deus no coração do povo de Deus são uma fornalha purificadora que arde cada vez mais intensamente com amor para com os perdidos – para que conheçam a Deus, e ele seja exaltado na vida deles.

Miroslav Volf, *Free of Charge: Giving and Forgiving in a Culture Stripped of Grace* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005), 237.

Brad Pitt, "I Have Faith in My Family," interview by Dotson Radar, *Parade*, October 7, 2007, <http://www.parade.com/articles/editions/2007/edition10-07-2007/Brad Pitt>.

Oliver O'Donovan, *The Desire of the Nations: Rediscovering the Roots of Political Theology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), 90.

Cf. J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction and Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993), 77.

Jonathan Edwards, "Treatise on Grace", em *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 21, *Writings on the Trinity, Grace, and Faith*, ed.

Sang Hyun Lee (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 186.

Capítulo 5 | O Amor de Deus por Pecadores

“No princípio, criou Deus os céus e a terra...” Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1.1, 31). A Bíblia começa assim. E o amor de Deus pelo mundo caído se parece, de algum modo, com o amor do Pai por seu Filho não caído. À semelhança do amor do Pai pelo Filho, o amor de Deus pela criação começou com uma palavra de encorajamento. Deus ficou satisfeito com o que viu. Sentiu afeição.

Como o amor do Pai pelo Filho, Deus amou a criação com referência a si mesmo. O universo natural manifestava a criatividade, a beleza e a ordem de Deus. A humanidade manifestava perfeitamente a imagem de Deus. A criação não tinha nenhuma beleza ou glória a oferecer independentemente de Deus. Toda boa dádiva veio do alto.

Como o amor do Pai pelo Filho, o amor de Deus pela criação foi demonstrado por *dar* à criação – dar-lhe existência, vida e respiração.

No entanto, diferentemente do amor do Pai pelo Filho, Deus deu *de si mesmo* à criação. Ele não deu *a si mesmo*. A criação permaneceu totalmente separada de Deus. O Criador não é a criatura. Nas Escrituras, nada sugere que Deus se identificou totalmente com a criação, como faz com o Filho. Amar a criação com referência a si mesmo foi, paradoxalmente, um ato de amar tanto a si mesmo como algo distinto de si mesmo.

Talvez você já tenha experimentado este mesmo paradoxo. Talvez já tenha construído uma gaiola de passarinho, ou tirado uma foto, ou escrito um verso de poesia ou um código de computador e, depois, admirado isso com alguma medida de satisfação. Essa satisfação pode, sem dúvida, se tornar em orgulho pecaminoso, mas pode também ser justa: “Vejam o que Deus me deu a capacidade de fazer. Ele me deu a força e a criatividade para fazer isso! Louvem-no!”

Isso também acontece quando contemplamos nossos filhos recém-nascidos, como descrevi no começo do Capítulo 3. A palavra *altruísta*, eu disse, não é suficiente para expressar o que acontece em nosso coração. Sim, você daria tudo por ele, mas você o ama especificamente porque é *seu*. É uma expressão de você. Tem sua imagem e semelhança.

Mas, pense naquele menininho se desenvolvendo, fazendo o que o Filho divino nunca fez. Ele peca. E, depois, peca de novo, e de novo, e de novo. Tal pai, tal filho. O pecado muda a conversa sobre o amor. Apresenta um obstáculo ao amor porque ameaça e, às vezes, acaba com o relacionamento. Mas há uma coisa admirável que descobriremos neste capítulo, à medida que avançarmos da criação para a nova criação: embora Deus tenha apenas dado *de si mesmo* na criação, parece que – ousamos dizer isso? – ele se deu *a si mesmo* para nós na nova criação.

Mas, primeiramente, devemos começar com o pecado.

Meu filho, meu filho!

Se você ainda não leu o romance sul-africano *Cry, The Beloved Country* (Chora, o País Amado), de Alan Paton, deveria lê-lo. Eu o li no Ensino Médio e o peguei de novo recentemente. Reli alguns capítulos importantes e, em minutos, me vi com lágrimas nos olhos.

O livro de 1948 trabalhou com o objetivo de expor algumas das injustiças do sistema apartheid da África do Sul. No enredo, a obra lida com a tensão entre justiça e perdão, e como os cristãos têm lutado para manter unidas essas duas coisas.

A ação se centraliza em Stephen Kumalo, um sacerdote anglicano, negro e idoso, que viaja de sua cidade rural até a capital Johannesburgo. Está à procura de Absalão, seu filho obstinado. Talvez você se lembre desse nome. Absalão foi o filho do rei Davi que traiu seu pai. Foi o filho pelo qual Davi lamentou: “meu filho, meu filho Absalão!” (2Sm 18.33; 19.4). Absalão Kumalo também abandonou seu pai em troca de uma vida que negava sua criação. O coração do sacerdote Kumalo, como o de Davi, está partido em dois pela prodigalidade de seu filho, mas ele ainda ama seu filho.

Poucas coisas oferecem tanta alegria quanto contemplar um filho recém-nascido, e poucas coisas causam tão grande tristeza quanto ver esse filho crescer e se tornar rebelde.

De bairro em bairro, de casa em casa, Kumalo procura por seu filho, seguindo uma viagem após outra. Por fim, Kumalo é informado que seu filho matou um homem branco numa tentativa de roubo fracassada. Finalmente, ele o encontra na cadeia, esperando por julgamento.

“Meu filho, meu filho!”

“Sim, meu pai.”

“Finalmente, eu o encontrei.”

“Sim, meu pai.”

“E é tarde demais!”

A isto, o rapaz nada responde. Embora possa achar alguma esperança neste silêncio, o pai insiste. “Não é tarde demais?”, ele pergunta. Mas não há resposta...

“Procurei você em todo lugar.”

Também nenhuma resposta para isso. O velho homem afrouxa as mãos, e as mãos do filho escorregam delas sem reação. Há uma barreira aqui, uma parede, algo que os separa um do outro.

A principal pergunta que aflige o pai é por quê.

“Por que você fez esta coisa terrível, meu filho?”

... Há umidade nos olhos do rapaz, ele vira o rosto de um lado para outro e nada responde.

“Responda-me, meu filho.”

“Eu não sei”, ele diz.

A conversa prossegue com dificuldade por mais alguns minutos, o pai nunca indo além de espanto, e o filho atolado em vergonha. Eventualmente, a pergunta do porquê retorna.

“Responda-me apenas uma coisa, meu filho. Você me responde?”

“Eu posso responder, papai.”

“Você não escreveu nada, não enviou nenhuma mensagem. Andou com más companhias. Roubou e invadiu casas e – sim, você fez estas coisas. Mas, por quê?”

O rapaz se aproveita das palavras que lhe foram ditas. “Foram as más companhias”, ele disse.

“Não preciso lhe dizer que isso não é resposta”, disse o velho Kumalo. Mas ele sabe que não conseguirá

outra resposta desta maneira. “Sim, eu entendo”, ele disse, “más companhias. Sim, eu entendo. Mas, quanto a você, você mesmo, o que levou você a praticar estas coisas?” Como eles torturam um ao outro! E o rapaz, torturado, mostra novamente um sinal de vida.

“Foi o diabo”, ele disse.

“Oh! Meu filho, você não pode dizer que combateu o diabo, que lutou com ele e o enfrentou corpo a corpo, dia e noite, até que o suor jorrou de você e não lhe restaram forças? Você não pode dizer que chorou por seus pecados, prometeu fazer reparações, levantou-se, tropeçou e caiu novamente? Seria um consolo para este homem torturado que lhe pergunta, desesperadamente, por que você não lutou contra ele?”

E o rapaz inclina a cabeça, olha para os pés novamente e diz: “Não sei”.

O velho sacerdote está exausto, o rapaz está exausto, e o tempo está quase acabando.⁶⁴

Podemos empatizar tanto com o pai quanto com o filho. Já ficamos pasmados ante o pecado de alguém: “Como você pode ter feito isto?” Mas também temos sido incapazes de explicar nosso próprio pecado: “Eu não sei como pude ter feito isso”. Como disse o profeta,

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá? (Jr 17.9)

A obra *Cry, The Beloved Country* (Chora, o País Amado) não oferece respostas simples: as más companhias devem ser culpadas, o Diabo deve ser culpado, as políticas racistas do governo da África do Sul devem ser culpadas. O rapaz deve ser culpado. É impossível negar isso.

O juiz de Absalão é simpático às circunstâncias atenuantes em torno do crime do rapaz, mas as grandes controvérsias raciais que agitam a nação tornam inevitável a decisão de enforcá-lo. O sacerdote Kumalo passa a noite anterior à execução de seu filho no alto de um monte, orando e meditando sobre seu filho: “Ele estará acordado, será capaz de dormir esta noite, antes da manhã? Ele clamava: ‘Meu filho, meu filho, meu filho’”.

Amor numa cela de prisão

Observa-se comumente que podemos entender a gravidade do pecado somente quando ele é visto à luz da glória de Deus. Isso é verdadeiro e fundamental. Mas também vale a pena vê-lo à luz da glória humana. Afinal de contas, Deus nos coroou com glória na criação (Sl 8.5).

Portanto, considere quão preciosos são a estrutura e o fogo da alma, como estão misteriosamente entrelaçados com a maquinaria orgânica do corpo. Quão delicados são os laços de amor entre duas pessoas pelos quais mente e coração se fundem. Quão admiráveis são as nossas realizações, desde as atômicas até às cósmicas, desde cantatas a supercomputadores.

Nenhum louvor para mim ou para você. Louvor àquele cujo sopro anima cada segundo nosso e cuja imagem é a fonte de todas as coisas boas e belas em nós.

A tragédia e vergonha do pecado são, portanto, a tragédia de uma alma desprezada, um corpo abusado, um jardim negligenciado, uma casa assolada, um relacionamento explorado, uma civilização corrompida, um mundo bombardeado e transformado em cinzas. É, mais profundamente, a tragédia da própria Justiça, Amor e Beleza menosprezados e blasfemados.

Portanto, uma coisa é meditar no amor de Deus por seu Filho perfeito, como fizemos no capítulo anterior. Outra coisa é meditar no amor de Deus por pessoas rebeldes como nós, que desprezam, abusam, negligenciam, assolam, exploram, corrompem, bombardeiam, menosprezam e blasfemam. Como exatamente o amor opera numa cela de prisão, onde um pai abandonado contempla, de coração partido, o filho traiçoeiro? Como ele opera num bairro de prostituição, ou num centro de reabilitação de drogas, ou numa favela, ou numa comunidade fechada, ou numa casa enorme construída ao custo da exploração de outros?

Isso nos leva à história de salvação na Bíblia. O filho Adão se tornou obstinado, como o fez o filho Israel, como o fez o filho Davi. Como o fez toda filha: Eva enganou Adão. Tamar seduziu seu sogro. Raabe se voltou à prostituição. Mas, em cada caso, Deus amou. Ele agiu para salvar. Cobriu com

peles de animais os envergonhados Adão e Eva. Resgatou Israel do Egito e, mais tarde, do exílio. Preservou a linhagem de Davi. E cada uma dessas mulheres acabou, de algum modo, na árvore genealógica de Cristo.

Este é o interesse deste capítulo. Como devemos entender o impulso do amor de mover-se para fora e abraçar o pecador? Especificamente, como entendemos este movimento para fora à luz da *centralidade em Deus, condicionalidade e santidade do amor de Deus*, que consideramos nos dois capítulos anteriores? Deus vê em nós algo belo que ele não possui e do qual necessita? Deus abandona sua santidade e ama pecadores “apenas porque ama”, ou “incondicionalmente”, ou “independentemente de qualquer coisa”?

O arco de alcance do bumerangue inclui não somente um Filho divino perfeito, mas também pecadores. Mas, como? Responder a isso exige que prestemos atenção à outra metáfora bíblica importante para entendermos o amor – a metáfora do casamento. Deus ama seu povo como um marido ama sua esposa.

Amor no casamento e no sexo

Pense em nossa discussão sobre Kierkegaard no Capítulo 2. Ele distinguiu o amor cristão do amor romântico, dizendo que o amor romântico se foca “no nome do favorito... em distinção do resto do mundo”. “Esforça-se na direção de um único amado” e “é determinado pela qualidade, beleza e valor de seu objeto”. Um homem vê uma mulher bonita e deseja-a; uma mulher vê um homem poderoso e é atraída por ele. O amor romântico, disse Kierkegaard, é “despertado” e “motivado” por coisas como beleza e poder. Mas o amor cristão, ele prosseguiu, não é assim. Move-se em direção “tanto ao mau quanto ao bom”. É espontâneo, “transbordante, não motivado”.⁶⁵

Esse contraste é correto?

Certamente a Bíblia promove o amor conjugal exclusivo entre marido e esposa. Chame-o amor romântico se quiser. Em Cântico dos Cânticos, dois amantes estão extasiados pela aparência, aroma e toque um do outro. Cada um declara que o amor do outro é melhor do que o vinho, e seus amigos encorajam-nos a embriagarem-se nesse amor (1.2; 4.10; 5.1). Ele elogia as “duas crias” e o “monte de mirra” dela, que não se referem a gazelas e resina de árvore (4.5-6). Ela o convida a participar de seus “frutos excelentes” e admira o “alvo marfim, coberto de safiras” de seu amado (4.16; 5.14). Ela instrui outras mulheres a não despertarem o amor no tempo errado porque

As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo (8.7; ver 2.5, 7; 5.8; 8.4).

Anos atrás, quando eu era solteiro, meus companheiros de casa cristãos e eu fizemos uma festa de Natal. Convidei vários amigos não cristãos para a festa, incluindo um casal de namorados, que chamarei de Mark e Janet. A certa altura da noite, procurei Mark e Janet e os achei em meu quarto, com a porta fechada, sentados em minha cama e lendo a Bíblia. Pareceram levemente embaraçados, como se houvessem dado uma olhada rápida numa revista imprópria. Eles deram risadinhas, admitiram que estavam lendo o Cântico dos Cânticos e saíram do quarto.

Sem dúvida, o amor conjugal no Cântico dos Cânticos é sensual. Não é surpreendente que até mesmo dois não cristãos possam achá-lo excitante. O livro diz que o amor conjugal parece como vinho ou fogo. É como figos maduros e vinhas florescentes. Cheira como açafrão e incenso. Reveste a língua como mel e leite. Os prazeres e os consolos do amor conjugal são poderosos, controladores e modificadores da vida.

Quão apropriado, então, é que Deus adote a imagem do amor conjugal para descrever seu amor salvífico por seu povo! Esqueça Kierkegaard.

Não estou dizendo que Cântico dos Cânticos é uma alegoria de Cristo e a Igreja. Estou dizendo que o livro oferece a mais longa descrição bíblica do amor conjugal, e esse amor conjugal é a metáfora que Deus usa para descrever seu amor salvífico por seu povo.

Em outra passagem, Deus fala a Israel: “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao SENHOR” (Os 2.19-20). *Conhecer* o Senhor não é conhecimento mental. É casamento.

Paulo também emprega o amor conjugal para descrever o amor de Cristo pela Igreja: “Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). Em seguida, Paulo retorna à criação do casamento e da própria relação sexual e nos diz que Deus criou o casamento e a intimidade física conjugal, a fim de apontar para o amor de Cristo pela Igreja: “Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja” (Ef 5.31-32).

A união física numa só carne de marido e mulher, como o casamento em geral, não é uma realidade permanente. O casamento e o sexo são placas rodoviárias ou sombras. O amor do céu é o destino último e a substância tridimensional. Lembre-se da promessa de Jesus de que, “na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento” (Mt 22.30). Por que não há casamento nem sexo no céu? Porque você não precisa de uma sombra bidimensional quando tem a substância. Não precisa de placas quando chega ao destino.

Vale a pena meditar nesta verdade por um momento. Pense de novo em toda a linguagem sensual no Cântico dos Cânticos – vinho e fogo, mel e leite, açafrão e mirra – linguagem que desperta os apetites físicos e experiências de dois amantes. Pense no poder da atração romântica e sexual, como se deu com a mítica Helena, cuja face desencadeou o envio de mil navios gregos. Pense no poder que o sexo exerce sobre a cultura em nossos dias – todas as batalhas políticas, as controvérsias em tribunais, o dinheiro gasto em anúncios, a fascinação com Hollywood. Pense no anseio que adultos solteiros sentem pela amizade, intimidade e companheirismo de um bom casamento. Pense em quão profundamente um crime sexual impacta a identidade da vítima. Pense em quanto dinheiro e tempo as pessoas dedicam a parecerem atraentes ou a buscarem algum tipo de prazer romântico ou sexual.

Junte todas estas coisas e você verá algo muito, muito poderoso – pessoal, social, política, civilizacional e economicamente. Talvez o dia de julgamento revele o papel que as práticas conjugais e sexuais de cada nação tiveram em sua ascensão e queda. No entanto, por mais poderosas que sejam estas realidades, elas são, digo outra vez, apenas placas de sinalização mentais, sombras sem substância. A recepção plena da igreja por Cristo é a substância. Agora, como serão os novos céus e a nova terra?

Uma das maiores ironias do Ocidente pós-moderno pode ser esta: o sexo – aquele prazer pelo qual nossa cultura rejeita muito enfaticamente a Deus – é a própria coisa que Deus deu à humanidade para que tenhamos uma analogia, uma categoria, uma linguagem para sabermos como será o desfrute imaculado de Deus na glória.

Casamento e sexo podem terminar no céu porque prenunciam o prazer do céu e o conhecimento íntimo de Deus. Fornecem uma linguagem para entendermos a união com Cristo. D. A. Carson escreveu: “É como se a união sexual de um bom casamento fosse o único prazer e intimidade desta vida que chega perto de prenunciar o prazer da Igreja e de seu Senhor em perfeita união no último dia”.⁶⁶ Assim também escreveu John Piper: “Deus nos criou com paixão sexual para que houvesse uma linguagem para descrever o que significa unir-se a ele em amor e o que significa afastar-se dele para outros”. E, novamente: “Deus nos fez poderosamente sexuais para que ele fosse mais profundamente conhecível. Recebemos o poder de conhecer um ao outro sexualmente para que tenhamos uma indicação de como será conhecer a Cristo supremamente”.⁶⁷

Na glória da recepção amorosa de Cristo, descobriremos a culminação do casamento em geral e do sexo em particular.

O pecado como prostituição e adultério

Sem dúvida há um lado oposto para esta analogia. A Bíblia também ilustra nosso pecado como adultério e prostituição. O pecado é, afinal de contas, infidelidade para com Deus.

Em Êxodo 34, Deus descreve seu nome como “Zeloso” e, depois, adverte seu povo a não se prostituir com os deuses de Canaã e não lhes oferecer sacrifícios (vv. 14-15). Em Levítico 17, Deus proíbe o prostituírem-se com os demônios (v. 7); e, no capítulo 20, proíbe o prostituírem-se com o deus amonita Moloque (v. 5).

Mas a prostituição de Israel envolveu mais do que adorar ídolos. Em Números 15, Deus fala a Israel: “Para que... vos lembreis de todos os mandamentos do SENHOR e os cumprais; não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos, após os quais andais adulterando” (v. 39). Adultério espiritual começa com os desejos de nosso coração.

Indo para o Novo Testamento, João adverte contra “a concupiscência [os desejos] da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2.16), enquanto Tiago acusa: “Infiéis [adúlteros], não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus?” (Tg 4.4).

O coração e os olhos adúlteros não são apenas aqueles que seguem os demônios, ou Moloque, ou Baal. O coração adúltero e prostituto é aquele que ama o mundo mais do que a Deus. Busca os prazeres, os confortos e a aprovação do mundo mais do que a Deus.

O livro de Oseias apresenta o uso bíblico mais amplo e mais franco deste tema. Deus ordena a Oseias que se case com uma mulher que, diz Deus, será infiel: “Vai, toma uma mulher de prostituições e terás filhos de prostituição” (1.2). E Gômer, a esposa do profeta, cumpre a predição divina. Ela dá seu corpo a outros homens. E dá à luz três filhos. Indicações do texto sugerem que somente o primeiro filho é de Oseias.⁶⁸ Por fim, ela o deixa totalmente (3.1).

Uma configuração chocante para uma história! Não podemos deixar de simpatizar com Oseias. O quê? Uma esposa de prostituição? Isso é realmente Deus falando? Mas a dinâmica sexual da cena, acompanhada dos filhos ilegítimos, nos ajuda a perceber a vergonha e tragédia do pecado. Toca naquele instinto primordial de proteger a intimidade sexual e a procriação dentro de um jardim fechado, um instinto que até as consciências mais insensíveis não podem erradicar completamente.

Mas, então, com todas as nossas simpatias por Oseias despertadas, o livro se volta para nós. Deus fala que a prostituição de Gômer ilustra a de Israel. E Israel ilustra, sem dúvida, a humanidade (ver Rm 3.9-20). Espere um momento – nós somos Gômer? O livro nos atinge de dois ângulos ao mesmo tempo: *simpatizamos* naturalmente com Oseias, mas temos de *reconhecer* que somos Gômer.

A cela de prisão de Absalão é o bordel de Gômer, *somos nós* separados de Deus.

Fomos criados por Deus e para Deus, mas temos sido infiéis. Nossos olhos e coração têm sido

atraídos a outras coisas. Não buscamos nosso deleite, prazer e satisfação em Deus. Nós os temos buscado em sucesso profissional, ilusões de fama e sexo ou de casas magníficas. Temos buscado na aprovação dos outros.

O amor geral e o amor específico de Deus

Admiravelmente, Deus ainda ama pecadores. Mas, como?

No Capítulo 3, apresentei uma lista de cinco maneiras pelas quais, conforme D. A. Carson diz, a Bíblia fala sobre o amor. Duas são relevantes aqui. Primeiro, a Bíblia fala em poucas passagens proeminentes sobre o amor salvífico de Deus para com o mundo caído. “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Deus não tem prazer na morte do ímpio e chama o ímpio a que se converta e viva. Como o idoso Kumalo na cela de prisão, Deus apela: “Convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer?” (Ez 33.11). Não deve haver dúvida a respeito disso: Deus ama o mundo e ama o “mundo inteiro” (1Jo 2.2). Talvez este amor amplo e geral se aproxime do que Kierkegaard tinha em mente como amor cristão.

No entanto, a Bíblia fala de outra maneira sobre o amor salvífico de Deus - como um amor particular por seu povo. E fala desta maneira muito mais frequentemente. Pense de novo em Oseias e Gômer: “Disse-me [Oseias] o SENHOR: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo e adúltera, como o SENHOR ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses” (3.1). Oseias vai e recebe-a em seu pecado, como Cristo faria, no futuro, por meio de sua obra de oferecer um resgate pelos pecados, na cruz: “Compreei-a, pois, para mim por quinze peças de prata e um ômer e meio de cevada” (v. 2). Agora ela pertenceria exclusivamente a Oseias: “E lhe disse: tu esperarás por mim muitos dias; não te prostituirás, nem serás de outro homem; assim também eu esperarei por ti” (v. 3).

Igualmente, Deus diz a seu povo: “Desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao SENHOR” (2.20).

O amor pactual e incorporador de Deus

Por que Deus ama seu povo? Ele vê alguma coisa bela em seu povo, algo que não possui e de que precisa? Não. Se assim fosse, ele não seria Deus. Ele os ama “apenas porque ama”, ou “incondicionalmente”, ou “independentemente de qualquer coisa”? Novamente, não.

Em vez disso, Deus enviou seu Filho ao mundo para ganhar sua noiva. Jesus veio como o Noivo, sabendo que o Pai confiara todas as coisas às suas mãos (Jo 3.29, 35). O Pai, então, colocou todo o seu amor nesta noiva por causa de seu Filho. Ele é como o pai numa recepção de casamento, contemplando sua nova nora. Ele a abraça. Chama-a de filha. Recebe-a na família. Jesus diz: “Aquele que me ama será amado por meu Pai” (Jo 14.21). E, novamente: “Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado” (Jo 16.27).

O amor salvífico de Deus por nós é, portanto, um amor incorporador, um amor pactual. O Pai ama o Filho, e somos incorporados nesse amor por aliança conjugal. “Desposar-te-ei comigo para sempre.”

O que acontece no casamento? Dois se tornam um. Pense em Adão, no Éden, dizendo a respeito de Eva:

Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne (Gn 2.23).

Em seguida, o narrador comenta: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam” (Gn 2.24-25).

“Osso dos ossos e carne da carne” foi a maneira de Adão dizer: “Esta é a minha carne e o meu sangue - a minha família”. É como uma biologia “nascida de novo” - biologia por aliança conjugal. Ele deixa as pessoas com quem ele de fato compartilha sangue e DNA e se torna uma nova família com ela. A união “uma só carne” de Adão e Eva simboliza esta biologia quando se tornam literalmente um por meio de uma incorporação.

No quadro da criação, um homem e uma mulher estão nus. Não tentam se esconder e permanecem expostos. Pegam sua própria identidade e tornam-na vulnerável e dependente de outra pessoa. Deixam-se definir pela outra pessoa. Seus ossos, meus ossos; sua carne, minha carne. O vínculo pactual que os une é mais forte e mais profundo do que sangue e DNA porque é Deus quem os une (Mt 19.6).

Da mesma forma, quando o cristianismo começa? Quando nos tornamos completamente nus diante de Deus, por confessarmos nossos pecados a ele. Em seguida, o Pai nos une a seu Filho por meio da nova aliança de seu sangue. Todo o pecado que é nosso se torna dele, e todas as riquezas que são dele se tornam nossas, como um casal que no dia de seu casamento une características e responsabilidades. O casamento e a intimidade conjugal, como vimos momentos atrás, são apenas uma turva imagem disto.

Não é seu osso, meu osso; sua carne, minha carne. É sua justiça, minha justiça; meu pecado, seu pecado. Você percebe a troca marital ou pactual?

Como parte dessa troca, o Pai nos ama com o amor com o qual ama o Filho. De novo, há uma incorporação. O Pai está no Filho, e o Filho nos ama; e assim o amor do Pai pelo Filho está em nós. Jesus disse ao Pai: “Eu neles, e tu em mim... para que o mundo conheça que tu... os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.23).

É admirável. Como incorporar um oceano.

Deus, o Pai, nos dá todo o amor que tem pelo Filho – o Filho amado, o Filho incomparável, o Filho que nunca pecou, o Filho “formoso Senhor Jesus, Rei de toda a natureza”, o Filho com que o Pai soprou e esculpiu o universo. Ele ama o Filho com amor Deus-é-amor. E agora nós estamos incorporados neste mesmo amor Deus-é-amor.

Ó profundo, profundo amor de Jesus,
Vasto, imensurável, ilimitado, livre!
Jorrando como um poderoso oceano
Em toda a sua plenitude sobre mim!
Por baixo de mim, ao meu redor,
Está a corrente de Teu amor
Guiando adiante, guiando ao lar
Ao teu glorioso descanso no céu!⁶⁹

Deus não somente nos dá *de si mesmo* por meio de Cristo. Ele nos dá *a si mesmo* por meio de Cristo. Não nos tornamos Deus. Mas Cristo identifica sua própria pessoa conosco (ver Mt 18.20; At 9.5), e toda a glória que é dele se torna nossa. Jesus orou: “Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos” (Jo 17.22). E Paulo promete: “Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3.21-23).

E um dia, a Bíblia promete, estaremos sentados na ceia das bodas do Cordeiro.

Mais contracondicional do que incondicional

Então, o amor de Deus por pecadores é incondicional? Acho melhor a expressão contracondicional. Entendo por que os cristãos se referem frequentemente ao amor incondicional de Deus. A salvação por meio de Cristo é puro dom de amor de Deus para pecadores indignos. Não podemos conquistá-la. Nós a recebemos independentemente de qualquer coisa em nós, mas em contradição chocante com o que somos. E, de vez em quando, por conveniência, refiro-me ao amor incondicional de Deus.

Mas precisamos ter em mente três coisas quando usamos essa expressão. Primeira, alguém tinha de pagar um preço para que Deus sustentasse seu amor por pecadores, um preço que o noivo assumiu alegremente. Segunda, o Noivo e seu Pai exigem que a noiva abandone seus outros amantes e se dedique totalmente a ele, à parte do qual, ela permanece sob a ira de Deus: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36). Terceira, aqueles que amam verdadeiramente a Jesus *obedecerão* aos seus mandamentos: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14.21).

Por que é importante ter estas três coisas em mente se usamos a linguagem de incondicionalidade? Lembre-se do que disse no Capítulo 2. Enfatizar somente a natureza de “puro dom” do amor de Deus nos leva em direção ao liberalismo teológico e ao pragmatismo eclesiástico. Teologicamente, o universalismo fará cada vez mais sentido. No que diz respeito à eclesiologia, a membresia e a disciplina, que significam a distinção entre a igreja e o mundo, farão cada vez menos sentido.

Melhor do que “amor incondicional”, penso eu, é a expressão cunhada por David Powlison: amor contracondicional.⁷⁰ Deus nos ama *ao contrário* do que merecemos. Afinal de contas, há sempre condições no amor de Deus, como as três que acabamos de mencionar. Basicamente, o amor de Deus é sempre *condicionado* por sua santidade. Mas Deus nos dá o dom de seu amor ainda que tenhamos vivido de modo contrário à sua santidade e à sua lei. Ele nos ama, já dissemos, por causa de seu amor pelo Filho e por causa da obra de justiça do Filho. Nossa salvação depende da justiça de Cristo e não de nossa própria justiça.

Amar-nos por causa de Cristo significa que Deus nos ama com um propósito – conformar-nos à imagem de Cristo, para que a glória de Cristo brilhe cada vez mais por nosso intermédio.

Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.25-27).

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito (2Co 3.18).

O fogo da afeição do Pai pelo Filho é tão intenso que ele deseja que centenas de milhões de faces se pareçam com a face de Jesus. Em última análise, é sobre Jesus.

Para ligar esta seção à anterior, podemos dizer que o amor contracondicional de Deus é um amor incorporador e pactual. Depende do soberano voto de “Sim” do Filho. Mas esse “Sim” não fica sem resposta, como se Oseias ficasse sentado em casa, sozinho, chorando por sua esposa rebelde. Deus chama, nós respondemos: “Desposar-te-ei comigo para sempre... e a Não-Meu-Povo direi: Tu és o meu povo! Ele dirá: Tu és o meu Deus” (Os 2.19, 23).

Deus coloca seu Espírito em nosso coração, diz Jeremias, para que sigamos e obedeçamos espontaneamente. A aliança matrimonial é cumprida mutuamente porque “Deus mesmo faz isso”.⁷¹ O arrependimento e a fé, diz a Confissão de New Hampshire, são “deveres sagrados” e “graças inseparáveis”. Nós as *fazemos*, e este fazer é um dom da graça. Cumprimos esta aliança matrimonial na alegria ou na tristeza, na saúde ou na doença. Maravilhosamente, porém, a morte não nos separa. A aliança persevera através da morte e além.

Enquanto isso, todas as riquezas do amor do Pai por seu Filho amado são estendidas a nós. Observe a relação entre João 10 e João 17. Assim como o Pai e o Filho são um (10.30), Jesus pede ao Pai que faça seu povo ser um (Jo 17.11, 21-23). Assim como Jesus foi totalmente *consagrado* pelo Pai (Jo 10.36), ele pede ao Pai que consagre seus discípulos (Jo 17.17). Assim como Jesus diz que o Pai o enviou ao mundo (Jo 10.36), ele pede ao Pai que envie seu povo ao mundo (Jo 17.18, 21, 23). Assim como Jesus diz que o Pai está nele e que ele está no Pai (Jo 10.38), ele pede a seu Pai que seus discípulos “todos sejam um... eu neles, e tu em mim” (Jo 17.21, 23, 26).⁷²

No arremesso do bumerangue do amor de Deus, o povo de Deus é incorporado a todas as afeições, direitos e propósitos que o Pai dá ao Filho. Quase dá para imaginar um homem rico, com seu filho e a nova noiva do filho no dia de seu casamento, olhando de fora a mansão da família. O pai aponta para a mansão, para a garagem cheia de carros, para a coleção de carros antigos e esportivos, para a piscina e a quadra de tênis, para os pomares, as vinhas, o jardim, os arbustos esculpidos e os muitos empregados andando por todos os lados para servir os convidados do casamento. O pai diz à sua nova nora que tudo que ela está vendo pertence a seu filho, e, portanto, tudo pertence a ela. Ela não fez nada para merecê-lo. Talvez até tenha ofendido o pai durante o noivado. Mas, agora, com um coração transbordante de afeição, ele lhe dá alegremente estas riquezas. Por quê? Porque ele ama seu filho.

O que é amor?

Havendo pensado sobre o amor de Deus por Deus e o amor de Deus por pecadores, podemos sistematizar as várias maneiras pelas quais a Bíblia fala sobre o amor.

O que é amor? Ou, mais especificamente, o que é o verdadeiro amor bíblico? *O amor é encorajar afetosamente aquilo que é de Deus no amado e dedicar-se a ver Deus exaltado no amado.* Permita-me expor ambas as partes desta definição.

1. *O amor é encorajar afetosamente aquilo que é de Deus no amado.* O verdadeiro amor, o amor santo, sempre começa aqui. É assim que o Pai divino ama o Filho: “Este é o meu Filho amado”. Foi assim que Deus amou sua criação: “E viu Deus que era bom”. É assim que o amante contempla a amada no Cântico dos Cânticos. A beleza da amada não é dela. É de Deus. É assim que os pais veem o filho. Mamãe e papai olham e veem sua imagem, que é a imagem de Deus. Veem uma menina ou um menino feito de maneira assombrosa e maravilhosa.

O amor diz: “Eu encorajo você. Você é digno, precioso e belo para mim porque você é de Deus”.

Encorajar afetosamente aquilo que é de Deus é o começo de empatia e compaixão. O que é compaixão? É a reação do amor ao ver uma das criaturas de Deus – e, em especial, um dos portadores de sua imagem – ferida, oprimida, presa no pecado ou sob grande dificuldade. Esse amor olha para o escravo, o mendigo, a criança abandonada, mas também para a pessoa emaranhada no pecado, como o Absalão Kumalo. Esse amor vê a imagem de Deus e arde com compaixão. É atraído à pessoa que está sofrendo ou envolvida no pecado. Quer ver a cana quebrada sendo fortalecida e o pavio quase apagado sendo soprado para se tornar uma chama. Sabe ter grande cautela com o pecado, mas não deixa de amar a pessoa apanhada nos “grandes” pecados, nos estranhos pecados, nos mais odiosos pecados (Jd 23; ver também Gl 6.1-2). Quanto mais conhecemos a Deus, tanto maior e tanto mais bem calibrada será a nossa compaixão. Existe algo como a compaixão mal exercida. A compaixão tem de ser manifestada com referência a Deus e à sua lei, ainda que não estejamos pensando conscientemente nele.

Encorajar afetosamente aquilo que é de Deus é também o começo da indignação justa para com a injustiça. Esse amor vê o oprimido e se ira com o opressor; vê a pessoa abusada e se enfurece com o abuso.

De modo semelhante, encorajar afetosamente aquilo que é de Deus é o começo da justificação. Quando você ama alguma coisa, você não somente *quer* justificá-la, mas *começou* a justificá-la. Na verdade, a doutrina cristã da justificação é como o amor envolto na toga de juiz. Quando o amor dá a palavra de encorajamento “Isso é valioso, bom e digno”, a justificação entra no tribunal e diz: “Isso é justo”. Portanto, o amor e a justificação trabalham tipicamente em dupla. Ambos encorajam.

Uma ilustração da conexão entre o amor e a justificação pode ser vista, ironicamente, no

movimento LGBT contemporâneo. O movimento tem sido quase bem-sucedido em justificar moralmente uma identidade e um estilo de vida homossexual aos olhos do público mais amplo; e tem conseguido isso, em parte, por usar a rubrica de *amor*. “Se você me ama, me aceitará como sou”. “Não promova o ódio.” Assim, um filho volta da faculdade para casa, diz a seu pai que é gay e insiste que amá-lo significa aceitar sua autoidentificação como gay. Nesse momento, o pai, que sem dúvida sente compaixão adequada pelo filho e pela luta de seu filho, será fortemente tentado a estender essa compaixão a uma situação para a qual não deveria, por afirmar como certo algo que Deus chama de pecado.

O amor bíblico sempre começa com o amor de Deus e, portanto, encorajará apenas o que é de Deus. O pecado e a insensatez nunca são de Deus. Mas, quando Deus repousa superficialmente em nosso coração, começamos a encorajar o pecado e a pensar que, ao fazer isso, estamos servindo a Deus e ao amor. O problema é que o pecado produz morte, e, portanto, encorajar o pecado não é amor de maneira alguma, e sim covardia e ódio.

2. *O amor é.... dedicar-se a ver Deus exaltado no amado.* Não é segredo que o “amor” dos pais pode se tornar opressivo. E o “amor” romântico pode se tornar invasivo e pervertido. “A cada suspiro que você der, a cada movimento que você fizer, estarei observando você...”, cantou The Police.⁷³ O que impede essa afeição de se tornar serviçal ao ego? O amor bíblico e piedoso tem prazer no bem da outra pessoa, e esse bem é sempre Deus. O amor bíblico dedica-se, portanto, a ver Deus exaltado na vida de uma pessoa.

Ocasões diferentes exigem expressões de amor diferentes. Às vezes compartilhamos o evangelho. Às vezes fazemos justiça. Às vezes lavamos a louça ou pegamos as crianças na escola. Às vezes corrigimos e repreendemos. Às vezes até sacrificamos nossa vida. Mas o ponto é que esse amor é sempre dado com referência a Cristo. O alvo supremo do amor, falado ou praticado, é que pessoas conheçam a Deus em Cristo. Esta é a demanda do amor santo.

Assim como ocasiões diferentes exigem expressões diferentes, assim também nos damos a nós mesmos e nosso amor às pessoas em graus e maneiras diferentes. Para minha esposa e filhos, de uma maneira; para meus concidadãos, de outra maneira. Damos a nós mesmos mais completamente aos membros da família e, às vezes, a amigos íntimos. Damos *de* nós mesmos a pessoas mais distantes do centro de nossa vida.

Mas um cristão sempre se dá a si mesmo totalmente a Cristo. E isso significa, em cada caso, que o amor bíblico anseia ver Cristo exaltado na vida de outra pessoa, quer seja a esposa, quer seja a pessoa sentado ao nosso lado no avião. O verdadeiro amor sempre ama com referência a Deus.

A alegria de ser amado

Uma glória do amor é que descobrimos prazer em fazer ao próximo o bem com referência a Deus. Este é o fato ignorado pelos intérpretes de Lutero, como Kierkegaard, Nygren e Barth. É o que Agostinho, Aquino e Edwards entenderam melhor. O amor centrado em Deus envolve dar e receber alegria, ainda que o receber seja, às vezes, demorado, porque Deus tem mais alegria em dar.

Por exemplo, certa vez trabalhei como editor de uma revista. Foi por aquele tempo que comecei a crescer na fé em Cristo, de tal modo que meu amor cresceu pelos homens que faziam parte de meu grupo de estudo bíblico. Lembro-me de estar sentado no escritório, distraído do trabalho de edição porque queria enviar um e-mail para os homens do estudo bíblico. Encorajá-los. Verificar como estavam indo. Esse amor por aqueles irmãos teve um custo, do ponto de vista do meu trabalho para a revista. Mas também me deu um novo prazer – o prazer de ver estes irmãos crescerem na graça de Deus. Por fim, experiências como estas me levaram a deixar a revista e voltar-me para o ministério vocacional.

Sendo justo, a tradição agostiniana tem suas fraquezas também. Especificamente, ela pode subestimar o fato de que o amor de Deus, em sua trajetória de bumerangue, move-se para fora e encoraja as pessoas. A tradição descreve às vezes o gozo de Deus como uma visão beatífica em que apenas nos sentamos e contemplamos a Deus – “Como contemplar o Grand Canyon”, disse um pregador. A Bíblia inclui realmente a visão beatífica (“para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo” – Sl 27.4), porém inclui mais. Ela ilustra o vir à presença de Deus como uma festa de casamento, na qual compartilhamos do recebimento e da alegria do Noivo. Edwards comentou:

A criação do mundo parece ter acontecido especificamente para esta finalidade: que o eterno Filho de Deus possa obter uma esposa para quem exerça plenamente a infinita benevolência de sua natureza e possa, por assim dizer, abrir e derramar toda aquela imensa fonte de condescendência, amor e graça que estava em seu coração, para que desta maneira Deus seja glorificado.⁷⁴

A natureza encorajadora do amor de Deus é realmente preciosa.

Lembro-me de experimentar a alegria desse encorajamento após haver omitido a verdade para um colega de presbitério. Ele havia perguntado sobre minha vida de oração. Eu lhe disse que orava mais do que realmente orava. Logo depois disso, senti profunda vergonha por haver mentido, mas fiquei contente por corrigir o erro prontamente. Pela graça de Deus, tive dificuldade para dormir naquela noite e, na manhã seguinte, confessei minha mentira a Deus. Imediata e graciosamente, ele

me perdoou. Lágrimas vieram aos olhos por consequência do perdão de Deus. Apesar de meu pecado, fui encorajado – admirável, graciosa, e maravilhosamente encorajado. Não houve glória para mim nisso; de fato, houve o oposto – glória para Deus, que me perdoou.

Mas a verdade agostiniana está plenamente correta. O amor é inerentemente centrado em Deus. O amor se preocupa com o louvor e a glória de Deus. O amor é o gozar de Deus e gozá-lo onde quer que ele se manifeste. Por isso, raramente podemos orar tão bem como o apóstolo Paulo orou quando pediu ao Pai que desse aos cristãos efésios capacidade de “conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.19).

Lições para a Igreja

Que lições para a Igreja podemos ganhar deste capítulo? Várias lições concernentes à proeminência da missão da Igreja se destacam.⁷⁵ E, depois, um último comentário sobre pactos de igreja é digno de ser mencionado.

1. *Fazer discípulos tem de ser supremo na missão da Igreja.* Esta lição é uma inferência óbvia da definição de amor que oferecemos antes. Nosso desejo supremo para as pessoas é que conheçam a Deus ou que o conheçam melhor. Portanto, uma igreja amorosa se dedicará, centralmente, a fazer discípulos, por meio de evangelização, pregação e o discipulado de seus membros. A prioridade tem de ser refletida no orçamento, na descrição do trabalho do pastor e nas conversas dos membros durante a semana. Os pastores devem compartilhar o evangelho em seus sermões toda semana. Os membros devem evangelizar seus amigos não cristãos, à medida que as ocasiões permitirem. E os congregantes devem sempre procurar encorajar os outros membros em direção a maior santidade e maior amor.

O ensino aqui não é que devemos fazer o bem a nossos amigos e vizinhos com o propósito único de transformar toda conversa num encontro evangelístico, usando a conversa como uma isca. O ensino é apenas que nós os amamos melhor quando sabemos que o maior bem deles se achará tão somente no conhecimento de Deus. Portanto, todas as nossas palavras e obras estarão impregnadas com esta esperança.

Na história de *Cry, the Beloved Country* (Chora, o País Amado), Paton menciona aqueles que criticavam esta prioridade. Em face das disparidades econômicas e raciais da África do Sul, vezes sem nome menosprezam um pregador do evangelho:

Dizem que ele prega sobre um mundo não feito por mãos, enquanto nas ruas ao redor dele homens sofrem, lutam e morrem. Perguntam... que bobagem é esta que se apodera de tantas pessoas, fazendo com que o faminto se torne paciente, o sofredor esteja contente, e o moribundo, em paz? E como os tolos o ouvem, em silêncio, fascinados, suspirando quando ele termina, alimentando sua barriga vazia com suas palavras vazias.⁷⁶

Paton não responde francamente aos críticos, mas também não parece simpatizar com eles. Deve ser claro para nós: não pode haver paz e justiça à parte de Deus, cuja glória temos ofendido.

A obra de perdão do evangelho vem primeiro porque Deus é a medida de todas as coisas. O pecado contra os outros é “pecado” somente porque é pecado contra Deus (Sl 51.4). Pecado significa ficar aquém da glória e da lei de Deus, não sua, nem minha. Tratar nosso pecado contra Deus e nosso pecado contra os outros como equivalentes é fazer-nos – como disse um falso mestre – “como Deus” (Gn 3.5).

Principalmente, as pessoas têm de acertar seu relacionamento com Deus. Por causa do amor, esta prioridade tem de ser clara na mente de cada igreja. Lembre-se do desafio de Agostinho: “Portanto, aquele que ama corretamente seu próximo deve agir para com ele de tal modo que ele também ame a Deus com todo o seu coração, toda a sua alma e toda a sua mente”.⁷⁷

2. *Os cristãos devem ser um povo de compaixão e justiça.*⁷⁸ A Grande Comissão salienta o fazer discípulos, mas um discípulo, uma vez feito, viverá como um discípulo. Ele ou ela aprenderá a obedecer a tudo que Jesus ordenou, incluindo tudo que a Bíblia diz ao exortar-nos à compaixão e à prática da justiça.

A obra de perdoar do evangelho é suprema. Mas não podemos separar o pecado contra os outros do pecado contra Deus: “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso” (1Jo 4.20). Isso significa que os cristãos se preocupam necessariamente com a justiça. E não podemos separar nossa fé de uma vida de obediência: “Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou” (Tg 2.22). A fé e as obras são inseparáveis, assim como o amar a Deus e o amar as pessoas são inseparáveis. Uma igreja é, portanto, o lugar onde aprendemos a ser modelos de verdadeira justiça e compaixão para as nações. Essa justiça e essa compaixão devem caracterizar nossa vida juntos e, depois, transbordar para a esfera pública.

Pessoalmente, tenho a convicção de que os orçamentos da igreja e as descrições de cargos pastorais deveriam ser dedicados a *capacitar* os santos para realizar obras de compaixão e justiça, e não tanto para *realizar* tais projetos em nome dos santos. Você pode pensar na diferença entre faculdades de direito e advogados ou faculdades de medicina e médicos. A faculdade e o praticante têm trabalhos levemente diferentes a realizar, e ambos são necessários. O amor exige tanto o

equipar quanto o fazer.

Em face disto, os presbíteros devem ser homens cuja vida é modelo não somente de boas palavras, mas também de boas obras. O próprio apóstolo Paulo se mostrou ansioso para cuidar dos pobres (Gl 2.10). Ele exortou Timóteo a ter cuidado não somente de sua doutrina, mas também de sua vida (1Tm 4.16). Desafiou Tito a ser um exemplo de boas obras e ensinar os outros a fazerem o mesmo (Tt 2.7, 14; 3.8, 14). E listou “hospitaleiro” como uma das qualificações de um presbítero (1Tm 3.2).

3. *Os cristãos devem procurar manifestar a glória de Deus em suas vidas juntos e separados.* A missão da Igreja, no sentido mais amplo, é manifestar a imagem e a glória de Deus. Fazemos isto quando nos reunimos ao redor da Palavra. Fazemos isto também quando nos dispersamos durante a semana para compartilhar o evangelho, fazer o bem e ser bons. Se o amor centrado em Deus procura tanto encorajar aquilo que é de Deus quanto ver Deus exaltado na vida dos outros, os membros da igreja entenderão cada vez mais seu ajuntamento e sua separação como oportunidades para manifestar a glória de Deus. Serão conscientes de seu papel como sal e luz e, por isso, se esforçarão para serem diferentes. Amarão uns aos outros como Jesus os amou e, por isso, se esforçarão para perdoar uns aos outros e cuidar das necessidades uns dos outros (Jo 13:34-35).

4. *Pertencer a uma igreja é pertencer a um pacto.* Uma membresia pactual não é exatamente semelhante a uma aliança matrimonial. Afinal de contas, há diferentes tipos de aliança. Você nunca deve quebrar uma aliança matrimonial, mas os cristãos devem permanecer livres para se transferir de uma igreja para outra, contanto que não estejam em processo de disciplina eclesiástica.⁷⁹ Mas o que torna pactuals nossos relacionamentos numa igreja é o fato de que Cristo nos uniu a si mesmo por meio da nova aliança de seu sangue. E Jesus deixou instruções sobre como devemos viver local e publicamente esta nova aliança. Jesus prometeu estar presente onde dois ou três se reunirem em seu nome. Isso não significa que ele pairará como uma névoa mística quando três cristãos desfrutarem de um piquenique no parque. Significa que ele se identificará com nossas assembleias oficiais, assembleias que estão ligadas formalmente com um tipo de vínculo legal (o princípio de tribunal por trás da expressão “dois ou três”), por meio de nossa profissão compartilhada de seu nome (Mt 18.20). Em outras palavras, estou sugerindo que há uma base bíblica para o que chamamos às vezes de pactos de igreja.⁸⁰ Não há problema se você não o chama assim. O fato é este: Jesus quer que os cristãos tenham responsabilidade real pela profissão de fé e discipulado uns dos outros.

Os cristãos não podem cumprir as obrigações de amor e santidade de sua nova aliança com todos os cristãos em todos os lugares. Assim como poderíamos dizer: “Não me diga que você pertence ao exército se você nunca se apresentou para o serviço em algum lugar”, assim também eu diria: “Não me diga que você pertence à nova aliança se você nunca ‘vestiu’ a nova aliança com irmãos e irmãs reais em Cristo”. Praticamos, realizamos, ‘vestimos’ concretamente essas obrigações para com o povo de Cristo da nova aliança em igreja locais. A igreja local é o lugar onde podemos ter a oportunidade de dizer: “Esta é a minha família. Sou responsável por eles, e eles são responsáveis por mim. Quando um deles é envergonhado, eu sou envergonhado. Quando um deles é honrado, eu sou honrado” (ver 1Co 12.26). A igreja é também o lugar onde somos responsáveis por nossos votos pactuals de arrependimento e fé. Se não somos pactuados com uma igreja local, como sabemos que não estamos autoenganados a respeito de nossos compromissos?

Quando os cristãos afirmam a profissão de fé um do outro por meio do batismo e da Ceia do Senhor, tornam efetivamente visível a nova aliança: “Porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão” (1Co 10.17).

Conclusão

Como é o amor nessa sociedade distinta e pactual em que priorizamos cuidadosamente o fazer discípulos e amplamente o manifestar a glória de Deus? Pode se apresentar de muitas formas:

- Um pequeno grupo de homens solteiros visitando uma viúva idosa no lar de idosos na sexta-feira à noite.
- Um pequeno grupo de mulheres solteiras convidando uma esposa de presbítero para seu estudo, a fim de aprenderem dela.
- Um irmão mais novo na fé dizendo a um irmão mais velho: “Não me vejo capaz de ler a Bíblia. Posso ir à sua casa nas manhãs e participar de seu tempo devocional?” – fazendo isso por um ano e meio.
- Uma mulher branca, percebendo que abriga racismo em seu coração, confessando esse racismo a um homem afro-americano e sua esposa e buscando amizade e ajuda; e esse homem amando-a e ajudando-a.
- Um grupo de universitários ágio-americanos decidindo se unir, pela primeira vez na vida, a uma igreja não asiática.
- Chorar com um casal depois de seu quarto aborto espontâneo em sequência.
- Repreender um homem pela maneira como ele fala com sua esposa.
- Regozijar-se com um irmão quando ele recebe uma promoção no trabalho que o coloca adiante de você.
- Ter vizinhos no jantar repetidas vezes e ter conversas demoradas sobre o evangelho.

- Explicar o cristianismo para todo o alojamento estudantil ou para todo o time de futebol da faculdade.
- Orar e procurar trabalhar com outros numa missão evangélica de distribuição de refeições.
- Orar e procurar trabalhar com outros num centro de ajuda a mulheres em crise de gravidez.
- Liderar um grupo de leitura da igreja que escolhe livros relevantes para o contínuo diálogo nacional sobre racismo.
- Buscar maneiras de discipular membros tendo em vista a liderança.
- Contribuir anualmente com grandes quantias para o cuidado de outros membros que estão em necessidade.
- Procurar maneiras de ajudar a criar os filhos uns dos outros e de discipular os adolescentes uns dos outros.
- Pensar durante toda a semana: “Mal posso esperar para estar com toda a família no domingo”.
- Ter aquela conversa embaraçosa na qual você confessa seu pecado e pede ajuda para a sua luta.
- Refeições regulares, orações regulares, textos, e-mails, telefonemas e mensagens regulares de “passei apenas para...”.

Todos estes são exemplos de minha própria igreja. Mas, não se engane, é uma igreja cheia de pessoas que antes eram como Absalão e Gômer e todo tipo de pecador. Não somos uma assembleia de pessoas naturalmente justas. Somos uma assembleia de pessoas perdoadas.

Pela graça de Deus, porém, podemos ver cada vez mais a obra de Deus um no outro. E, cada vez mais, nos dedicamos a ver Cristo exaltado na vida uns dos outros. Estas são as tarefas de toda igreja.

Alan Paton, *Cry, the Beloved Country* (New York: Scribner, 1948), 89-91. Paton não utilizou aspas. Eu as inseri para tornar a leitura mais fácil.

Søren Kierkegaard, *Works of Love*, trans. Howard Hong and Edna Hong (New York: Torchbooks, 1962), 36, 49, 63, 77.

D. A. Carson, *Love in Hard Places* (Wheaton, IL: Crossway, 2002), 191.

John Piper, “Sex and the Supremacy of Christ: Part One”, em *Sex and the Supremacy of Christ*, ed. John Piper and Justin Taylor (Wheaton: IL: Crossway, 2005), 28, 30.

O texto se refere explicitamente ao primeiro filho como de Oseias (Os 1.3). Isso não se aplica ao segundo e ao terceiro filho (vv. 6, 8). Em seguida, Deus os descreve como “filhos de prostituição” (1.2; 2.4) e diz sobre o terceiro filho: “Põe-lhe o nome de Não-Meu-Povo, porque vós não sois meu povo, nem eu serei vosso Deus” (1.9). É como se Oseias olhasse para o recém-nascido e dissesse: “Este não é meu filho”.

Samuel Trevor Francis, “O the Deep, Deep Love of Jesus”, 1875.

Ver David Powlison, “God’s Love: Better Than Unconditional”, em *Seeing with New Eyes* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2003), 163-70.

Esta expressão procede de Karl Barth, *Church Dogmatics*, IV.1, *The Doctrine of Reconciliation*, ed. G. W. Bromiley and T. F. Torrance, trans. G. W. Bromiley (New York: T&T Clark, 2004), 23. Quanto a uma discussão mais ampla sobre este ponto, especialmente à luz da antiga conversa sobre as naturezas unilateral e bilateral das alianças de Deus, ver Jonathan Leeman, *Political Church: The Local Assembly as Embassy of Christ’s Rule* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2016), 252-54. Quanto a uma introdução à abordagem de Barth às alianças, ver Petrus J. Grabe, *New Covenant, New Community: The Significance of Biblical and Patristic Covenant Theology for Contemporary Understanding* (Waynesboro, GA: Paternoster), 194-95, 201-3.

Richard Bauckham faz esta conexão entre João 10 e 17. O que Jesus afirma sobre si mesmo e o Pai no capítulo 10, ele pede depois que o Pai nos dê, no capítulo 17 (Richard Bauckham, “The Holiness of Jesus and His Disciples in the Gospel of John”, em *Holiness and Ecclesiology in the New Testament*, ed. Kent E. Brower and Andy Johnson [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2007], 109; cf. A. J. Köstenberger, *The Missions of Jesus and the Disciples according to the Fourth Gospel* [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998], 186-97).

Sting, “Every Breath You Take”, track 7, on *Synchronicity*, The Police, A&M, 1983.

Jonathan Edwards, “The Church’s Marriage to Her Sons, and to Her God”, em *The Works of Jonathan Edwards*, vol. 25, *Sermons and Discourses 1743-1758*, ed. Wilson H. Kimnach (New Haven, CT: Yale University Press, 2006), 187.

Quanto a um resumo mais completo de minhas opiniões sobre a missão da Igreja, ver Jonathan Leeman, “Soteriological Mission”, em *Four Views of the Church’s Mission*, ed. Jason S. Sexton (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2017), 17-45.

Paton, *Cry, the Beloved Country*, 83-84.

Augustine, *On Christian Doctrine*, trans D. W. Robertson, Jr. (New York: Macmillan, 1958), 19 (1.22).

Quanto a um resumo mais completo de minhas opiniões sobre fazer justiça, ver Jonathan Leeman, “Justice: Not Just Rights, but Right”, em *How the Nations Rage: Rethinking Faith and Politics in a Divided Age* (Nashville: Nelson, 2018).

Sobre este ponto, ver Jonathan Leeman, “The Preemptive Resignation – A Get Out of Jail Free Card?”, 9Marks (website), February 25, 2010, <https://www.9marks.org/article/preemptive-resignation-get-out-jail-free-card/>.

Quanto à minha discussão sobre este ponto, ver Jonathan Leeman, *Understanding the Congregation’s Authority* (Nashville: B&H, 2016), 34-36. Quanto a uma consideração mais abrangente, ver Leeman, *Don’t Fire Your Church Members: The Case for Congregationalism* (Nashville: B&H Academic, 2016), 100-104. Ver também a proveitosa discussão de Patrick Schreiner sobre o significado da presença de Cristo, em *The Body of Jesus: A Spatial Analysis of the Kingdom in Matthew*, ed. Chris Keith (New York: Bloomsbury T&T Clark, 2016), 147-50.

Capítulo 6 | Amor e Julgamento

É uma caricatura, mas confirma os piores estereótipos do mundo sobre igrejas e líderes cristãos hipócritas. O romance *Enquanto Agonizo*, de William Faulkner, retrata acuradamente muitos ministros e cristãos professos que pervertem as boas novas do cristianismo.

Addie Bundren, esposa e mãe que vive no Mississippi rural, está morrendo. Seus filhos e seu marido se revezam em relatar suas experiências de ver a mãe expirando; cada um lidando de maneira diferente com sua perda compartilhada. Então, na metade da história, em três páginas curtas, Faulkner apresenta mais um personagem – o sepulcro caído Reverendo Whitfield. Nenhum pano de fundo é apresentado. Faulkner apenas coloca o leitor em um novo subenredo com as palavras do próprio reverendo:

Quando me disseram que ela estava morrendo, passei a noite toda lutando com Satanás e saí vitorioso. Despertei para a enormidade de meu pecado; vi finalmente a verdadeira luz; cai de joelhos, confessei a Deus, pedi orientação e a recebi. “Levanta-te”, Ele disse, “vai àquela casa em que semeaste uma mentira viva, entre aquelas pessoas perante as quais ofendeste minha Palavra. Confessa teu pecado em voz alta. São eles, em especial o marido enganado, que precisam perdoar você. Não eu”.⁸¹

O Reverendo Whitfield, de Faulkner, à semelhança do Reverendo Dimmesdale, de Hawthorne, uma vez teve um caso secreto com um membro de seu rebanho, Addie. Whitfield lembra que “na época ela jurara que nunca o revelaria”, mas compreende que a “eternidade é uma coisa terrível para se enfrentar”. Por isso, decide antecipar-se.

Viajando a cavalo até o lar da família Bundren, Whitfield ora: “Louvo-te, ó poderoso Senhor e Rei. Por meio disto, purificarei minha alma e serei novamente envolto em teu amor infindo”. Oh! Que verdadeiro cristão esse Whitfield! O homem pecou e agora busca paz com Deus e com seu próximo. Anseia uma vez mais pelo amor e o perdão do Senhor. Depois de orar silenciosamente, ele diz: “Eu sabia que seria perdoado... Era como se o perdão já estivesse consumado. Minha alma sentiu-se mais livre, mais tranquila do que se sentira em anos; eu parecia já estar gozando de paz duradoura enquanto cavalgava. Por todos os lados, eu via a mão de Deus; em meu coração, podia ouvir sua voz: ‘Coragem. Estou contigo’”.

Quão afortunado é o fato de que ele sente o perdão de Deus antes de chegar ao lar dos Bundren! Pois ela morre antes de ele chegar. A necessidade de uma confissão caótica passara; Deus “é misericordioso; ele aceitará a intenção como realização”.

Então, Whitfield entra no lar angustiado, reflete sobre a mulher falecida que agora enfrenta “o julgamento terrível e inevitável” por seu pecado e diz mecanicamente: “A graça de Deus seja sobre esta casa”. Addie pode estar no inferno, com seu pecado não confessado, mas Whitfield pode se regozijar por sua própria alma: “Louvo-te por teu abundante e onipotente amor. Sim, louvo-te”.

Depois da publicação de *Enquanto Agonizo*, perguntaram a Faulkner, numa entrevista, se Whitfield era um hipócrita. Ele respondeu: “Não, eu não diria que ela era um homem hipócrita. Ele teve que viver uma vida hipócrita. Ou seja, teve que viver em público a vida que as pessoas ignorantes e fanáticas do Sul isolado e rural exigiam de um homem de Deus, quando, na verdade, ele era apenas um homem como qualquer um deles”.⁸²

A caricatura expressa bem como o mundo vê o Cristianismo, a Igreja e nosso discurso de amor, justiça e perdão. E há mérito para a caricatura. Patifes como Whitfield, um pregador popular espalhafatoso de antes da era da televisão, ainda existem. Não é difícil pensar em líderes caídos, cristãos caídos ou igrejas divididas que confirmam este estereótipo.

O que é trágico, portanto, é que Whitfield não parece ser cristão. Ele é uma falsificação e, como todas as falsificações, torna-nos cínicos e nos endurece contra as coisas genuínas. A ironia que as pessoas ignoram geralmente é que as falsificações ocultam e, ao mesmo tempo, revelam algo. Há algo verdadeiro na religião do Reverendo Whitfield que é belo e glorioso, embora a caricatura de Faulkner o distorça ao ponto de não ser reconhecido: há um Deus todo-amoroso que exerce seu amor abundante no próprio ato de salvar alguns e não outros. Há um Deus todo-amoroso que manifesta seu amor gracioso no próprio ato de perdoar os piores dos hipócritas e adúlteros. E há um Deus todo-amoroso que atrai o louvor de um povo delimitado e separado quando pronuncia sua bênção sobre ele e o chama a pronunciar essa bênção em meio a outros: que as nações louvem o poderoso e generoso amor de Deus.

Mas quem criaria nisso quando hipócritas como Whitfield se tornam manchetes de noticiários?

A hipocrisia ou a heresia sempre recebe mais publicidade quando envolve um líder de igreja como Whitfield, mas as manchetes não são o nosso maior interesse. A nossa própria vida é o nosso principal interesse, bem como a vida dos membros comuns de igrejas. Para cada ato de hipocrisia que chega à imprensa, não existem milhares de exemplos em nossa própria vida, alguns maiores, outros menores? Nossos vizinhos, colegas e amigos não cristãos nos ouvem professar o nome de Cristo, com nossos lábios e com nossa filiação a uma igreja, mas nos observam e perguntam: “Se Jesus é tudo que você diz que ele é, por que sua vida se parece com a minha? O evangelho sobre o

qual você fala é realmente verdadeiro?” Mais do que os criadores de manchete, é a vida diária do crente que, em última análise, forma a percepção do mundo sobre Cristo e seu evangelho.

Que ele seja retirado

Paulo lida com este tipo de tragédia moral em 1Coríntios 5. Na igreja de Corinto, um homem estava dormindo com a esposa de seu pai (provavelmente uma madrasta). O apóstolo exclama: “Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios” (v. 1). Paulo tinha várias preocupações:

- Estava preocupado com o nome e a reputação de Cristo.
- Estava preocupado com a Igreja, seu testemunho, sua santidade.
- Estava preocupado com o homem, que estava autoenganado e vivendo em perigo de condenação.
- Estava preocupado com o amor santo – de Deus e da igreja.

É uma pena que o Reverendo Withfield não tivesse nenhuma dessas preocupações e que não tivesse um Paulo em sua vida ou igreja.

A solução de Paulo é imediata: seja “tirado do vosso meio” (v. 2). Paulo já havia proferido julgamento a respeito do homem (v. 3). Agora, ele quer que a igreja *não* apenas execute sua decisão, como um policial que cumpre a decisão do conselho da cidade. Paulo quer que a igreja o imite, envolvendo-se no mesmo ato de julgamento: “Não julgais vós os de dentro?” (v. 12).

Aparentemente, Paulo aprendeu de Jesus, que já havia instruído as igrejas a removerem membros que se recusassem a abandonar seu pecado (Mt 18.17).

O voo de retorno do bumerangue e os julgamentos de amor

Essas duas histórias nos levam ao tópico emocionalmente incômodo da relação entre julgamento e amor. Quantas vezes você já ouviu a afirmação “Não me julgue”? E Jesus não disse algo sobre não julgar (ver Mt 7.1)?

O ensino de Jesus era que não devemos presumir que somos o juiz final de alguém. Mas nossa vida diária consiste em um julgamento após outro: “Qual é uma boa maneira de usar meu dia?” “Devo gastar mais tempo com esta pessoa ou com aquela?” Jesus mesmo exige esse julgamento no parágrafo seguinte: “Não deis aos cães o que é santo” (Mt 7.6). O que é um cão? Na opinião de Paulo, o homem que dorme com a sua madrasta é um cão?

No capítulo anterior, pensamos sobre o trajeto de ida do bumerangue do amor – como ele inclui e envolve. Mas o bumerangue faz o trajeto de volta – exclui e deixa de fora algumas coisas. Em outras palavras, o amor inclui algumas coisas e exclui outras. Traça limites. Considera e avalia. Faz julgamentos.

O que é julgamento? Às vezes, usamos a palavra para significar punição. Mas esse é apenas um resultado possível do julgamento. Julgamento é o processo de avaliar, pesar ou medir se algo satisfaz a certo padrão. Você pode dizer: julgar é como usar uma régua. A régua me dá o padrão de cada centímetro, e posso medir o comprimento ou a largura das coisas de acordo com a régua. Isso é o que o julgamento faz: mede algo contrapondo com o padrão.

Pense na cena de Mary Poppins em que Mary pega a trena e mede as crianças Michael e Jane. Ela estica a trena para Michael e diz: “Como pensei, extremamente teimoso e desconfiado”. A irmã sorri, até ser medida como “Muito inclinada a dar risadas e não guarda as coisas”. Mary Poppins mede a si mesma como “Praticamente perfeita em todas as maneiras”.

Paulo ofereceu, igualmente, sua medida do homem que dormia com a madrasta e concluiu que ele deveria ser excluído da membresia da igreja. Não poderia mais ser afirmado como um cristão porque não se arrependia. Esse foi o *julgamento* de Paulo. Por outro lado, o Reverendo Whitfield julgou a si mesmo como perdoado e, portanto, livre da necessidade de confessar. Mas nós, leitores, o julgamos ou o avaliamos de outro modo. Era realmente um cão!

Não se engane: toda forma de amor, justo ou injusto, faz julgamentos. Amar algo é, por definição, colocar um valor nele, como já vimos. E isso é uma medida ou um julgamento. É uma avaliação ou estimativa concernente ao objeto amado. Até o amor contracondicional de Deus pelos pecadores depende do julgamento de Deus a respeito de Jesus – Jesus é avaliado como digno de uma noiva, independentemente da aparência dela no momento.

O amor de uma criança numa loja de doces depende apenas dessa avaliação, como o amor de mães, de muçulmanos, de cientistas, de ladrões ou do homem que comete suicídio. Amar é uma atividade de julgamento. É inerentemente discriminatório. Sempre inclui e exclui ao mesmo tempo. Faz uma distinção entre aquilo que é amado e aquilo que não é. “Eu amo esta mulher, não aquela. “Pegarei chocolate e não baunilha.” “Escolho a morte, em lugar da vida.” Você não pode amar e não julgar.

Em um sentido, nunca é verdadeiro dizer que alguém não ama. O que estamos realmente dizendo é que a pessoa ama a coisa errada. Estamos discordando do julgamento dessa pessoa sobre o que amar, porque todos amam alguma coisa.

Se você já leu a famosa obra *Cidade de Deus*, de Agostinho, pode lembrar que ele retrata o mundo inteiro como pertencente à cidade de Deus ou à cidade do homem. Os habitantes de uma destas

cidades amam mais a Deus, e os da outra amam mais a si mesmos. Governando estas duas cidades, poderíamos dizer, estão dois juízes diferentes: Deus e o Ego. E cada juiz tem seu próprio sistema de valores, medidas e padrões que proferem vereditos, como: “Isto é precioso, aquilo não é”, “Isto é justo, aquilo não é”, “Isto é amável, aquilo não é”.

Por que o amor e o julgamento de Deus nos ofendem

Não surpreendentemente, pessoas têm um relacionamento complicado com o amor e o julgamento de Deus. Amamos os julgamentos de Deus quando ele inclui o que incluímos, mas os odiamos quando não fazem isso. De modo semelhante, amamos os julgamentos de Deus quando ele exclui o que excluimos, mas ficamos ofendidos quando não fazem isso. Todos nós incluímos coisas e excluimos outras, porque todos nós amamos.

Experimentei um pouco dessas inclusões e exclusões incompatíveis por parte de dois ou três de meus críticos. Durante alguns anos, um número de indivíduos que cheguei a reconhecer por nome me criticou nas mídias sociais por recomendar as práticas de membresia e disciplina eclesiástica. Eles acreditam que membresia e disciplina eclesiástica são uniformemente abusivas. Por isso, escrevi um artigo encorajando as igrejas a removerem pastores que abusam dos membros. Quando esse artigo chegou à web, meus críticos se viram repentinamente concordando comigo. E sobre um assunto de disciplina! Isto foi, aparentemente, desconcertante para eles. Um deles postou: “Alegro-me em ver Leeman e o ministério 9 Marcas no barco conosco!” (paráfrase minha), mesmo este sendo o tipo de coisa que estou dizendo o tempo todo. Dois outros críticos decidiram que eu devia ter segundas intenções para apoiar o julgamento correto deles, assim, me denunciaram como um hipócrita.

O ponto é este: quando os julgamentos dos outros sobre o que incluir ou excluir se harmonizam com os nossos, nós os chamamos sábios, justos e amorosos (a menos que não confiemos neles e os chamemos hipócritas). Quando os julgamentos deles não se harmonizam com os nossos, nós os chamamos insensatos e desamorosos. É um padrão terrivelmente presunçoso.

Como, então, você pensa que a raça humana caída reage à centralidade do amor de Deus em Deus, especialmente quando ele revela uma série de julgamentos em harmonia com a centralidade de Deus em seu amor? Não muito bem.

No amor de Deus por Deus, seu amor anseia por beleza excelente, retidão moral inigualável, poder criador do universo, perfeita medida de justiça, sabedoria onisciente – tudo incorporado em perfeito equilíbrio e proporção. Os julgamentos de Deus avaliam e declaram de acordo com isso.

Irrracionalmente, preferimos que Deus ame mais as coisas que têm menos valor e importância. Ou seja, queremos que ele ame mais a nossa própria glória ou os deuses que adoramos. O fato de que ele não os ama nos ofende. Por isso, nós o chamamos de intolerante, parcial, injusto e até perverso. Dizemos coisas como as seguintes:

- “Deus, você não pode enviar pessoas para o inferno. Isso não é justo.”
- “Deus, elas são pessoas boas. Como você deixa coisas ruins acontecerem com elas?”
- “Deus, eu orei por um marido, mas você não me deu um marido. Não posso confiar em você.”

Presumimos que nossos julgamentos devem estar certos e os de Deus, errados. Por isso, ficamos ofendidos.

Assim como o amor e os julgamentos de Deus nos ofendem, assim também o seu evangelho nos ofende. Afinal de contas, o evangelho de justificação somente pela fé, somente pela graça, não nos deixa nada de que nos orgulharmos. Glória a Deus e não a nós? Não, obrigado.

A Igreja de Deus nos ofende também. Por quê? Uma igreja consiste em pessoas que se renderam a este Deus ofensivamente autoglorificador. Estes traidores apoiam o regime dele. E quanto ao nosso jeito e à nossa glória?

As práticas de membresia e disciplina eclesiástica nos ofendem porque são atos de julgamento antecipatórios, que prefiguram o julgamento final de Deus. “Ele acha que pode me excluir?” Impor limites de membresia é uma tentativa (ainda que imperfeita) de delimitar as duas cidades ou domínios – uma com Deus no centro e a outra conosco no centro. Não há espaço intermediário entre estes dois domínios. Ver os limites da membresia lembra, portanto, à humanidade caída o que as igrejas representam – território conquistado em *nosso* país. “Estas pessoas são ocupantes!”

Em última análise, o amor de Deus, o evangelho de Deus e a Igreja de Deus nos ofendem porque somos *ladrões de glória*, tomando emprestada a expressão de Paul David Tripp. Ele ilustra seu argumento com uma história simples de um menino que estava numa festa de aniversário de uma menina de cinco anos. O menino olha para sua pequena sacola de brindes da festa e, depois, para a montanha de presentes da menina. Incomodado pela comparação, ele cruza os braços, projeta o lábio inferior para fora e pronuncia um audível *hunf!* Uma das mães que estavam na festa se inclina, puxa o rosto dele para perto do seu e diz algo profundo: “Johnny, não é a sua festa!”⁸³

O que é verdadeiro a respeito de crianças de cinco anos é também verdadeiro a respeito de todos nós: tratamos a vida como se fosse a *nossa* festa. Queremos que a montanha de presentes e os elogios nos pertençam e não a outra pessoa. Nem mesmo a Deus. Nossa vida é gasta em trabalhar para este objetivo egoísta.

Mas, como vimos no capítulo anterior, render-se ao amor de Deus por Deus – submeter-se à glória dele – significa ser incorporado nele, ter parte nele e desfrutar da mais bela das belezas, para sempre.

O julgamento de Deus dá sentido ao universo

As pessoas reconhecem corretamente que o julgamento de Deus na Bíblia leva, em um sentido, a más notícias. Seu julgamento declara que todos pecamos e que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). O que ignoramos, porém, é que a Bíblia apresenta o julgamento de Deus como boas notícias, antes de apresentá-lo como más notícias. Como pode ser isso?

Julgar, como disse, é medir. Exclua o julgamento e você consigna eficazmente a vida à falta de valor. John Lennon imaginou um mundo sem céu e sem inferno. Ele deve ter lido Eclesiastes. Colocado “debaixo do sol”, descreve o mundo de Lennon. O que o poeta inspirado descobriu, porém, é que remover a eterna fita métrica do julgamento de Deus torna a vida numa bola de lixo niilista de insignificância total porque nenhum dos julgamentos que encontramos debaixo do sol faz sentido. O sábio morre assim como o insensato (2.16). Os tribunais proferem vereditos injustos, assim como as ruas (3.16). Os justos recebem o que convém aos perversos, e os perversos, o que convém aos justos. (8.14). Pessoas boas perdem eleições, enquanto pessoas vergonhosas vencem (10.7). E um dia honesto de trabalho pode matar alguém (10.9). Seja bem-vindo a um mundo que dá pouca importância para céu ou inferno.

Bem poucas das medidas ou dos julgamentos deste mundo terminam como deveriam: “Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso” (9.11).

Ta-Nehisi Coates, refletindo sobre os males da Segunda Guerra Mundial, comenta que geralmente se espera que a história cubra um preço das injustiças e males praticados. Mas frequentemente nenhum preço é cobrado daqueles que cometem grandes males. A história apenas prossegue. Não há nenhuma justiça e retidão. “De fato, muito de nossa história é a história de coisas que não se resolvem”.⁸⁴

Se estivéssemos falando sobre a vida debaixo do sol, o autor de Eclesiastes concordaria com Ta-Nehisi Coates. Muito frequentemente a vida aqui nos deixa apenas com “porquês”. Por que Deus deu a esta boa mulher um marido grosseiro? Por que este homem bondoso é oprimido? Por que esta criança inocente tem de sofrer? Por que estas pessoas piedosas são perseguidas? Por que este trabalho árduo não é reconhecido? Por que este homem que deseja se casar tem de ficar sozinho?

Não faz sentido. A vida não deveria ser assim. Tudo parece tão fútil, vão, sem sentido. E isso leva a desespero e tristeza, diz o autor de Eclesiastes (2.17-20).

A salvação de toda esta futilidade, falta de significado e desespero aparece nos dois últimos versículos de Eclesiastes e vem na forma de julgamento de Deus. O autor olha para trás, para os doze capítulos de julgamentos frustrados, e, depois, pronuncia isto: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (12.13-14). Como isso pode ser uma boa notícia? Porque podemos ter certeza de que, um dia, o julgamento de Deus corrigirá as medidas invertidas e incorretas deste mundo. Essas são as boas notícias que vêm antes das más notícias.

O dia de julgamento é aquele dia glorioso em que toda a história fará sentido repentinamente e conheceremos a verdadeira medida de tudo examinado à luz do padrão da glória de Deus. Deus usará sua fita métrica, sua régua, sua escala, e as coisas serão medidas corretamente. Veremos, pela primeira vez, o verdadeiro tamanho e forma de justiça e retidão, bem como o verdadeiro tamanho e forma de nós mesmos e de todos que impactaram nossa vida. Veremos o que Deus está fazendo ao dar a esta boa mulher um homem grosseiro; por que ele deixa que este homem bondoso seja oprimido; por que deixa que esta criança sofra; o que ele realizou ao deixar que pessoas piedosas fossem perseguidas.

Seguiremos, página por página, os livros de História conforme registrados sob a perspectiva dos céus; e os julgamentos e medidas de Deus serão lidos em referência a cada ação, com todas as coisas escondidas, boas ou más. Nossa vida inteira, cada momento, será reinterpretada. Deus medirá todas as obras, e compreenderemos, por fim, seu significado eterno de acordo com os perfeitos padrões de justiça dele.

Sem o julgamento final de Deus, este universo não faz sentido. Tudo é sem valor. Nada é precioso, valioso ou digno. Pergunte ao niilista.

O julgamento de Deus é o que dá significado, valor e dignidade à vida. Torna as coisas preciosas e dignas de amor. Sim, más notícias seguirão as boas notícias do julgamento de Deus, a saber, que também permanecemos condenados (à parte da graça). Mas a solução não é desprezar o julgamento de Deus. Desprezar seu julgamento é ser o aluno de matemática que fica com raiva quando resolve um problema de maneira errada, como se a matemática fosse injusta. Sua raiva opera contra a própria estrutura do universo. Sua raiva é inútil!

O inferno e a glória de Deus

Até mesmo o inferno, a pior de todas as punições infligidas pelo julgamento de Deus, nos mostra a glória do amor de Deus e a maravilha da vida. Em todo o nosso pensamento sobre o amor, o julgamento e a glória de Deus, o inferno é semelhante à fundação por baixo de um edifício. Coloque fundações rasas, e seu prédio não se erguerá muito alto.⁸⁵

A glória de Deus é importante? Sua presença, inimaginável? Seu amor, além da compreensão? O horror inimaginável do inferno fornece uma medida inversa de tudo isso, como as pilhas de cimento e aço afundadas sob o Burj Khalifa, o edifício mais alto do mundo, construído nas areias de Dubai. O teólogo medieval Anselmo disse certa vez que um pecado contra o Deus infinito exige uma punição infinita. Isso pode parecer muito matemático para alguns, mas os pensamentos de Anselmo estavam corretos. Se Deus é um ser glorioso, então uma ofensa contra ele é algo tremendo, e a magnitude da punição demonstra isso. Derramamento de sangue exige derramamento de sangue, diz o proporcionalmente exato autor de Gênesis (9.6). Por quê? Porque afirma o *valor* da vítima.

A ira revela o valor. Por exemplo, meus irmãos e eu descobrimos, quando ainda éramos crianças, que mentir para os pais causa uma penalidade maior do que brigar por um brinquedo. Por quê? A verdade vale mais do que dez brinquedos. Quanto mais preciosa é a realidade, tanto mais terríveis são as consequências. Todo proprietário de joalheria lhe dirá isso. De fato, até a ira mal utilizada revela o que o coração realmente valoriza.

Por que as Escrituras oferecem imagens tão sérias do inferno – vermes que não morrem e fogo inextinguível? Porque o pecado cauteriza nossos sentidos, reduz nossos horizontes e nos anestesia para a angústia da realidade. A doutrina do inferno nos desperta para um universo muito maior e magnífico, como sair de um mundo desenhado num papel para o mundo real. A vida é mais preciosa, os riscos são mais elevados, e o amor e a glória de Deus são maiores do que você jamais imaginou.

Deus encarrega as igrejas de declararem seus julgamentos

Todos os julgamentos de Deus são bons e corretos. Nossos egos caídos não reconhecem o bem porque nossos amores caídos exigem julgamentos diferentes.

É como se a humanidade, contratada como um gerente de loja, entrasse na loja de Deus – chamada criação, e mudasse todas as etiquetas de preço, fixando em cada item uma etiqueta de preço fora de harmonia com o valor e o preço atribuídos por Deus na grande abertura da loja. O barato se torna caro, e o caro se torna barato. Lembra-se dos julgamentos invertidos de Eclesiastes?

Por isso, Deus enviou seus apóstolos e profetas para caminharem pela loja da criação, com a caneta em mãos, e registrarem em seu pequeno livro o preço original e verdadeiro das coisas. Quanto custa realmente o sexo fora do casamento? E negligenciar meus filhos por causa de minha carreira? Ou cuidar de meus pais idosos? Ou socorrer os oprimidos? Verifique o Livro. A loucura de Deus, o livro diz, é mais sábia do que a sabedoria dos homens. E a fraqueza de Deus é mais forte do que a força dos homens.

A Escritura está cheia de etiquetas de preço corrigido. A pessoa que não tem o Espírito gastará toda a sua vida para comprar este mundo. Mas as Escrituras nos advertem que um homem não tem proveito algum em ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma. A mulher caída gasta seus dias inquietando-se e perguntando: “O que comeremos?”, ou: “O que beberemos?”, ou: “O que vestiremos?” Mas a Escritura a ensina a buscar em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça. A pessoa caída busca o louvor dos homens; a Escritura diz que devemos buscar a recompensa que vem do Pai celestial. O mundo valoriza riqueza mundana; o Livro, a pobreza de espírito. O mundo, o sorrir; o Livro, o chorar. O mundo, a justiça própria; o Livro, a humildade.

Por isso Jesus deu esta tarefa às igrejas: “Abram o Livro. Declarem o verdadeiro valor das coisas – meus julgamentos. E conformem seus julgamentos individuais e coletivos aos meus”.

Uma igreja é quase como uma loja de curiosidades na cidade, cuja vitrine exibe itens exóticos com etiquetas de preço que desafiam a explicação imediata. Se você já viu muitos filmes, pode imaginar uma brecha se abrindo no continuum espaço-tempo enquanto uma cidade dorme, e essa loja sendo rapidamente colocada no lugar. As pessoas acordam, caminham para o trabalho como nos outros dias e, casualmente, olham por sobre os ombros, e – O que é aquilo? Uma nova loja? Na vitrine da loja, eles veem os julgamentos de Deus. Alguns entrarão. Outros lançarão pedras.

O trabalho de uma igreja é, em resumo, declarar os julgamentos do céu e conformar a vida de seus membros a esses julgamentos. As igrejas são apresentadoras dos julgamentos celestiais. Aonde, na terra, vamos para ouvir e ver os julgamentos de Deus? Vamos a uma igreja fiel, que prega o evangelho. É um lugar e são pessoas que, sem dúvida, provocarão a oposição do mundo. As pessoas do mundo também amam as falsas etiquetas de preços. Querem vestir o que todo mundo está vestindo, fazer o que todo mundo está fazendo. Poucos, porém, compreenderão que estão diante do começo da eternidade.

Como exatamente uma igreja declara e vivencia os julgamentos de Deus?

A pregação da igreja declara os julgamentos de Deus. Diz que toda a humanidade está sob a ira de um Deus santo e, depois, mostra o caminho do perdão – as boas notícias que seguem as más notícias que seguem as boas notícias. Para aqueles que tomam esse caminho, a pregação de uma igreja

mapeia as veredas de sabedoria e justiça.

As orações de louvor, a confissão e as ações de graça de uma igreja significam, também, sua concordância com os julgamentos de Deus. Reconhecemos quem ele é, o que nós somos e o que ele nos tem dado por meio de Cristo. Até nossas orações de intercessão, quando em harmonia com a Palavra e o Espírito de Deus, demonstram que nossos anseios estão conformados aos julgamentos de Deus.

O canto da igreja, também, é aquele ato de repetir os julgamentos de Deus de volta para ele e uns para os outros, numa forma melódica e envolvente de emoções.

As duas ordenanças da Igreja, o batismo e a Ceia do Senhor, apresentam julgamentos preliminares concernentes a quem pertence ao reino de Cristo e quem não pertence. Definem os limites da membresia. Tornam visível a igreja invisível, mostrando quem representa Jesus e quem não. E, ao mesmo tempo, declaram quem permanece sob o julgamento de Deus. Isso foi o que Paulo fez quando instruiu os cristãos de Corinto a entregarem a Satanás o homem que dormia com sua madrasta e nem mesmo comerem “com esse tal” (1Co 5.5, 11). O homem tinha de ser excomungado ou excluído da comunhão.

Finalmente, “vestimos” os julgamentos de Deus em nossa vida durante a semana, tanto em momentos juntos quanto separados. Nossa comunhão e extensões dela devem manifestar nossa concordância com os julgamentos de Deus, à medida que *incluímos* justiça e *excluimos* injustiça. Todo membro deve viver como uma manifestação antecipatória dos julgamentos de Deus.

Isso é o que, em última análise, chamamos a adoração de uma igreja. Como outros já disseram, a adoração de uma igreja é sua concordância com os julgamentos de Deus. Adoramos quando pronunciamos em palavra ou em obras, quer comendo, quer bebendo, quer cantando, quer orando: “Tu, Senhor, és digno, precioso e valioso. Os ídolos não o são”.

Falando com clareza, os pronunciamentos da igreja organizada são diferentes dos pronunciamentos de membros de igreja individuais no lar, nos domingos à noite ou durante a semana. Tanto a igreja quanto o membro individual podem dizer: “Isto é o evangelho”, e podem usar as mesmas palavras. A diferença é que a igreja fala em nome de todos os membros e, por isso, constrange todos eles, como um juiz que profere um veredito que constrange o acusado. Em outras palavras, os pronunciamentos da igreja representam *a concordância sancionada* que todos os membros afirmam conjuntamente quando se unem à igreja. Sua versão do evangelho é a versão “oficial”, pelo menos para os membros daquela igreja. É a concordância de “dois ou três” reunidos em nome de Jesus. Frequentemente, podemos achar essa concordância escrita como uma declaração de fé ou pacto de igreja. Retornaremos a esta ideia no capítulo seguinte.

Ofuscando as linhas e obscurecendo os julgamentos de Deus

Infelizmente, muitas igrejas de nossos dias não compreendem seu papel como o lugar, na terra, onde os julgamentos de Deus são declarados e vivenciados de forma preliminar. Elas ofuscam a separação entre a igreja e o mundo, em nome do amor. Teorizam sobre igrejas “centradas no conjunto de pessoas” ou “pertencer antes de crer” e argumentam que membresia de igreja é contrária ao ensino da Bíblia. Enquanto isso, raramente confrontam o pecado, se o confrontam. Igualmente, recusam-se a dizer quem pertence ao templo santo do Senhor e quem não. Paulo disse aos coríntios: “Retirai-vos do meio deles”, porque “somos santuário do Deus vivente” (2Co 6.16-17). Estas igrejas parecem ignorar o poder evangelístico e discipulador de tornar esse santuário concretamente visível por designar um povo como “os santos”, “os discípulos”, “os perdoados”.

O alvo dessas igrejas equivocadas é abaixar as barreiras, certamente um impulso que têm apoio bíblico (1Co 9). Mas elas removem as pedras de tropeço que não deveriam ser removidas, por obscurecerem o julgamento de Deus. “Quem pode dizer: você está dentro, você está fora? Não se preocupe com isso. Não é importante.” É quase como se elas não *quisessem* que as pessoas pensassem no julgamento final. Ou acham que as pessoas devem mais provavelmente abraçar um evangelho que é totalmente *inclusão* e nenhuma *exclusão*. Sem dúvida isso é um falso evangelho. As boas notícias sem as más notícias antes delas não são, afinal de contas, boas.

Se há realmente um abismo grande e final, que ninguém pode atravessar, entre o homem rico e o pobre Lázaro que jazia às portas daquele, por que não prefigurarmos essa divisão agora, por identificarmos a Igreja na terra (ver Lc 16.19-31)? Por que fingimos que o abismo não existe, por deixarmos as pessoas vaguearem casualmente para dentro e para fora, sem serem nomeadas, sem serem contadas e (por fim) sem serem amadas?

Sem dúvida as igrejas cometem erros sobre quem deveria estar “dentro” e quem deveria estar “fora”. Considere o Reverendo Withfield! Mas, até nesses casos, as categorias de “dentro” e “fora” do reino de Deus são reais. E até as nossas práticas imperfeitas enfatizam essa lição.

Abandonar as práticas de membresia e disciplina eclesiástica menospreza o poder evangelístico da exclusão, bem como ignora o padrão bíblico (e.g., Mt 18.15-17; 1Co 5). No entanto, Paulo não via nenhum conflito entre caracterizar os coríntios como “embaixadores da reconciliação” e, ao mesmo tempo, chamá-los a ser um povo separado (ver 2Co 5.20; 6.17). O poder evangelístico da exclusão é o poder de sal e luz. É o poder de distinção. As pessoas veem algo diferente que não têm e querem esse algo. Quão bom é o sal que perdeu a sua salinidade ou quão boa é uma luz escondida debaixo

de uma tigela?

Certamente o poder evangelístico da exclusão não é eficaz para os ricos, felizes e satisfeitos – aqueles que amam as trevas. É eficaz para os pobres de espírito, os mansos e os que têm fome e sede de justiça. É eficaz para aqueles que começaram a descobrir, como o autor de Eclesiastes, a futilidade do julgamento humano. Ora, eles querem algo diferente, distinto, poderoso e transformador. O que é aquilo que eu vejo na vitrine da loja?

Como os julgamentos da igreja revelam o amor de Deus

O amor sempre depende de um julgamento, e nossos julgamentos revelam nossos amores. Sendo assim, os julgamentos de uma igreja, se estiverem em harmonia com os julgamentos de Deus, revelam o amor de Deus.

As decisões de uma igreja sobre o que pregar, ensinar, cantar e orar revelam o amor de Deus. Isso também é verdadeiro no que diz respeito a suas decisões sobre quem contratar e como gastar seu dinheiro. É verdadeiro também em relação às suas decisões sobre quem batizar e quem excluir da Ceia do Senhor como um ato de disciplina. Todos estes são atos de julgamento e, portanto, dizem algo a respeito do amor de Deus. A única questão é se estas decisões estão em harmonia com os julgamentos de Deus revelados em sua Palavra. Se não, elas estão ensinando sobre o amor de outra pessoa.

Os julgamentos de Deus são frequentemente inesperados. Jesus veio para os doentes, não para os sãos; para os últimos, não para os primeiros. Pedro falou sobre sofrer por causa da justiça. O autor de Hebreus disse que vivemos pela fé em coisas invisíveis e aguardamos uma cidade cujo arquiteto e edificador é Deus. Acima de tudo, a Bíblia ensina que Deus nos justifica por nossa fé, não por nossas obras. Isso é a última coisa que nosso coração arrogante e cheio de justiça própria espera.

Membresia

Considere as decisões de uma igreja referentes à membresia. A membresia de igreja, no sentido restrito, é a *afirmação* e a *supervisão* que uma igreja dá à confissão de fé de um crente. Isso é o que fazemos quando batizamos alguém “em nome” de Cristo ou quando “participamos do único pão” e nos declaramos “um só corpo” (Mt 28.19; 1Co 10.17). Dizemos às nações observadoras: “Como igreja, afirmamos que José pertence a Jesus e é um membro do corpo de Cristo”. Estamos declarando local e visivelmente – no tempo e no espaço – o que cremos ser verdadeiro universal e invisivelmente. É uma afirmação coletiva do amor de Deus.

As vezes estes julgamentos parecem inesperados. Abraçamos aqueles que não são sábios de acordo os padrões mundanos, nem poderosos, nem de nascimento nobre. Afinal de contas, sabemos que Deus escolheu aquilo que é loucura no mundo para envergonhar o que é sábio, o fraco para envergonhar o forte, para que ninguém se glorie na presença de Deus (1Co 1.26-29). Também recebemos aqueles que antes praticavam imoralidade sexual, idolatria, adultério, homossexualidade, roubo, avareza, embriaguez, injúrias e trapagens, mas agora se arrependeram destes pecados.

Pense atentamente, por exemplo, sobre o que uma igreja está fazendo quando inclui na sua membresia um trapaceiro arrependido, enquanto exclui um homem de negócios que ganha a vida mentindo para as pessoas. Está estabelecendo uma distinção entre o amor de Deus e o amor do mundo. Está dizendo: “Deus ama a honestidade, o negócio justo e a humildade; ele odeia a desonestidade, a exploração das necessidades das pessoas e o orgulho”. O julgamento de membresia dessa igreja define o amor de Deus para o mundo.

Em certa ocasião, um criminoso sexual procurou se tornar membro de nossa igreja. Ele foi totalmente sincero quanto ao seu passado. Entretanto, a natureza específica de seu crime deixou várias pessoas compreensivelmente preocupadas. Por um lado, queríamos proteger os vulneráveis entre nós. Por outro lado, queríamos proclamar que Jesus perdoará e amará até pessoas que têm feito o que esse homem fez. A igreja decidiu admitir este homem à sua membresia, sob a condição de que se submetesse a algumas estruturas às quais prestaria contas. Ele concordou alegremente. Nessa situação, a igreja proferiu um julgamento que procurou mostrar amor tanto a um pecador arrependido quanto aos vulneráveis. Nisso, eu espero, revelamos algo mais sobre o amor de Deus.

Disciplina

A disciplina eclesiástica também revela e define o amor de Deus. O autor de Hebreus lembrou a seus leitores que o Senhor disciplina os que ele ama. A disciplina de Deus mostra que somos verdadeiros filhos e filhas, disse o autor de Hebreus.

Como a disciplina mostra amor? A disciplina, ministrada diretamente por Deus ou por uma igreja, define uma separação entre o santo e o impuro, assim como as suas decisões sobre membresia, mas ela faz isso corrigindo o pecado. Ela diz: “Essa coisa que você está sendo levado a considerar tão preciosa e valiosa não é. Na verdade, não tem vida nenhuma em si”. A disciplina faz distinção entre o precioso e o inútil, a vida e a morte, o amor e o ódio.

Lembro-me de uma irmã de nossa igreja que, certa vez, mostrou áreas específicas de egoísmo em minha vida. Isso foi um ato de disciplina amorosa. Ela estabeleceu uma distinção entre o santo

(altruísmo) e o impuro (egoísmo) que se mostrava visivelmente em mim.

Ou penso numa ocasião em que nossa igreja excluiu da membresia um homem que deixara a esposa e filhos por causa de outra mulher. Por vários meses, buscamos seu arrependimento, mas ele nunca voltou atrás. Por isso, estabelecemos uma distinção entre ele e a Igreja, o santuário de Deus, por removê-lo da membresia. Entendemos que isso é o que Jesus nos ordena a fazer em Mateus 18.15-17, como Paulo também ordena em 1 Coríntios 5. Não podíamos mais ter confiança de que aquele homem pertencia a esse santuário, porque sua vida sugeria que ele valorizava seus amores mais do que os de Deus. Não presumimos ter a visão de raio X do Espírito Santo. Não podíamos ver a alma daquele homem e dizer com certeza que não era um cristão. Sabíamos apenas que nós, como Igreja, não podíamos mais afirmar, coletivamente e com alguma integridade, a profissão de fé daquele homem. Por isso, removemos essa afirmação, em vez de continuar a dizer algo em que não mais acreditávamos.

O autor de Hebreus também diz que Deus nos disciplina “para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade”. E prossegue: “Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hb 12.10-11). O salmista também observa:

Bem-aventurado o homem, SENHOR, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei (Sl 94.12).

Você quer o fruto de paz, justiça e felicidade para si mesmo e sua igreja? Se não, nunca se importe com disciplina.

Lembro-me da primeira vez que peguei um aparador para podar uma roseira no meu jardim da frente. Não me senti bem. Fiquei preocupado. “Devo realmente cortar estes galhos? Isso não prejudicará a planta?” Mas segui em frente e podei – com fé. Um ano depois – vejam só! – a roseira transbordava de flores.

Em resumo, disciplinamos por causa de amor, santidade, saúde e crescimento. A membresia de uma igreja e seus julgamentos disciplinantes definem o amor para o mundo. Definem o amor para os indivíduos de dentro da igreja e para os de fora. São como uma impressora de etiquetas, fixam etiquetas para a cidade de Deus e a cidade do homem, as duas cidades que simbolizam o amor de Deus e o amor do ego.

Como um dedo estendido, estes julgamentos dizem: “Amem dessa maneira!” para que todos olhem e vejam o próprio Amor.

Evangelização e boas obras

A maneira pela qual uma igreja resolve dedicar-se à evangelização e às boas obras fala muito sobre o julgamento e o amor de Deus. Os membros compartilham o evangelho? Chamam as pessoas ao arrependimento? Advertem quanto aos julgamentos vindouros de Deus? Que tipo de ênfase os líderes colocam na evangelização? E que papel a evangelização cumpre na vida deles?

Por um lado, suponha que os líderes de uma igreja raramente falem sobre os julgamentos de Deus e raramente sejam exemplos de evangelização para a igreja. Os membros dessa igreja, por sua vez, compartilharão escassamente o evangelho com membros da família, amigos e vizinhos. Claramente, essa igreja estará dizendo algo (falso) sobre a natureza dos julgamentos e do amor de Deus. Por outro lado, suponha que frequentemente os pastores apresentem pedidos de oração evangelísticos, encorajem os membros a compartilhar o evangelho, compartilhem o evangelho na presença dos membros, falem sobre o julgamento vindouro de Deus. Essa igreja estará claramente comunicando algo muito diferente sobre o amor de Deus.

De modo semelhante, a maneira pela qual uma igreja ensina e ora sobre a evangelização, busca ser boa e fazer o bem fora da igreja contribuirá para definir o amor de Deus ao mundo. O pastor ora nos domingos em favor de pessoas machucadas cujas histórias estavam nas notícias do boletim semanal? Os pastores oferecem “tempo na plataforma” a membros que desejam falar sobre oportunidades específicas de serviço e pedir oração? Os membros buscam maneiras de servir, mostrar cuidado e contribuir quando ninguém está olhando? A presença ou a ausência de atividades como essas dirá, em alguma medida, se Deus é um Deus de compaixão e justiça. Ele se importa com os oprimidos, os aflitos, os discriminados?

Comunhão

Por fim, considere como os julgamentos menores e cotidianos dos membros de uma igreja devem revelar e definir o amor de Deus para o mundo. O membro Jim, que é branco, fala de forma insensível sobre uma questão racial para o membro Jeremy, que é negro. Nesse momento, Jeremy deve fazer alguns julgamentos: “Devo dizer algo a Jim; se devo, o quê?” Se Jeremy falar realmente, Jim também deve fazer um julgamento: “Como responderei a alguém cuja experiência é diferente da minha?”

Os presbíteros indicam Douglas para o ofício de presbítero. Melony não pode citar nada concreto que desqualifique Douglas, mas ela acredita que ele é arrogante e insensível e não deveria ser um presbítero. Agora, Melony precisa fazer julgamentos sérios: “Quão confiante devo ser em minha opinião sobre Douglas? O que devo lhe dizer ou aos presbíteros? Devo argumentar com os outros

membros, mesmo sob risco de causar divisão?”

Em contextos sociais, Sarah, membro de uma igreja, fala continuamente sobre seus filhos bem-sucedidos nos esportes e nos estudos. Os filhos de sua amiga Tanisha têm dificuldades em várias áreas, e Tanisha se vê cada vez mais incomodada com Sara e sente inveja. Seu líder de estudo bíblico encoraja-a a tolerar, a deixar que o amor cubra uma multidão de pecados e a perdoar Sarah, ainda que ela continue indiferente à sua insensibilidade. Tanisha tem um julgamento a fazer: “Devo apenas evitar Sarah, dizer-lhe algo ou seguir o conselho de meu amigo, perdoá-la silenciosamente e tolerar?”

Gary, membro de uma igreja, está desempregado há um ano, mas não mostra nenhum interesse em achar outro emprego e passa o dia inteiro assistindo à televisão. Enquanto isso, outro membro, Susanne, uma mãe solteira, trabalha em dois empregos e, ainda assim, não consegue fazer face às suas despesas. Ambos têm lutado para honrar seu aluguel e receberam agora alertas de despejo. A igreja tem dois julgamentos a fazer: “Como o ajudaremos? Como podemos ajudá-la?”

A família Brown sabe que sua agenda cheia lhes permite convidar pessoas para jantar apenas uma vez por semana. Consideram diferentes tipos de pessoas na igreja: bons amigos cuja companhia eles apreciam naturalmente, idosos, solteiros, universitários, seus familiares, pessoas de etnias ou renda diferentes e assim por diante. Eles têm de fazer um julgamento: “Quem devemos priorizar?”

Cada um destes julgamentos dá aos membros de uma igreja a oportunidade para revelar o amor de Deus. Isso não quer dizer que haveria uma resposta certa para cada uma destas perguntas. Mas em momentos como estes podemos nos esforçar para viver de acordo com o amor e o julgamento de Deus ou não. A passagem da Escritura que tenho em mente procede de Jesus: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34-35).

Observe, primeiramente, que as decisões que fazemos sobre amar uns aos outros (ou não) manifestarão (ou deixarão de manifestar) o amor de Jesus por pecadores. Observe, em segundo, que nossos vizinhos e amigos não cristãos saberão que pertencemos a Jesus não somente pelo modo como os amamos, mas também pelo modo como amamos uns aos outros. Em outras palavras, a decisão de Jeremy de corrigir o pecado e a decisão de Jim de receber a correção, a indicação de Douglas ao presbitério e a reação de Melony a essa indicação, a decisão de Tanisha sobre como reagir a Sarah e assim por diante, todas os confrontam com esta pergunta: eles amarão as outras pessoas em questão da maneira como Cristo as tem amado?

Conclusão

Anteriormente, neste capítulo, mencionei quão frequentemente as pessoas dizem: “Não me julgue”. Quer dito em autodefesa, quer de brincadeira, a declaração faz sentido numa cultura que é convencida de que pessoas podem refrear-se de fazer julgamentos. Sem dúvida isso é impossível. Todos nós fazemos julgamentos, todos os dias. É chamado de tomar decisões.

Dizemos a nós mesmos que não gostamos da ideia de julgamento, certamente porque o julgamento sempre envolve excluir algo; e um dia nós mesmos podemos ser esse algo. Portanto, a solução ocidental contemporânea é excluir a exclusão. Destruímos qualquer barreira que possamos. Fazemos graça das velhas tradições, como mostra um programa de televisão que ri de qualquer pessoa que leva a vida a sério. Rejeitamos limites morais, ofuscamos o gênero, menosprezamos toda autoridade que encontramos.

O que resta? Nossas tribos, nossos ídolos e nossos apetites. Desprovidos de antigas virtudes como honra, civilidade e caridade, bem como da habilidade de pensar moralmente, dependemos dos tribunais e dos legisladores para resolver nossas disputas. E eles mesmos dão testemunho de uma confusão moral crescente.

Nesse ambiente, as igrejas são realmente como lojas de excentricidades. Quão estranhas parecem, cada vez mais. Estão cheias de um grupo de pessoas que creem verdadeiramente que “Deus diz”. E o que “Deus diz” eles ouvem realmente – e creem, e obedecem – como amor.

Isso suscita a pergunta de nosso capítulo final: o que autoridade tem a ver com amor?

Esta e as citações seguintes são de William Faulkner, *As I Lay Dying* (New York: Vintage International, 1990), 177-79.

Frederick L. Gwynn et al., eds., *Faulkner in the University* (Charlottesville, VA: University of Virginia Press, 1959), 114.

Paul David Tripp, *Instruments in the Redeemer's Hands: People in Need of Change Helping People in Need of Change* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2002), 34.

Ta-Nehisi Coates, “Hope and the Historian”, *The Atlantic* (website), December 10, 2015, <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2015/12/hope-and-the-historian/419961/>.

O material desta seção apareceu originalmente em Jonathan Leeman, “Response to John Franke”, em *Four Views on the Church's Mission*, ed. Jason S. Sexton (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2017), 137-38.

Capítulo 7 | Amor e Autoridade

Não é apenas de julgamento que temos medo. Temos medo de pessoas que fazem julgamentos que nos imponham obrigações. Isso nos leva ao tema da autoridade. Uma autoridade é alguém que possui o direito de fazer julgamentos que imponham obrigações aos outros.

Autoridade não é a mesma coisa que poder. Poder é capacidade, como a força para levantar uma pedra. Ainda bem jovem, você talvez tenha o poder ou a capacidade de dirigir um carro, mas não possui a autoridade para fazê-lo, caso não tenha uma carteira de motorista.

Digo de novo, autoridade é um direito moral ou uma permissão moral para fazer julgamentos e exercer poder num domínio específico. É uma licença ou uma autorização. Outras pessoas nesse domínio possuem uma obrigação de obedecer, pelo menos de acordo com os termos especificados na autorização. Tenho de obedecer ao guarda de trânsito quanto ao limite de velocidade. Não tenho de obedecer-lhe a respeito de com quem devo me casar.

Usando outro exemplo, um pai possui autoridade sobre seus filhos; eles estão no domínio do pai. Mas a autoridade do pai é limitada porque ele, por sua vez, está sob uma autoridade moral mais elevada. O pai não tem autoridade absoluta para agir em relação aos filhos como quiser. Deus nunca autorizou os pais a se exasperarem ou a ferirem seus filhos. Nenhum pai possui essa autoridade. Pelo contrário, a autoridade de um pai sobre seus filhos deve permanecer sempre dentro dos termos especificados pelo autorizador, Deus.

Somente Deus tem autoridade absoluta e inquestionável. Sua autoridade é. Ele pode, se quiser, nos dizer o que devemos comer, o que vestir, com quem dormir. A autoridade de Deus não é sujeita à revisão judicial ou a uma demissão do cargo, porque não o colocamos no cargo. Podemos ignorá-lo por um tempo, mas não podemos excluí-lo. Deus possui um direito moral intrínseco para governar, fazer julgamentos e exercer poder. Como um autor que escreve o que lhe agrada, o autor de toda a criação possui toda a autoridade sobre o que criou.

A autoridade humana, porém, é sempre relativa e limitada. Não é algo que *somos*. É algo que precisa nos *ser dado*.⁸⁶ É um ofício que devemos exercer – seja de pai, marido, cidadão, membro de igreja, pastor/presbítero, policial, deputado, juiz, professor, piloto de avião, operador de máquinas ou outra posição qualquer. Nossa autoridade é emprestada de Deus, e isso significa que Deus sempre estabelece seus limites e propósitos.

Esses são alguns dos princípios básicos sobre autoridade. São muito simples. Mas o drama da autoridade – ah! Isso é algo diferente. E que drama existe!

Pelo menos duas coisas criam o drama. Primeiramente, todos nós queremos exercer autoridade, pelo menos sobre nós mesmos. Dentro de nós, há um impulso que, quando confrontado, nos leva a reagir: “Você não é Deus! Você não tem nenhum direito. Quem você pensa que é?” Todos nós somos impulsionados a começar uma batalha sempre que os pés de outros penetram o nosso território.

Em segundo, todos nós sabemos muito bem quão frequentemente autoridade é usada de modo impróprio. Pais abusam de seus filhos; ministros defraudam suas congregações; chefes discriminam classes de empregados; líderes políticos aceitam suborno; os poderosos se aproveitam dos fracos. Assim, decidimos que não se pode confiar na autoridade. É como uma arma. Você não a deixa em qualquer lugar da casa. Alguém poderá levar um tiro. De fato, talvez devamos nos livrar completamente da arma.

Então, o que fazemos com a autoridade? Ela parece essencial à coordenação da vida em comunidade. Por exemplo, não se pode simplesmente deixar que qualquer pessoa saia por aí dirigindo um carro. Mas, autoridade é inerentemente desamorosa? Se vamos falar sobre autoridade, temos de encarar suas realidades mais difíceis.

Uma olhada honesta

O romance *Beloved* (Amada), de Toni Morrison, vencedor do prêmio Pulitzer, oferece um vislumbre comovente no poder destrutivo da autoridade.⁸⁷ O romance se passa em 1874, no período de pós-escravidão. Aborda o impacto social e psicológico da escravidão sobre vários negros livres.

Em uma cena, uma avó chamada Baby Suggs reflete sobre a razão de não estar preocupada com a possibilidade da morte de seu filho mais novo. Ela compreende que “fora mais bem preparada para isso do que para a vida dele”. Afinal de contas, seus senhores brancos haviam lhe roubado cada um de seus filhos. Havia aprendido a não ter interesse neles.

O último de seus filhos... ela praticamente nem olhou quando nasceu, porque não valia a pena o esforço de tentar guardar feições que nunca veria serem mudadas à medida que ele se tornasse adulto. Sete vezes ela fizera isso: segurara um pezinho, examinara com seus próprios dedos as pontas de dedinhos gordos – dedinhos que ela nunca viu se tornarem mãos de homens ou de mulheres que uma mãe reconheceria em qualquer lugar.

Você pode imaginar ter sete filhos roubados? Pela autoridade legal? Por sanção constitucional? Como propriedade? O que isto causa numa mãe?

Ela não sabia até hoje como eram seus dentes permanentes ou como eles mantinham a cabeça quando caminhavam. Patty perdera seu ceceio? Que cor assumiu a pele de Famous? Aquilo no queixo de Johnny era uma rachadura ou apenas uma fenda que desapareceria logo depois que sua mandíbula mudasse? Quatro moças, e na última vez em que as viu, não havia pelos embaixo do braço. Ardelia ainda gosta muito de pão queimado na base? Todos os sete se foram ou morreram. Que objetivo haveria em olhar intensamente para o mais novo?⁸⁸

Filhos queridos. Vendidos para um senhor desconhecido. Para usar e abusar como quisesse. No entanto, não eram apenas seus filhos que ela desconhecia. Baby Suggs, ao ganhar liberdade, compreendeu que não conhecia a si mesma.

Por mais triste que fosse não saber onde os filhos haviam sido sepultados ou qual era a aparência deles se estivessem vivos, o fato era que ela sabia mais a respeito deles do que sabia a respeito de si mesma, pois nunca descobrira como ela mesma era. Será que ela sabia cantar? (Era agradável ouvir quando ela cantava?) Ela era bonita? Era uma boa amiga? Poderia ter sido uma mãe amorosa? Uma esposa fiel? Será que eu tive uma irmã, E ela se parecia comigo? Se minha mãe me conhecesse, ela gostaria de mim?⁸⁹

Chegamos a ser o que somos por meio de nossos relacionamentos – cônjuge, amigo, mãe, esposa, irmã, filha. Senhores de escravos pareciam saber instintivamente que romper esses laços desumanizaria o escravo e o converteria numa ferramenta mais útil: uma pá de jardinagem, uma luva de cozinha, um balde de água, um arado de campo. Baby Suggs havia sido tratada não como a imagem de Deus, e sim como uma ferramenta.

O poder sancionado legalmente – a autoridade – extinguiu o humano no humano.

Em face destas realidades, não pareceria ingênua qualquer afirmação efusiva e entusiasta de que “autoridade é amor”? Não traria o risco de promover mais injustiça?

O título do livro *Beloved* (Amada) é rico em ironia. Não tomarei tempo para explicar o seu papel no romance, mas direi que o amor se esforça para existir em todo o livro. Procura desesperadamente uma oportunidade. Agarra-se à esperança. Quer viver. Mas o ano de 1874 é totalmente mal-assombrado pelo passado. Não é como se as cadeias fossem removidas e repentinamente os escravos se tornassem pessoas felizes e saudáveis. O poder destruidor da escravidão continuava dentro deles. Infelizmente, os personagens do romance são capazes apenas de versões deformadas e derrotistas do amor. Mesmo quando pensamos que dois deles podem gozar do acolhimento do amor – uma mãe e uma filha, um homem e uma mulher, uma moça e sua irmã – a “floresta impenetrável” dentro de cada personagem arruína a tentativa e deixa a pessoa de mãos vazias. As citações acima nos dão um vislumbre psicológico de quão destruidores da mente podem ser esses abusos de poder. Pessoas talvez nunca se recuperem de alguns abusos. As injúrias nunca desaparecem, pelo menos neste lado da glória.

Com tudo isto em mente, perguntamos de novo: amor e autoridade podem coexistir? Compreensivelmente, muitos pensam que a resposta tem de ser não. Nossa época se mostra feliz em oferecer terapia, encorajamento e redirecionamento. Filhos desordeiros numa sala de aula podem precisar destas coisas, mas não de disciplina. A palavra *disciplina* parece muito severa, muito autoritária.

Mas isso é correto? De fato, acho que autoridade é essencial à vida e ao desenvolvimento. Há uma diferença entre um bom uso de autoridade e um uso abusivo, que é autoritarismo.

Ou, afirmando em palavras mais enfáticas, não penso que podemos realmente separar amor e autoridade, assim como disse no capítulo anterior que não podemos separar amor e julgamento. Lá eu disse que a ligação entre amor e julgamento é inevitável porque o amor sempre depende de um julgamento. A mesma ligação existe entre amor e autoridade. Todos nós usamos a autoridade que nos foi dada para satisfazer aos propósitos de nossos amores – toda vez. Isso é verdadeiro acerca de pessoas como Abraham Lincoln ou Adolf Hitler, um chefe de empresa ou uma babá, você e eu. O amor governa. Isso é o que o amor faz. O amor sempre emprega todo domínio que possui para cumprir seus propósitos.

A questão real em nosso uso de autoridade é o que ou quem amamos mais, pois do objeto de nosso amor será o governo que estabeleceremos. Lembre-se das duas cidades de Agostinho. Ou amamos mais a Deus, ou amamos mais a nós mesmos, e nosso amor operará em direção a um desses dois fins. Trabalharemos para a glória de Deus criadora de vida ou para o nosso próprio poder destruidor de universo.

Por sua vez, as igrejas deveriam ser retratos de um e não do outro. Devem ser embaixadas do céu onde o amor de Deus reina. O amor reinante de Deus deve ser manifestado na autoridade da congregação, em seus líderes e em seus membros individuais.

Para entendermos isso, pensemos em autoridade na criação, na queda e na redenção e, em seguida, em autoridade na igreja.

Autoridade na criação

O agricultor Adão acorda às 4h30m da madrugada, veste seu macacão e calça as botas, abastece o comedouro das galinhas, ordenha as vacas e, depois, sobe ao trator para lavrar um campo. Deus lhe

falou que trabalhasse em seu campo, para “guardá-lo” (Gn 2.15).

Será um dia muito longo, mas o trabalho é bom e recompensador. Fornece grãos, leite e ovos para a cidade. Outros transformam os grãos em pão e macarrão; o leite, em iogurte e queijo; e os ovos, em omeletes. Sua esposa, Evelyn, e seus filhos contribuem fazendo sua parte. E os trabalhadores que ele contrata lhe permitem produzir os grãos de três campos, e não somente de um.

Deus criou o agricultor Adão e sua esposa Evelyn à imagem dele mesmo e lhes designou a tarefa conjunta de governar sobre seu pequeno lote de terra. Deus lhes disse que fossem frutíferos, se multiplicassem, enchessem a terra, subjugassem-na e exercessem domínio (Gn 1.28). Pegando sua Bíblia, o agricultor Adão compreende que ser criado à imagem de Deus significa que ele e Evelyn são um filho e uma filha de Deus e que foram coroados como rei e rainha sobre suas galinhas, vacas, filhos e campos.

Mas não são apenas eles. Toda a humanidade portadora da imagem de Deus foi coroada como reis e rainhas. O salmista observa com admiração:

Que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu, e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares (Sl 8.4-8).

Ser humano é ter governo atribuído a si. Essa é uma parte importante do que significa ser criado à imagem de Deus. Assim como um filho se parece e age como seu pai e faz o que ele faz, também fomos criados para governar, como nosso Deus, que é um Rei. Governar é essencial ao ser humano – possuir e exercer autoridade de uma maneira que reflete o caráter de Deus.

O agricultor Adão e sua esposa Evelyn devem governar os filhos e os trabalhadores agrícolas da mesma maneira que o fazem com as galinhas e as vacas? É claro que não. Os filhos e os trabalhadores também são criados à imagem de Deus. São reis e rainhas por direito pessoal. Isso significa que a tarefa de Adão e Evelyn consiste em criar, desenvolver e instruir seus filhos como príncipes e princesas, preparando-os para seu próprio governo. E os trabalhadores agrícolas devem ser pagos com justiça e ter a oportunidade de maximizar seu próprio potencial como governantes. Talvez os três campos se multipliquem em nove por meio de seus esforços; e cada um ganhe responsabilidade sobre vários trabalhadores. Os auxiliares se tornarão em gerentes, e os gerentes, em donos de suas próprias terras.

Deus concede a todo ser humano certo domínio e um conjunto de regras ou normas para administrar esse domínio. Aqui estão duas das mais cruciais:

Primeira, *use sua autoridade para criar, desenvolver e ajudar pessoas a florescerem. Autoridade* está ligada a *autor*, como sugere a raiz latina comum das duas palavras. Deus é o autor da criação a partir do nada. Refletimos a sua imagem ao pegarmos algo que Deus criou e lhe dar ordem, forma ou função. Assim, removemos a sujeira, semeamos o campo, construímos a casa, pavimentamos as estradas, vendemos nossa produção no mercado.

Segunda, *use sua autoridade sobre os humanos para prepará-los e capacitá-los a exercer governo.* Deus usa sua autoridade generosamente. Ele delega. Dá poder a criaturas feitas à sua imagem, para que possam espelhá-lo, refleti-lo, imitá-lo e representá-lo. Essa é a razão por que o salmista fica tão admirado: ele observa todas as estrelas que Deus colocou no céu e exclama: “Que é o homem, que dele te lembres?” (Sl 8.4). Nunca poderíamos colocar as estrelas onde estão. Poderíamos indagar por que Deus simplesmente não governa a terra e não a subjugava sem nós – ele faria sozinho um trabalho melhor! Poderia garantir que ninguém jamais ficaria preso no trânsito e que os cadarços das crianças não acabariam em nós, sem mencionarmos guerras, crimes e pontes que caem por haverem sido mal construídas. Mas, por suas próprias razões, Deus nos confia autoridade. Ele nos dá espaço para exercer governo, crescer, cometer erros, fracassar e começar tudo de novo. É como um pai que diz a seu filho: “Construa esta casa de árvore comigo” ou como uma mãe que diz à sua filha: “Faça este bolo comigo”, embora o pai saiba que o filho não o fará tão bem.

O governo de Deus sobre nós não é nada, se não é generoso. Ele quer que compartilhemos de sua glória porque, ao partilharmos dela, refletimos ou manifestamos sua glória para que todos vejamos. Nossa autoridade sobre outros portadores da imagem de Deus, quer sejam nossos filhos, quer sejam nossos auxiliares no escritório, deve semelhantemente procurar equipar, capacitar e promover. É o professor ensinando, o treinador treinando, a mãe exercendo maternidade. Isso diz: “Aprenda mais. Corra mais rápido. Ame bem. Eu lhe darei os instrumentos”.

Autoridade, como Deus a planejou na criação, não extingue o humano no ser humano. O humano foi planejado para a autoridade, da mesma maneira que um carro de corrida foi planejado para correr. É por isso que, ao recebermos uma oportunidade de exercer autoridade, de uma maneira ou de outra, nos vemos às vezes pensando: “Sim, fui *criado* para fazer isto!” Ignorando por um momento as questões do pecado, exercer autoridade é apropriadamente gratificante e vitalizante.

No entanto, não se trata apenas de exercer controle. Trata-se também de amar os outros e servi-los. A autoridade de Deus opera não somente de cima para baixo, mas também de baixo para cima. Imagine-me na Disneylândia, com uma filha nos ombros, outra na mão e acompanhando uma terceira e uma quarta ao redor do parque, fazendo tudo que posso para lhes agradar. Ou imagine

minha esposa dirigindo o carro para ir da aula de balé ao treino de softbol e, depois, à aula de piano. À semelhança da autoridade de Deus, que é a “rocha” em que estamos firmes, a autoridade amorosa dada na criação é frequentemente oferecermos nossa vida como uma plataforma sobre a qual outros edificam sua vida. Isso é que significa a minha afirmação de que a autoridade não é apenas de cima para baixo; é também de baixo para cima. “Eu lhe dou o necessário, custeio sua vida, apoio você e lhe dou orientação” – de baixo para cima. Mas também – “Aqui estão as regras” – de cima para baixo. Autoridade são ambos.

Boa autoridade restringe para soltar, corrige para ensinar, poda para dar crescimento, disciplina para treinar, estabelece leis para edificar, julga para redimir, estuda para inovar. Confie em mim, e eu lhe darei um jardim no qual você possa criar um mundo. Apenas guarde meus mandamentos. Eu amo você.

Boa autoridade ama. Boa autoridade dá. Boa autoridade distribui autoridade.

Deus projetou o agricultor Adão para fazer o que faz em sua fazenda para os propósitos do amor – amor a Deus e amor ao próximo. Ele alimentará as galinhas e ordenhará as vacas porque ama sua esposa e seus filhos. Semeará e colherá o campo porque ama seus trabalhadores e pessoas da cidade. Ele amará todos eles porque foram criados à imagem de Deus, e ele ama a Deus acima de tudo. Em grau inferior, o agricultor Adão amará até o solo da terra como um presente de Deus, como alguém pode amar um carro ou uma casa. Por isso, adotará práticas de lavoura sustentáveis. Mas seu propósito é sempre servir pessoas e a Deus, para que possam conhecer melhor a Deus.

A autoridade ou governo piedoso, em palavras bem simples, é *a operação do amor*. É o que a fornalha de afeições piedosas faz. É o professor ensinando porque deseja que seus alunos conheçam a beleza do mundo de Deus. É o treinador treinando porque deseja que seus jogadores conheçam a alegria de glorificar a Deus com suas habilidades e determinação. É a mãe exercendo maternidade porque deseja que seus filhos amem o Senhor de todo o seu coração, sua mente e sua alma. O amor santo é o alicerce de todo uso bom e piedoso de autoridade. Fornece propósito e estrutura da autoridade.

Autoridade caída

Um dia, porém, o agricultor Adão acorda com dor de cabeça. Fica dormindo um pouco mais, na esperança de que a dor de cabeça acabe. Quando se levanta realmente, sente ansiedade quanto a seus deveres; por isso, grita com os filhos. Não agradece à esposa, nem a encoraja pelo trabalho, mas, em vez disso, profere seus resmungos. Logo ele se vê gritando com seus trabalhadores, acusando-os de frouxidão. O processo se repete por vários dias e, depois, semanas. Os trabalhadores confiam menos em Adão. Trabalham com afinho somente quando ele está olhando e competem entre si para ganhar seu favor. Até sabotam o trabalho um do outro. E toda a fazenda segue ladeira abaixo.

O que aconteceu? Para começar, o agricultor Adão parou de amar a Deus acima de tudo e começou a amar a si mesmo em primeiro lugar. Tornou-se preocupado com sua agenda, seus planos, seu controle, seu senso de retidão. Em segundo, isso quer dizer que ele começou a definir justiça e retidão em torno de seus impulsos e percepções. Em terceiro, isso quer dizer que ele estava desobedecendo a Deus. Deus encarregou o agricultor Adão de amar e mostrar bondade para com todos ao seu redor. E o incumbiu de não se exasperar com seus filhos e cuidar dos trabalhadores que estavam sob sua autoridade. Mas o agricultor Adão decidiu, pelo menos durante suas explosões de ira, que sua própria lei era suprema, não a de Deus. Em quarto e último lugar, ele começou a ver sua esposa, filhos e trabalhadores menos como portadores da imagem de Deus e mais como instrumentos a serem empregados para seus propósitos. Você poderia dizer que ele os desumanizou, ainda que apenas levemente.

Autoritarismo ou abuso de autoridade desumaniza as pessoas e as usa para os próprios fins de alguém. Trata as pessoas como instrumentos para deleite e glória pessoal, não como portadores da imagem de Deus coroados com glória e honra atribuídas por Deus.

A história nos ensina esta lição. As grandes atrocidades registradas nos livros de História, como a escravidão americana mencionada antes, envolvem tipicamente desumanizar as vítimas antes de escravizá-las, torturá-las ou até matá-las. Assim observa David Livingstone Smith em seu livro *Less Than Human: Why We Demean, Enslave, and Exterminate Others*. (Menos que Humanos: Por que Humilhamos, Escravizamos e Exterminamos os Outros). O nazista típico convencia a si mesmo de que matar judeus era certo por raciocinar que judeus eram perigosos e “ratos” que portavam doenças. Os hutus de Ruanda consideravam os tutsis como “baratas”, e centenas de milhares deles foram assassinados. Americanos brancos chamavam os americanos nativos de “selvagens” e os afro-americanos de “propriedade”, a fim de justificarem estupro, sequestro e pilhas de cadáveres. E assim segue o registro histórico todo o caminho de volta até a antiga literatura chinesa, egípcia e mesopotâmica.

É difícil escravizar e matar alguém de sua própria raça, diz Livingstone. É mais fácil matar alguma coisa sub-humana, especialmente por meios sancionados pelo sistema e pelas leis. Um regime assassino não precisa somente de poder; precisa também de algum meio que o faça sentir-se melhor em relação aos atos cruéis que comete. Precisa de um argumento moral ou uma racionalização, do

tipo que você talvez tenha aprendido aos quatro anos de idade quando foi repreendido por bater no seu irmão: “Mas ele pegou o meu caminhão!”

Pulando para os nossos dias, é surpreendente que os defensores do aborto se refiram à entidade que está no ventre da mulher como feto, tecido orgânico, conteúdos uterinos, um aglomerado de células ou uma parte do corpo da mulher, como um apêndice? Se você quer apoiar o aborto, certamente não desejará chamá-lo de bebê ou criança. O argumento em favor do aborto segue o mesmo roteiro de quase todos os regimes escravistas ou genocidas na História. Desumanize qualquer um que fique no caminho do que você quer ou ama.

Em geral, a má autoridade desencoraja, prejudica, enfraquece, suga, drena, debilita, aniquila. É sempre faminta por mais – mais território, mais controle. E, por isso, odeia restrições. Acredita que pode soltar sem restringir, fazer crescer sem podar, inovar sem estudar. Todavia, no processo de sempre receber e jamais dar, torna-se um buraco negro que engole universos. Se o governo de Deus é generoso e amplia a vida, o governo humano caído é egoísta e implode a vida. Frequentemente, até o líder se torna menor. Você já notou como o círculo de amigos ao redor de um parente, chefe ou ditador egoísta diminui? O abusador se torna deplorável e paranoico. Essa é a consequência de imperialismo político, de exploração econômica, de degradação ambiental, de monopolização comercial, de degradação social e de abuso infantil.

Não estou dizendo que a má autoridade sempre vista essas faces monstruosas. Frequentemente ela encanta e persuade. Toma por empréstimo a verdade e oferece simpatia. Diz: “Sei como você está se sentindo. Reconheço seus problemas. Eis a solução. Ouça-me. Guarde os *meus* mandamentos”.

O valor de olharmos para as grandes atrocidades da História é que elas expressam em grande destaque o que é verdadeiro em relação a todo o pecado, ainda que seja apenas o agir grosseiro do agricultor Adão para com sua esposa e filhos. Em última análise, o pecado é nada mais ou nada menos do que o mau uso de autoridade pelos seres humanos – o mau uso da liberdade de escolha que Deus nos deu. A mordida do fruto por Eva e o derramamento de sangue por Faraó se enquadram na mesma classe, operam segundo os mesmos princípios, possuem a mesma autorização. O DNA é o mesmo. Faraó apenas bateu um martelo muito maior.

Autoridade caída pega um dom bom e glorioso dado por Deus à humanidade e emprega-o para o mal. É mentirosa e charlatã. Mas é também muito real, pelo menos por um tempo.

Autoridade redimida

Felizmente, o agricultor Adão e sua esposa Evelyn vão à igreja aos domingos, ouvem as boas-novas de Jesus Cristo, arrependem-se e colocam sua confiança em Cristo.

Ele retorna à sua fazenda naquela tarde, resolvido a liderar como Jesus quer que ele faça. Adão pensa nas palavras de Jesus a respeito de não “dominar” e de que “não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10.42, 45). Adão considera a cena de Jesus usando uma coroa de espinhos, vestindo o manto de escárnio e subindo ao trono da cruz. Jesus, Adão compreende, governou por dar sua vida como um resgate por muitos. Refletiu perfeitamente o amor e a autoridade de Deus. Não destruiu o humano nos humanos, mas, em vez disso, criou, formou, deu poder e comissionou o humano. Inaugurou uma nova criação. Depois, enviou seu Espírito para ajudar seus seguidores a tornarem-se plenamente humanos. O agricultor Adão se pergunta: o que é necessário para que eu exerça autoridade e liderança como um seguidor de Cristo?

Para responder a essa pergunta, precisamos focar em pelo menos três palavras: *amor*, *submissão* e *fé*.

Amor

Lembre-se, primeiramente, do que é amor. É encorajar afetosamente aquilo que é de Deus no amado e dedicar-se a ver Deus exaltado no amado. Foi por isso que Jesus veio ao mundo e amou seus discípulos “até o fim” (Jo 13.1). Jesus deu a si mesmo ao Pai e ao seu povo, para que Deus fosse exaltado na vida deles. Ensinou com autoridade, deu ordens aos ventos e mares, subjugou demônios e amarrou Satanás, afirmou ter autoridade de perdoar pecados, aceitou adoração de seus discípulos e confessou possuir toda a autoridade no céu e na terra. Nenhuma outra pessoa jamais teve essa autoridade. E, no entanto, ele fez tudo isso por amor – amor a Deus e amor ao próximo.

Nós também devemos exercer por amor cada fragmento de autoridade que Deus nos dá – amor a Deus e ao próximo. Isso é verdade quer Deus nos estabeleça como pais ou policiais, como eleitores ou vice-presidentes de marketing. À medida que exercemos nossa autoridade por um exclusivo amor ao ego, pecamos e começamos a abusar dos outros e a explorá-los. Voltamos ao buraco negro e a um universo que diminui. A lógica deve ser clara: se eu amo mais a mim mesmo, você é um instrumento para a minha glória. Contudo, se amo mais a Deus, posso encorajar afetosamente aquilo que é de Deus em você e, depois, dedicar-me a ver Deus exaltado em sua vida.

Submissão

Considere, em segundo, o papel da submissão ou obediência. De fato, este ponto pode ser o mais ignorado destes três. Por isso, gastarei mais tempo nele. Liderança piedosa sempre começa com submissão, ou obediência, ou conformidade, ou seguimento. Se isso parece ilógico, considere o fato

de que Jesus se submeteu perfeitamente ao Pai, e, por isso, toda a autoridade lhe foi dada.

O princípio de que submissão sempre precede autoridade está arraigado em sermos criados como portadores da imagem de Deus. Para governar em nome de Deus, devemos primeiramente nos conformar à sua imagem. Devemos refletir o Todo-Poderoso. E, quando o refletimos, fazemos como ele faz: governamos. É quase como o antigo filme *Dave - Presidente por um Dia*, no qual um sócia do presidente se parece tanto com ele (papel desempenhado pelo mesmo ator, é claro) que, quando o presidente verdadeiro entra em coma, o pessoal da Casa Branca coloca secretamente o sócia no lugar do presidente. E dá certo: ele lidera como presidente. A analogia tem suas limitações, mas sabemos que Jesus imitou o Pai e devemos, também, imitar a Deus.

O ato de conformar nossa vida à vontade de Deus é o começo do governo. Lembre-se do que já ouvimos de Oliver O'Donovan: "Para estar *em* autoridade, você precisa estar *sob* ela; e, se está *sob* autoridade, então, você está nela".⁹⁰ Todos nós aprendemos essa dinâmica quando crianças. Imagine várias crianças transgredindo as regras da sala de aula logo que o professora se retira. Mas uma criança diz: "A professora falou que não devemos fazer isso". O resto do grupo fica incomodado e chama-a de "queridinha da professora" ou "certinha da classe". Por quê? Porque naquele momento essa voz solitária está submissa à pessoa de autoridade, participando na obra de autoridade e, aparentemente, usurpando essa autoridade. Embora não autorizada formalmente, a criança representa a professora por refleti-la ou imitá-la - o que é especialmente irritante e provoca a reação "Ninguém fez de você o nosso chefe!"

Por que você acha que seus amigos não cristãos se ressentem às vezes de sua obediência cristã? Porque sua obediência representa o governo de Deus afirmando a si mesmo, por implicação, na vida deles. Sua obediência é, paradoxalmente, uma forma de governo.

Experimentei em minha própria vida a dinâmica de submissão que leva à liderança. Por natureza, sou um não conformista. Gosto de examinar contra-argumentos para entender melhor o argumento principal; também gosto de ser meu próprio chefe. No entanto, pela graça de Deus, foi quando comecei a me submeter aos pastores em autoridade sobre mim que Deus começou a me confiar mais e mais responsabilidade e autoridade numa igreja. Por fim, tornei-me um presbítero.

Submissão é o caminho para crescimento e liderança. Quão frequentemente os cristãos se esquecem disso, embora o exemplo de Cristo o ensine com clareza.

Submissão é também o caminho para frutificação, como Cristo também ensina com clareza. Pense uma vez mais no homem bem-aventurado no Salmo 1. Ele tem prazer na lei do Senhor e nela medita de dia e de noite. Ele se submete. E o resultado? É como uma árvore plantada junto a corrente de águas que produz seu fruto. Ele prospera. Submissão à lei de Deus e às autoridades que ele coloca sobre nós não extingue a vida ou o potencial criativo do homem bem-aventurado. Multiplica-o.

Não somente isso. Quanto mais um líder se submete à lei de Deus, menos provavelmente ele abusará daqueles que estão em posição inferior na estrutura da igreja. Um bom líder sabe que é restringido pela lei de Deus, restringido pelas regras de seu ofício, restringido aos objetivos específicos desse ofício, restringido por um entendimento profundo das pessoas como portadores da imagem de Deus. O pastor sabe que não é um príncipe. Os pais sabem que não são policiais. Cada uma destas funções é um ofício distinto estabelecido por Deus. Cada um possui sua própria limitação. Quando cheguei aos dezesseis anos e obtive minha carteira de motorista, fiquei desanimado em saber que a carteira não incluía permissão para dirigir motocicletas. Minha autoridade para dirigir tinha limites. A boa autoridade dirige o que Deus afirma que ela pode dirigir. E dirige dentro das pistas de Deus.

Fé

Por fim, considere o papel da fé. Tudo que eu disse sobre *amor* e *submissão* estava presente em forma de semente na criação e floresceu em Jesus. Embora Deus tenha andado com Adão e Eva no jardim, o amor que nos governa atua agora pela fé num Deus invisível que amamos e a quem obedecemos. O fruto de nossa liderança nem sempre é imediato e muitas vezes, protelado. Este ponto é crucial porque, neste mundo, liderança é medida muito frequentemente por resultados visíveis. E, no que diz respeito a muitas funções na vida, isso continua apropriado. Acionistas se preocupam com o preço das ações e devem avaliar a liderança de acordo com isso. Eleitores recompensam resultados na época de eleição. O chefe de construção controla a agenda, tendo em vista um resultado.

No entanto, liderança espiritual não é medida apenas por resultados. É medida também por nossa fidelidade em liderar de acordo com o desígnio de Deus. Se eu tenho de fazer uma escolha entre reter ilegalmente um relatório sobre minha companhia para que os preços das ações não caiam, ou apresentá-lo fielmente, estou certo de que Deus avaliará o "sucesso" de maneira diferente do que meus colegas talvez avaliem. Este é ainda mais o caso em trabalhos dedicados a nutrir seres humanos, como a paternidade e o pastorado. Há maneiras de fabricar resultados nestes domínios, mas esses resultados são geralmente superficiais. De fato, impor esses resultados às crianças ou ao membro de igreja pode ser uma forma de abuso. Esse foi o abuso dos fariseus, que pensavam poder conseguir resultados por acumularem leis. Muito do pastorado e da paternidade piedosos dizem respeito a plantar sementes e esperar que Deus dê o crescimento, como o agricultor Adão tem feito durante toda a vida.

O desejo do agricultor Adão de liderar como Jesus liderou significa amar como Jesus amou, obedecer como Jesus obedeceu e confiar no Pai celestial como Jesus confiou. Isto se aplica a todos nós que desejamos exercer autoridade de maneira piedosa.

Como a igreja incorpora o amor e a autoridade de Deus

Qual é a lição para as nossas igrejas? Bem, vamos começar com o que uma igreja é. Uma igreja, poderíamos dizer, é um grupo de pessoas que incorporam o amor e a autoridade de Deus em sua vida em conjunto e em meio aos de fora. É uma embaixada do governo de Deus e um jardim do seu amor.

O agricultor Adão continua a trabalhar na lavoura, mas também começa a pastorear. Tanto aos domingos como durante a semana, ele planta sementes, mas são tipos diferentes de semente. De segunda a sábado, o agricultor Adão planta sementes de grão. No domingo, o pastor Adão espalha a semente da Palavra de Deus. Esta Palavra pronuncia os julgamentos de Deus com toda a autoridade. Às vezes, essa semente cai em solo árido. Esses são aqueles que visitam a igreja e não retornam. Às vezes, a semente cai em solo cheio de ervas daninhas ou pedregoso. Esses são aquelas pessoas que a princípio parecem animadas com a igreja, mas logo entram em problemas. E, às vezes, a semente cai em solo bom. Quando isso acontece, a semente se enraíza no coração de ouvintes e, depois, pelo Espírito de Deus, brota e cresce. Estes ouvintes começam a amar uns aos outros. Reconhecem, cada vez mais, quão preciosos são todos os outros membros – portadores da imagem de Deus com potencial voltado para Deus. Negros, pardos, brancos e asiáticos; ricos e pobres, homens e mulheres; maduros e imaturos – todos eles se tornam cada vez mais preciosos uns para os outros. Por isso, dedicam-se cada vez mais a verem Deus exaltado na vida uns dos outros. Às vezes, as ervas daninhas precisam ser arrancadas, e o mato, cortado. Mas, em tudo isso, o jardim prospera e floresce.

Os membros de uma igreja em que o amor governa não competem por autoridade e oportunidade. Em vez disso, buscam maneiras de fortalecer e ministrar uns aos outros, para que todo o corpo seja edificado em amor. Certamente isso significa cuidar das necessidades físicas uns dos outros, quando a ocasião exigir, como Deus cuida de nós. E, mais do que isso, significa perdoar uns aos outros e apontar para o governo de Deus conforme estabelecido em sua Palavra, a fim de que todos sigam os caminhos de Deus e participem de seu governo.

Pregar e ensinar é exercer autoridade amorosa, porque mostra às pessoas a revelação de Deus. Discipular é exercer autoridade amorosa, porque busca ver as pessoas conformadas à imagem de Deus. Evangelizar é ter parte na autoridade amorosa, porque diz às nações que Deus é o Juiz e Rei de todos e que ele oferece um meio de perdão.

O fruto destes exercícios não é visto imediatamente. O ensino, o discipulado e a evangelização operam pela fé. O reino de Deus, Jesus disse, é como uma semente lançada no solo. O agricultor dorme e se levanta, de noite e de dia, e a semente germina e cresce, embora ele não saiba como (Mc 4.26-27).

A semelhança do que ocorre numa propriedade agrícola, o alvo da igreja é criar e nutrir vida – neste caso, vida sobrenatural. É cultivar uma colheita de justiça e paz. É viver e crescer como nova criação de Deus.

Unidade na diversidade

Uma maneira sobremaneira importante de a igreja expressar o amor e a autoridade de Deus é por seu testemunho de unidade e diversidade. Assim como a criação de Deus exhibe muitos tipos de flores, animais e pessoas, assim também as pessoas da nova criação possuem uma diversidade gloriosa interligada em unidade. Diversidade não é um problema que precisa de solução; antes, diversidade é boa em si mesma. É um atributo, não um bug, como os programadores dizem.

Por um lado, o povo de Deus é um só, e não há distinções entre eles. “No qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos” (Cl 3.11; ver também Rm 10.12). Os membros da igreja do pastor Adão sabem que compartilham de um só corpo, um só Espírito, uma só esperança, um só Senhor, uma só fé e um só batismo (Ef 4.4-5). Portanto, eles labutam para suportar uns aos outros em amor, com toda a humildade e mansidão, esforçando-se para “preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Ef 4.2-3).

Por outro lado, eles não ignoram suas distinções criadas e experiências diferentes num mundo caído. Em vez disso, as diferentes classes em que os seres humanos dividem uns aos outros, tanto justa quanto injustamente, tornam-se ocasiões para o poder de Deus criar unidade *na* diversidade. Talvez o capítulo bíblico mais enfático sobre este assunto seja 1 Coríntios 12. Paulo começa por observar a diversidade de dons dados à Igreja, que devem ser usados, cada um, para o bem comum. Em seguida, Paulo amplia o que significa esta diversidade, referindo-se a diferentes categorias de pessoas: “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (vv. 12-13). A distinção entre judeus e gregos era de Deus. A

distinção entre escravos e livres não era. Mas Paulo insiste que cada tipo de pessoa era um membro do corpo. E, à semelhança de cada parte de um corpo físico, cada membro da igreja precisa de todos os outros membros:

Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser (vv. 14-16).

Em vez disso, Deus tem propósitos para cada parte – judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres, brancos e negros, os que têm o dom de pregação e os que têm o dom de administração. Cada membro tem uma maneira de servir a todo o corpo: “Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve” (v. 18).

A criação impõe suas categorias, como macho e fêmea. A queda impõe suas categorias, como escravo e livre. E ambos os tipos de categorias afetam dramaticamente a vida dos membros da igreja. Afetam como as pessoas se veem e se relacionam com o mundo ao seu redor. Afetam os dons e as afinidades que os membros podem trazer para o corpo, as histórias que podem contar, as canções que podem entoar, as mágoas e tristezas que conhecem e podem compartilhar. Tornar-se cristão não apaga repentinamente, por exemplo, tudo que uma mulher é e as experiências que ela teve como mulher. Um cristão negro não deixa, repentinamente e de algum modo, de ser negro.

À luz destes tipos de diferenças, Paulo diz aos coríntios que sejam sensíveis uns aos outros. Também quer que os coríntios sejam sensíveis às diferenças que dizem respeito a papéis ou dons. As partes que parecem mais fracas, Paulo diz, são indispensáveis. Às menos honrosas, damos maior honra. Não deve haver divisão, ele continua, e os membros devem cuidar uns dos outros. “Se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam” (vv. 22-26).

O cristianismo trata a todos igualmente no que diz respeito à nossa salvação, mas reconhece distinções no que diz respeito à diversidade corporal planejada por Deus. O desafio de uma igreja é demonstrar que trata a todos igualmente em todas as formas corretas (“Você é meu irmão/irmã em Cristo”) e que reconhece distinções em todas as formas corretas (“Você é diferente e maravilhoso e têm coisas novas a me ensinar”). A verdadeira unidade em Cristo fornece a segurança dentro da qual a diversidade ilumina e deleita, em vez de ameaçar e ofender.

A figura de Paulo de unidade na diversidade neste capítulo impacta dramaticamente as políticas da igreja. Ele não descarta toda a autoridade, quer seja a do Estado, ou dos pais, ou dos maridos, ou mesmo dos presbíteros. Paulo não diz que toda autoridade é má. Não, Deus continua a usar vários ofícios para guiar seu povo e para o bem de toda a criação. No entanto, dentro da igreja, Deus torna fundamental a nossa unidade em Cristo. Como tal, a nossa união e a nossa igualdade nele são primordiais. Pense na promessa da nova aliança feita a Jeremias: “Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR” (Jr 31.34). Cada membro da igreja é um rei-sacerdote, e todos são iguais diante de Deus.

Seguem-se duas implicações. Primeira, isso significa que cada membro, homem ou mulher, tem parte na autoridade mais elevada da Igreja: a autoridade de toda a congregação. Retornarei a isto em breve.

Segunda, quaisquer distinções de classe ou hierarquia entre membros de igreja fora da igreja são imediatamente relativizadas e reduzidas à insignificância. Pense na exortação de Paulo a Filemom concernente a seu servo fugitivo, Onésimo. Paulo envia Onésimo de volta, mas apela a Filemom, “em nome do amor”, que receba Onésimo “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (Fm 9, 16). A distinção política entre senhor e servo ainda existe legalmente. Paulo não pode mudar isso. Mas pode dizer a Filemom que abandone essa hierarquia e receba Onésimo como um irmão.

Eis dois exemplos contemporâneos. Primeiro: aprecio o fato de que, quando eu era membro na Capitol Hill Baptist Church, generais de uma e duas estrelas nunca buscavam reconhecimento especial. De fato, a maioria das pessoas não sabia que eles eram generais. Isso também é verdade em relação a indivíduos que detinham cargos políticos ou administravam agências do governo. Eram tratados como iguais e aceitavam humildemente serem tratados como todos os demais.

Segundo: meu chefe e pastor na época, Mark Dever, um homem branco, caminhava pelos alojamentos dos escravos em um passeio por Mount Vernon, o lar de George Washington. Pensando sobre quantos escravos americanos eram cristãos, Dever compreendeu que estes irmãos em Cristo eram “seu povo”, mais do que qualquer de seus senhores brancos que negavam a Cristo. Sua “política” e relacionamentos foram mudados pelo evangelho.

Esta é a lição para você e eu: somos cristãos antes de sermos homem ou mulher, esta ou aquela etnia, esta ou aquela nacionalidade, um membro deste ou daquele partido, o filho destes ou daqueles pais ou um membro de qualquer outro grupo que este mundo use para nos definir. Não somente isso, mas deixamos Jesus redefinir todas essas categorias. “Jesus, tu me dizes o que significa ser homem e como usar o fato de que sou branco ou de que sou americano”.

Em resumo, a igreja, centrada no evangelho de Jesus Cristo, cria seu próprio tipo de política, uma

política de paz, justiça e amor que confundirá as nações. Às vezes, as nações amarão, mas frequentemente odiarão, as embaixadas do céu conhecidas como igrejas cristãs.⁹¹

Dois tipos de autoridade

Se as igrejas são embaixadas do amor e do governo de Cristo, devemos pensar por um momento sobre a autoridade da igreja e de seus líderes.

Deus dá aos seres humanos dois tipos diferentes de autoridade, e entendê-los é muito proveitoso para sabermos como viver juntos como igrejas sob a liderança de pastores. Os dois tipos podem ser chamados de *a autoridade de comando* e *a autoridade de conselho*. Ambos os tipos permitem que você dê comandos que devem ser obedecidos (apesar de seus nomes diferentes). A diferença é esta: com uma autoridade de comando, você tem o direito de impor os comandos unilateralmente; com a autoridade de conselho, você não o tem.

Tentarei ilustrar. Deus dá aos governantes e aos pais de filhos novos a autoridade de comando. Ele dá ao Estado “a espada” para fazer cumprir as suas decisões e dá aos pais “a vara” para fazerem cumprir suas decisões. Por exemplo, um policial pode fazer cumprir o limite de velocidade dando-lhe uma multa. E um pai pode impor ao filho uma hora de dormir com várias consequências.

E quanto a um marido? Creio que Deus dá aos maridos autoridade, mas certamente eu não diria que Deus dá aos maridos o direito de “impor” sua autoridade, como ao Estado ou aos pais. Em vez disso, os maridos possuem uma autoridade de conselho. Essa autoridade é real porque as esposas são obrigadas biblicamente a se submeterem, e Jesus as tratará como responsáveis no julgamento final (Ef 5.32; 1Pe 3.1). Mas, em nenhuma de suas passagens, a Bíblia dá ao marido o direito de impor suas decisões, pedidos ou apelos. A mulher tem de *escolher* consentir.

Com esta distinção entre comando e conselho em mente, pensemos sobre congregações e presbíteros ou pastores. Que tipo de autoridade eles têm? Não tomarei tempo para expor os argumentos bíblicos aqui; fiz isso em outros livros.⁹² Mas creio que a Bíblia ensina que congregações reunidas possuem a autoridade de comando, enquanto presbíteros ou pastores têm a autoridade de conselho. Se o Estado tem “a espada” e os pais, “a vara”, Jesus deu à congregação reunida “as chaves do reino” (ver Mt 16.19; 18.17-18). As chaves são o mecanismo de imposição que permite às igrejas fazerem coisas como introduzir pessoas na membresia, afirmar a sua saída para outras igrejas ou discipliná-las da membresia quando necessário. As chaves pertencem a cada membro, homem e mulher, jovens e velhos, imaturos e maduros, e devem ser usadas quando a igreja está reunida (Mt 18.20; 1Co 5.4). As chaves dão à igreja sua autoridade humana final.

Ao mesmo tempo, Deus deu uma autoridade de conselho aos presbíteros ou pastores, termos que a Bíblia usa de maneira intercambiável. Os pastores ensinam as Escrituras e dão à congregação discernimento sobre como usar as chaves. Por exemplo, eles podem dizer: “Recomendamos que vocês recebam John na membresia”, ou: “Recomendamos que vocês removam Jane da membresia”, ou: “Recomendamos que confirmem Joe como presbítero”. Quando eles fazem isso, o autor de Hebreus diz à igreja: “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles” (Hb 13.17). A congregação deve seguir o conselho dos presbíteros. Há ocasiões em que a congregação não deve segui-los? Sem dúvida. A congregação deve se opor aos presbíteros sempre que recomendarem um curso de ação que ameaça a integridade, a natureza ou a missão da Igreja e sua doutrina.

Ora, toda essa discussão sobre os dois tipos de autoridade pode ser interessante para você ou não. Por que eu a apresentei? Há três razões:

1. *A natureza da autoridade dos presbíteros (e maridos) impacta dramaticamente o modo como os presbíteros (e maridos) devem exercer essa autoridade.* Como os maridos, os presbíteros não devem “dar ordens”, como um instrutor de exército as dará. Os presbíteros não têm esse tipo de autoridade. Em vez disso, a sua autoridade é mais adequada a ensinar, apelar e, como os maridos, cortejar. Como os maridos, os presbíteros procuram nutrir, fortalecer e promover unidade. Para atingir esses propósitos, impor a um membro de igreja uma decisão específica não é uma atitude de valor, nem o torcer o braço da esposa. Em vez disso, os presbíteros devem viver com suas congregações de uma maneira compreensiva, à semelhança de como a Bíblia instrui os maridos a tratarem sua mulher. Os presbíteros não devem “assenhorear-se” dos membros, assim como, digo de novo, os maridos não devem ser ditadores. Em vez disso, os presbíteros devem liderar por levarem os membros à Palavra de Deus, fazendo isso com muita paciência.

Portanto, não deve nos surpreender o fato de que esse complementarismo bíblico – a visão de que homem e mulher são iguais, mas têm papéis diferentes e complementares – se aplica tanto à igreja quanto ao lar. A liderança protetora, iniciadora e estimuladora dos maridos, no lar, provê uma figura de como os pastores devem liderar seus rebanhos. Ou, ao contrário, a liderança dos presbíteros provê um exemplo para os maridos.

2. *O relacionamento entre liderança de presbítero e autoridade congregacional forma uma dinâmica de discipulado na própria estrutura da igreja.* Você lembra o homem que dormia com sua madrastra e sobre o qual falamos no Capítulo 6? Paulo disse que havia pronunciado “sentença” sobre o homem. Mas, em seguida, ele disse à igreja que o imitasse por pronunciar sua própria sentença (1Co 5.3, 12). Paulo usou sua autoridade e, depois, pediu à igreja que usasse a sua própria. Em outras palavras, ele discipulou seus leitores: “Façam como eu faço”. Eis a fórmula:

Liderança presbiteral + governo congregacional = discipulado

Às vezes eu chamo isso de programa de discipulado de Jesus.

A obra de um pastor ou presbítero é treinar. Depende de modelo e repetição, tanto em palavras quanto em obras. Falando figurativamente, um presbítero demonstra como usar o martelo e a serra e, depois, coloca as ferramentas nas mãos do membro da igreja. Ele toca o piano ou faz uma tacada de golfe e pede ao membro que repita a ação. “Faça como eu faço.”

Os membros não devem considerar os pastores e presbíteros como pessoas que têm “sangue azul” (como a aristocracia do século XVII) ou que receberam uma capacitação especial do Espírito (como os sacerdotes medievais), duas qualidades que estão fora do alcance deles. Em vez disso, os membros devem considerar seus pastores como pessoas que estabelecem o padrão de como eles devem viver e pensar. Devem atentar ao modo de viver e à doutrina deles e, então, imitá-los.

A diferença entre um membro e um presbítero, embora designada formalmente por um título, baseia-se amplamente numa diferença de maturidade e não de classe. Como um pai que tem filhos, o presbítero trabalha constantemente para chamar o membro ao crescimento e à maturidade. É um ofício distinto, certamente. E nem todo cristão maduro se qualifica. Mas o fato permanece: um presbítero se esforça para duplicar a si mesmo à medida que imita a Cristo (ver 1Co 4.16; 11.1).

Fazendo uma observação, essa é mais uma razão de por que as igrejas devem permitir uma pluralidade de presbíteros. As igrejas devem escrever “formar mais presbíteros” em suas descrições de trabalho do pastor. Ter essa pluralidade dá à igreja uma variedade de homens dos quais se aprende e aos quais se imita.

3. Assim como os presbíteros discipulam os membros, assim também as igrejas fazem discípulos das nações. Os presbíteros demonstram supervisão amorosa. Membros os copiam e aprendem a demonstrar governo amoroso. E, juntos, eles mostram às nações como é o governo amoroso.

Uma igreja saudável produzirá, então, pais e mães que demonstram a outros pais e a outras mães na escola de seus filhos como deve ser a autoridade deles. Produzirá gerentes e presidentes de empresas, senadores e juizes, engenheiros e agricultores que fazem o mesmo pelas pessoas nesses campos. Sim, cada um destes ofícios possui sua própria jurisdição e responsabilidades. Mas cada ofício – cada posição de autoridade na qual Deus coloca os seres humanos – apresenta a oportunidade para refletirmos a sua imagem em amor, obediência e (no caso dos nascidos de novo) fé.

Igrejas não podem “transformar” culturas, nem “redimir” cidades. Somente a palavra do evangelho e o Espírito podem. Apesar disso, elas podem fazer discípulos e, às vezes, causar um impacto para o bem no mundo ao seu redor.

Gosto do personagem Atticus Finch no romance *O Sol É para Todos*, de 1960. Ele não é um personagem cristão. Mas sua visão de liderança e autoridade é certamente cristã. Ele vivia com as pessoas de uma maneira compreensiva. “Você nunca entende realmente uma pessoa até que considere as coisas do ponto de vista dela”, ele comenta, “até que entre em sua pele e ande por aí vestido com essa pele”. E usou seu poder como advogado para servir aos oprimidos quando ninguém mais em sua cidade o fazia: “O único lugar em que um homem deve obter um acordo justo e honesto é num tribunal, não importando qual seja a sua cor”.⁹³

Conclusão

Vamos refazer nossos passos pelos olhos do filho do agricultor Adão. Este filho passou vários anos vendo seu pai administrar a fazenda da família. Observou o homem decente se tornar um homem irascível e, depois, um homem redimido. Viu como o evangelho mudou a maneira como seu pai administrava a fazenda. Antes de chegar à fé, seu pai via seus trabalhadores com suspeita e não sentia nenhum pesar em sobrecarregá-los de trabalho. Depois de sua conversão, ele criou relacionamentos com os trabalhadores e se esforçou para treiná-los. Um deles se tornou cristão. Os outros, não. Mas se tornaram administradores honestos e competentes. Nenhum deles é totalmente impermeável à influência dos santos, quer seja aceita, quer seja rejeitada.

Autoridade bem usada é humanizadora nas maneiras mais profundas, porque Deus criou a humanidade para exercer governo. O morador de rua, o vendedor de crack, a criança abortada, o soldado nazista, o vendedor de carros, o jovem negro pendurado numa forca, a mãe, o adolescente, a estrela de Hollywood – Deus coroou todos eles na criação com glória e honra. Cada um deles *deveria* refletir a imagem de Deus.

No entanto, o abuso de autoridade é quase sempre desumanizador. Isso é autoritarismo. Infelizmente, todos nós temos assumido o nosso chamado para governar e abusado desse chamado, prejudicando assim os outros. Por quê? Porque amamos a nós mesmos mais do que a Deus.

A solução é simples, embora desafiadora: arrependemo-nos de nosso autogoverno e de nosso amor próprio, confiarmos na morte e ressurreição de Cristo para o perdão dos pecados e começarmos a governar como representantes de Cristo. Esperamos testemunhar em nossas igrejas os resultados desse arrependimento e desse governo, tanto em nossa comunhão quanto no transbordamento de nossa pacificação no mundo.

Estes discernimentos procedem de Nicholas Wolterstorff, *The Mighty and the Almighty: An Essay in Political Theology* (New York: Cambridge University Press, 2012), 48.

Embora a escravidão não possuísse, certamente, uma sanção moral legítima, possuía uma sanção legal injusta e perversa, que é a razão porque acho que o vocábulo *autoridade*, em vez de *poder*, é o termo correto.

Toni Morrison, *Beloved* (New York: Vintage, 2004), loc. 2276-78, Kindle.

Morrison, *Beloved*, loc. 2293-97, Kindle.

Oliver O'Donovan, *Desire of the Nations: Rediscovering the Roots of Political Theology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), 90.

Quanto a uma abordagem mais ampla sobre este assunto, ver Jonathan Leeman, *How the Nations Rage: Rethinking Faith and Politics for a Divided Age* (Nashville: Nelson, 2018); e Leeman, *Political Church: The Local Assembly as Embassy of Christ's Rule* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2016).

Quanto a uma leitura breve e de nível popular, ver Jonathan Leeman, *Understanding the Congregation's Authority* (Nashville: B&H, 2016). Quanto a uma abordagem mais acadêmica, ver Leeman, *Don't Fire Your Church Members: The Case for Congregationalism* (Nashville: B&H Academic, 2016).

Harper Lee, *To Kill a Mockingbird*, Perennial Classics (New York: HarperCollins, 2002), 33, 252.

Conclusão

Em minha experiência, boa literatura retrata a condição humana de uma maneira que um livro sobre doutrina (como este) não pode retratá-la. Lembro-me de que, certa noite, li consecutivamente um preeminente romancista não cristão e um preeminente teólogo cristão. O teólogo entendia mais acuradamente o pecado. Suas interpretações eram perfeitas. Mas as ilustrações do romancista que mostravam a escravidão dos personagens ao pecado pareciam tridimensionais. Entrei naquele mundo. Senti a escravidão. Foi como contemplar uma obra-prima digna de museu em comparação com figuras de palitos.

Sem dúvida, nenhuma obra literária ilustrará plenamente a difícil e complexa doutrina do amor de Deus. Mas certos momentos expressam um ou outro aspecto desse amor, embora como num espelho embaçado. Um exemplo popular vem de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Um bispo dá hospedagem noturna a Jean Valjean, um ex-prisioneiro e sem-teto. Valjean recompensa a bondade do bispo por roubar seus castiçais de prata e fugir sorrateiramente à noite. Os oficiais de polícia capturam Valjean e levam-no de volta ao bispo. O bispo diz aos oficiais que deu a prata a Valjean, poupando-o de tempo na prisão ou de algo pior. Em seguida, o bispo sussurra a Valjean que, com aquele ato, comprou sua alma para Deus. O resto do romance demonstra que Valjean foi transformado pelo amor sacrificial do bispo. O clímax do livro é um retrato do próprio Valjean agindo como aquele bispo, porém de uma maneira ainda mais profunda. Por causa de sua filha e genro, ele sacrifica não apenas o candelabro de prata, mas também a própria vida.

Li *Os Miseráveis* poucos meses depois de me casar. Chorei nas últimas quarenta páginas. Minha esposa se perguntava o que havia de errado comigo, até que o leu e fez o mesmo. O que a cena do candelabro expressa agradavelmente é a natureza misericordiosa, sacrificial e redentora do amor. O bispo perdoa e abençoa, de maneira altruísta, um homem que é indigno. O livro também oferece retratos bíblicos de amor e autoridade. O bispo usa amavelmente sua posição para elevar Valjean, que faz a mesma coisa por sua filha e seu genro.

Embora tenha dito isso, não pretendo argumentar que este romance expressa a natureza santa do amor, ou a natureza exclusiva do amor, ou a natureza de traçar limites do amor, ou a inflexibilidade do amor pela verdade, ou a obra de julgamento do amor, e assim por diante. O bispo mente a fim de redimir Valjean. E o personagem que representa julgamento, um inspetor de polícia chamado Javert, está dramaticamente em confronto com o amor. Meu livro não tem o poderoso efeito do livro de Victor Hugo, mas espero ter demonstrado com sucesso que, se você não pode descobrir como amor e julgamento, ou amor e autoridade, ou amor e santidade trabalham juntos, você ainda não entendeu o amor de Deus.

Uma história sobre uma comunidade

Se quiséssemos realmente uma história que oferecesse um retrato completo do amor de Deus, precisaríamos de uma história sobre uma comunidade. Essa história poderia começar com um homem que, por amor, nega-se a si mesmo, levanta-se e prega com autoridade o livro do amor de Deus, a Bíblia. Ele pregaria as boas notícias do amor santo de Cristo. Os corações das pessoas seriam quebrantados com estas notícias. Elas se arrependeriam e creriam. E pediriam que fossem batizadas na comunidade do amor de Cristo, a Igreja.

No entanto, aqui a história se complicaria. Cada pessoa traria sua própria história anterior para dentro da comunidade. A história de uma pessoa poderia envolver troféus na época da escola, promoções profissionais e uma face agradável que disfarça camadas de orgulho destruidor de outros. A história anterior de outra pessoa poderia incluir uma infância de abusos agora reciclada em abuso para com os outros; de ira sofrida, em ira liberada. A história de outra pessoa, complacência e indolência. A de outra, bondade e temor. Centenas destas histórias se colidiriam e se entrelaçariam, como um nó de videiras. Ele ofende ela. Ela pisa nos calos deles. Eles amam este professor. Ele confronta aquele grupo. Eles têm dificuldades com fofoca, mas cuidam um do outro. Um casal se separa. Outro casal aconselha. Um rapaz busca alguém a quem possa prestar contas. Uma jovem esposa oferece uma refeição. Uma mulher idosa ensina as mais novas. Um homem mais velho evangeliza. Uma família luta com dificuldades financeiras. Outra família ajuda. Uma minoria se sente sobrecarregada. A maioria se esforça para mostrar empatia. Amizades se desenvolvem. Gerações se dividem. Verdades são declaradas. Desculpas são oferecidas. Palavra de traição. Palavras de bênção.

Em outras palavras, para apresentarmos uma visão completa do amor de Deus, esta história precisaria desenvolver centenas de enredos e subenredos. Um subenredo demonstraria que o amor é paciente e bondoso, o que, sem dúvida, significa que pessoas dão umas às outras motivos para *não* serem pacientes e bondosas. Outro subenredo mostraria que o amor não sente inveja, nem se ensoberbece, o que, de novo, presume tentações de inveja e soberba. Ainda outros revelariam que o amor não é irritável nem ressentido, não se alegra com a prática do mal, mas regozija-se com a verdade. A pressuposição é, uma vez mais, que os membros desta comunidade dão continuamente uns aos outros motivos para fazer o contrário.

No entanto, pouco a pouco, de algum modo, o amor brilharia através dos desafios. Os obstáculos ao amor se tornariam ocasiões para amar.

Os membros desta igreja sofreriam todas as coisas, creriam todas as coisas, esperariam todas as coisas, suportariam todas as coisas. Em outras palavras, sua vida em comunidade não seria fácil, e sim difícil. Isso é o que significa suportar e tolerar. Eles não se julgariam emocionalmente maduros e bem-ajustados, mas, em vez disso, temerosos e desanimados, imaturos e quase maduros, bem-intencionados e fracos. O começo do amor seria, na verdade, tal honestidade quanto a si mesmos e de um para com os outros, sabendo que continuam sendo crianças em crescimento para a maturidade.

Caso você não tenha percebido, estou me baseando no que pode ser a mais ampla meditação sobre o amor na Bíblia, o décimo terceiro capítulo de 1 Coríntios. Tanto quanto qualquer outro meio, este capítulo da Bíblia nos mostra o amor de Deus – um “amor divino, que supera todos os amores”, empregando a frase de Charles Wesley. Mas Paulo apresenta esse amor como um caminho para uma igreja seguir, uma igreja cheia de divisão. Ele o chama de caminho mais excelente.

Uma igreja pode manifestar o amor de Deus de maneira diferente de qualquer outra coisa por causa daquilo que Deus a constituiu. Uma igreja é a família de Deus, e isso significa que ela experimenta algo semelhante ao amor parental e fraternal. É a noiva de Cristo, e isso significa que a igreja é o recipiente de um amor exclusivo e afetuoso. A igreja é o corpo de Cristo, e isso significa que os membros praticam amar uns aos outros como uma pessoa ama as diferentes partes de seu corpo. A igreja é uma nação santa, e isso sugere algo como amor ao país. Quantas metáforas referentes à igreja as Escrituras nos oferecem? Um *rebanho*, uma *vinha*, um *templo*, um *povo*, um *sacerdócio*, uma *coluna e baluarte da verdade*, e assim por diante. Uma igreja requer todas estas metáforas para descrever sua singularidade sobrenatural e para incorporar os muitos aspectos do amor.

Manifestando o amor de Deus

Fundamentalmente, a igreja manifesta o amor de Deus por amar uns aos outros como Cristo nos amou: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34-35). O amor de Cristo resplandece em nosso amor uns pelos outros. Manifestamos a Cristo e o seu evangelho.

Como isso se revela dia a dia? Revela-se como um povo que compartilha o mesmo pensamento, tem o mesmo amor, vive em harmonia. Eles se esforçam para não agir motivados por ambição e presunção egoístas, e sim com humildade, considerando uns aos outros mais importantes do que eles mesmos. Não buscam apenas seus próprios interesses, mas também os interesses dos outros. Essencialmente, eles se esforçam para vestir-se da mente de Cristo, que, embora “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” e “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”. À semelhança de Cristo, eles confessam que “Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.2-11).

De fato, se quisermos realmente uma história que nos dê um retrato completo do amor de Deus, não precisamos de uma obra de ficção. Precisamos da história real sobre uma comunidade real – sua própria igreja. E, no centro desta comunidade, está uma pessoa cuja história envolveu criar o mundo, vir ao mundo, viver para o mundo, morrer pelo mundo, ressuscitar e assumir toda a autoridade sobre o mundo.

- 3 -

Deus é amor. E contemplamos esse amor mais plenamente sempre que Deus, que disse: “Haja luz”, brilha em nosso coração para nos dar a “iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6).

Tragicamente, colocamos a nós mesmos no centro do universo. Vemos a nós mesmos como o centro e a fonte de amor. Ainda quando falamos as palavras “Deus é amor”, definimos Deus e amor de acordo com nós mesmos. Nosso amor centrado no ego faz seus próprios julgamentos e impõe seu próprio governo.

Mas o amor de Deus é santo. Centraliza-se em Deus, que é triúno. Move-se para fora e para dentro, como um bumerangue. Faz julgamentos, afirmando e negando, incluindo e excluindo. Exerce autoridade, criando e ordenando, dando e tirando a vida, edificando e destruindo. Destas maneiras, o amor de Deus não é diferente do amor de cada pecador e cada demônio. Todos os amores fazem julgamentos e aspiram governar. A diferença é que os julgamentos e o governo do amor de Deus são sempre bons, porque ele é sempre bom.

Admiravelmente, Deus atrai pecadores como nós à abrangência de seu amor triúno e centrado em Deus. Portanto, o que acontece não é apenas que Deus nos ama. É melhor do que isso. É que Deus nos incorpora em seu amor por si mesmo – “para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim”, Jesus orou ao Pai (Jo 17.23).

Vamos, portanto, esforçar-nos para amar uns aos outros, por governar, sujeitar e estabelecer domínio sobre a nova criação. E, ao fazermos isso, somos transformados à própria imagem de Deus,

de um grau de glória a outro, participando até mesmo da natureza divina.



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso site

www.ministeriofiel.com.br

Leia também

IX 9 Marcos



a IGREJA e a
SURPREENDENTE OFENSA
do AMOR de DEUS

*Reintroduzindo as Doutrinas sobre a
Membresia e a Disciplina da Igreja*

JONATHAN LEEMAN

IGREJA e a SURPREENDENTE OFENSA do AMOR de DEUS

JONATHAN LEEMAN

50

Leia também



